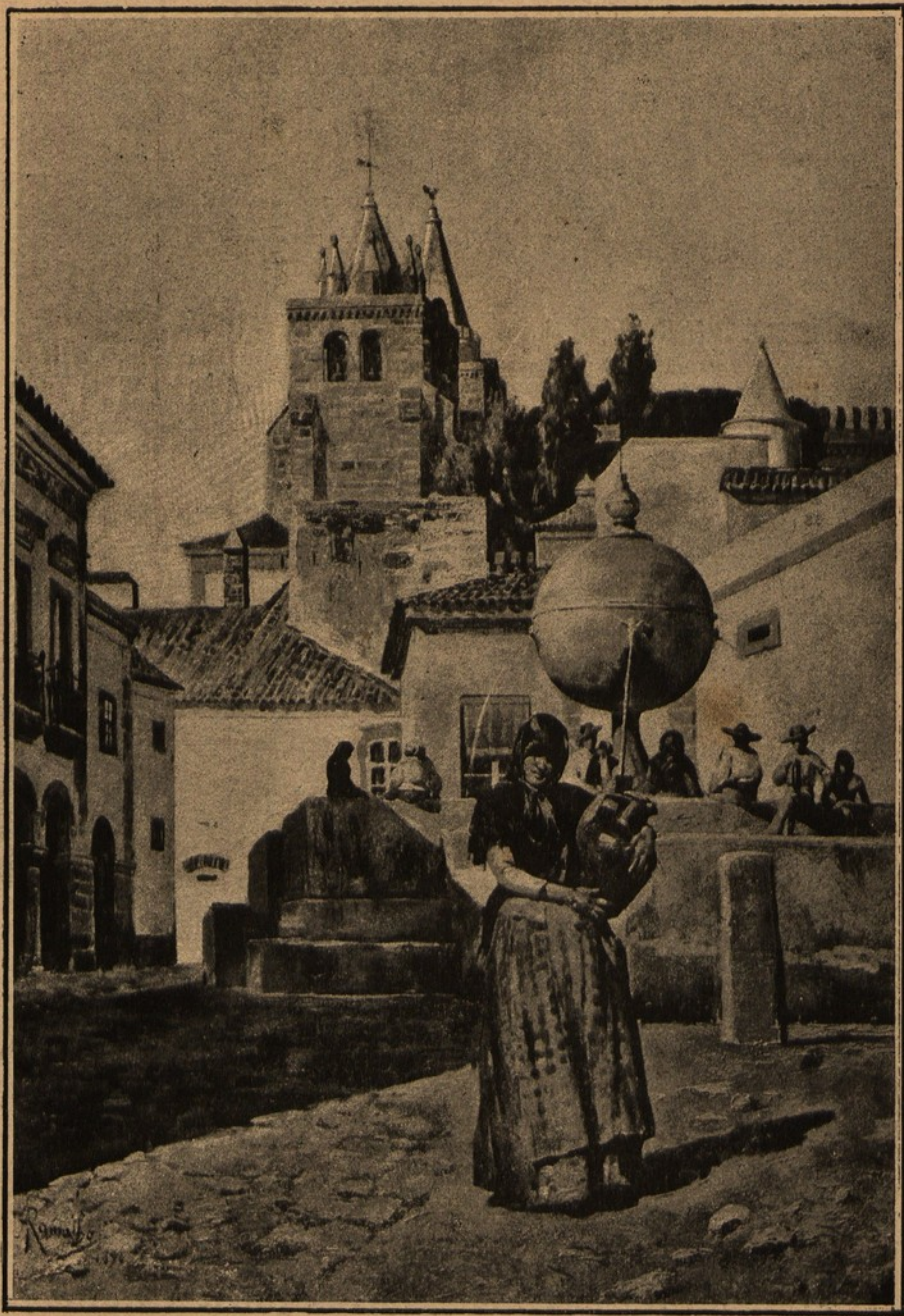


BRANCO E NEGRO



PORTA DA MOURA EM EVORA — (Quadro de A. Ramalho)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 36

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas.
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Leshens á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarella, etc.
Illustrações de 1000
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimento de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

CASA LAMBERTINI

FORNECEDORA DA CASA REAL

PIANOS, HARMONIUMS, REBECAS, FLAUTAS, BANDOLINS, ETC.

Grande sortimento de Musica

EDIÇÕES PETERS

e outras edições economicas

A CASA LAMBERTINI acaba de receber um variado sortimento de Bandolins napolitanos (legitimos) que vende por preços moderados.

Estojos e outros accessorios para Bandolim

CORDAS ITALIANAS

LEGITIMAS VIOLAS HESPANHOLAS

PAPEL DE MUSICA

E todos os artigos referentes á arte musical

DÃO-SE CATALOGOS

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

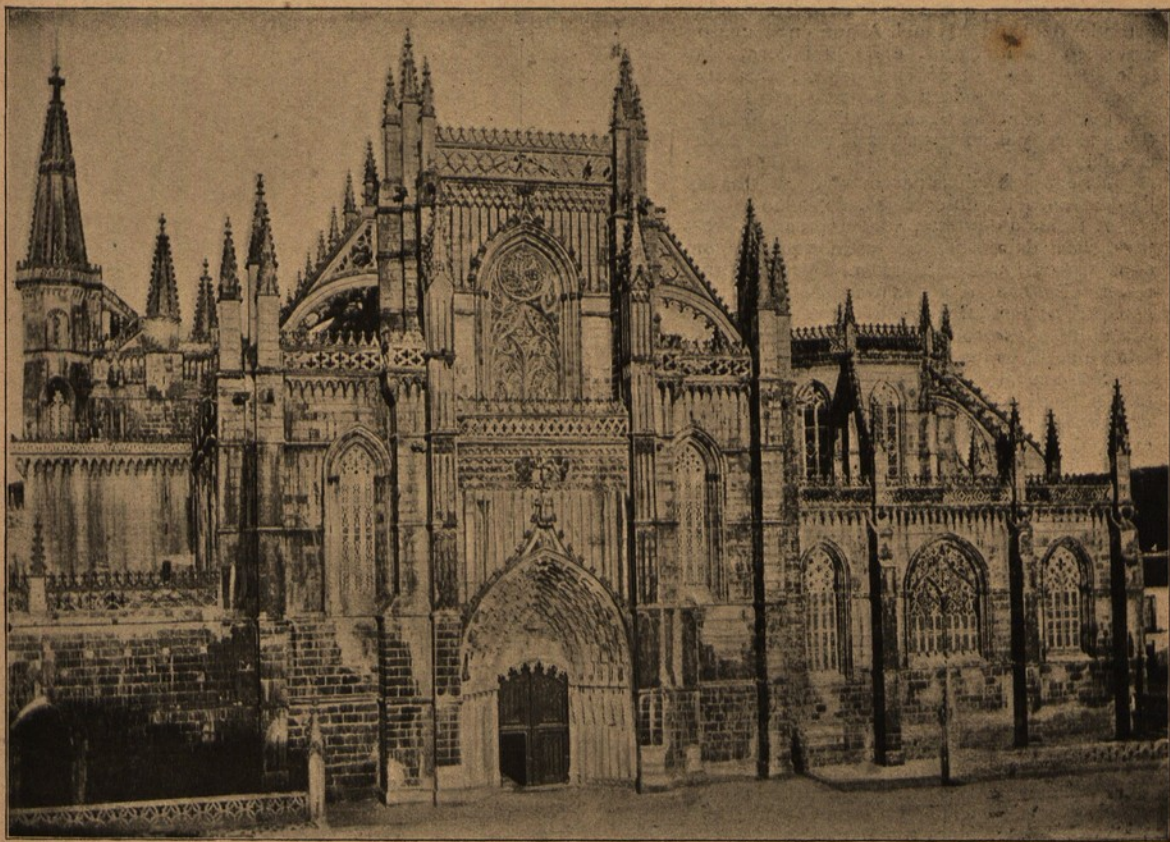
N.º 36

LISBOA, 6 DE DEZEMBRO DE 1896

1.º ANNO

Monumentos de Portugal

O MOSTEIRO DA BATALHA



FACHADA PRINCIPAL DO MOSTEIRO

NA impossibilidade de darmos em meia dúzia de paginas do nosso jornal uma descripção exacta do monumental edificio da Batalha, uma das primeiras maravilhas artisticas do nosso paiz, extrahimos da obra do Visconde de Condeixa um fragmento referente á igreja e da *Abobada*, de Alexandre Herculano, um pedaço do capitulo *O Voto fatal* que não é mais do que a lenda que corre sobre o fechamento da cupula do Mosteiro, que ruiu tres vezes e sob a qual morreu de inanição o mestre Afonso Domingues, depois de tres dias de jejum passados sob a abobada para provar que ella não viria abaixo.

«Se bem que de elegancia pouco vulgar e extremamente graciosa nas suas linhas principaes, a igreja da Batalha affigura-se-nos de aspecto um pouco estreito, assemelhando-se a uma extensa galeria destinada a servir de communicacão entre os dois mauzóleos; e essa fórma mais realmente se accentua, não só por ser o cruzeiro quasi desprovido de toda a saliencia externa, mas ainda restringido pelo pejamento de cinco capellas que lhe reduzem de metade a sua largura real.

Tal disposiçào não poderia prestar-se á construcção de uma d'essas partes salientes, zimbórios ou flechas, que é de uso rematarem todas as igrejas d'aquella epocha, de modo que a linha dos telhados da Batalha apresenta um plano ininterrupto a todo o comprimento do edificio, que permittiria á vista do observador abraçar livremente a parte que se avantajasse acima do conjuncto geral, no caso de ter ella sido concluida: referimo-nos á rotunda de Dom Manuel.

As abobadas de pedra são cobertas d'um tecto ou terraço de inclinaçào quasi imperceptivel, lageado de pedras chatas, de modo que as balaustradas, que constituem a originalidade do estylo da Batalha, se destacam em rendas transparentes no fundo azul do céu.

Insistimos particularmente n'esta disposição, absolutamente insolita n'um paiz em que até mesmo os telha dos dos edificios arabes, como os de Alhambra, são construidos com uma pronunciada inclinação ou declive, por isso mesmo que os terraços lageados da Batalha são evidentemente uma reproducção do estylo franco-oriental da Palestina.

Pódem servir de passeio, como observa Frei Luiz de Sousa, e prestam se a ser varridos e limpos de tudo que n'elles possa accumular-se no longo decorrer dos annos.

Elegante balaustrada, composta de folhas de trevo quadrilabadas e terminando em flôres de liz, garante por todos os lados este amplo terraço, a que dão accesso duas escadas de caracol, uma occulta na grossura da propria parede do cruzeiro do lado meridional, á esquerda da porta de entrada, e a outra na capella do Redemptor.

Cada uma d'estas escadas consta de cento e vinte degraus.

Existe ainda no convento uma escada, de ascensão muito commoda, do alto da qual se descortina o mages toso panorama d'aquella montanha de pedra.

Frei Luiz de Souza menciona a existencia de tres pyramides ou flechas, uma das quaes, a que rematava o mausoleo do fundador, já não existe. A outra ergue-se entre o claustro e a sacristia; na terceira estão os sinos, é de accesso um tanto difficil, se bem que de aspecto muito elegante; acha-se collocada de modo a não cortar a perspectiva da flecha gigantesca, que deveria coroar a grande rotunda de Dom Manuel. A que encimava o mausoleo do fundador, e que foi derribada pelo terramoto de 1755, encontra-se felizmente representada em uma das vidraças por detraz da capella principal ou altar-mór, o que facilitou a Murphy dar na sua obra a reconstrucção exacta.

Na igreja ha duas portas, uma na fachada de oeste, a outra no cruzeiro, do lado do sul.

A fachada de oeste, que em todas as egrejas ogivales da mesma epocha é flanqueada por duas torres massiças, apresenta, pelo contrario, na Batalha, a nudez d'uma fachada italiana. E', no emtanto, de opulento aspecto graças á linha horizontal rendilhada que a termina e ao elegante lançamento dos bataceos.

Sob um tal aspecto, o plano em forma de uma immensa chave teria sido completamente desagradavel, se o architecto não houvesse evitado essa irregularidade não fazendo subir a parte que corresponde ao palhetão da chave á mesma altura da nave principal, coroando esta excrescencia por uma graciosa campanilha, que recordaria a de Florença, se não houvessem restringido, intencionalmente, as proporções da sua elevação, para fazer incidir todo o effeito sobre a enorme rotunda das capellas imperfeitas.

Ainda que ricamente adornado de innumerables estatuetas de santos e das figuras dos doze apóstolos, o portal apresenta esse estylo simples, característico da arte franco-oriental. Estas estatuas são de trabalho mais grosseiro; porém, os baldaquinos de que estão cobertos e os supportes em que pousam, são de cinzeladura extremamente delicada e fina.

O portal é encimado por uma immensa janella, que é tudo o que se póde imaginar de exquisitamente bello em trabalho de esculptura rendilhada.

Esta verdadeira renda, finamente recortada na pedra, foi por Frei Luiz de Souza com menos exactidão que singularidade, comparada á abertura ou «espelho de uma viola», pois que, diga elle o que disser, não é perfeitamente circular.

Os vãos d'este arrendado são preenchidos por vidraças representando as armas e divisas do reino, com outros emblemas. Tal systema dispensa os grandes caixilhos de ferro, mas não dá campo a vastas pinturas sobre o vidro, como succede nas egrejas do norte. Sendo a janella de grandes dimensões e numerosos os vãos, a luz inunda profusamente o interior, muito embora çoadá atravez o colorido da vidraça.

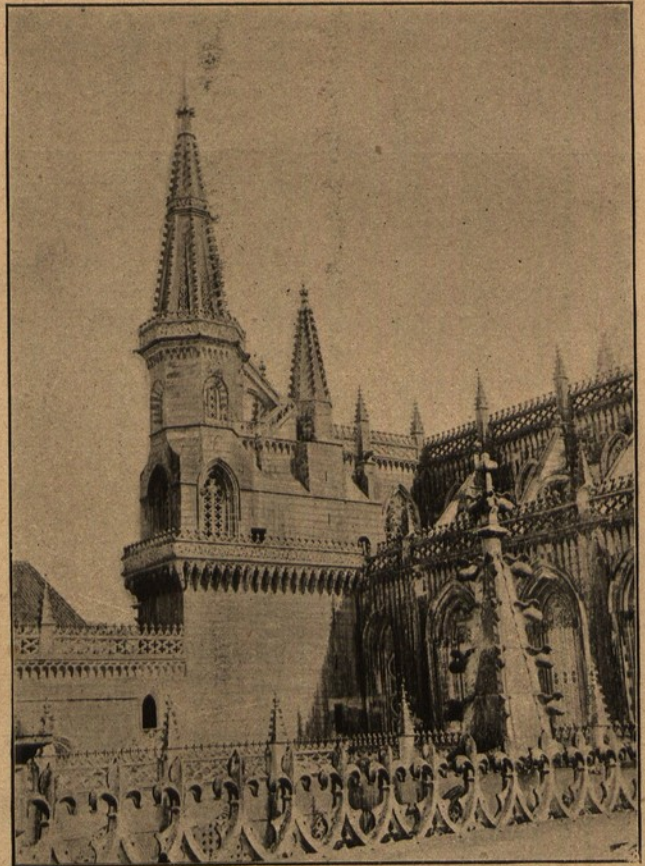
«Faz pasmar a firmeza com que se mantem obra tão miuda, tantos annos ha, em logar tão alto. Não espanta menos a fineza, numero e grandeza de outras vidraças, que dão luz á igreja e cruzeiro. Só no corpo da igreja abrem trintá frestás, todas tão rasgadas de alto a baixo, e ao respeito e proporção tão largas, que em noite clara sendo a casa tão descompassada de grande, e a luz das vidraças em parte embotada com a pintura, póde-se estar n'ella não só sem pavor, mas como em meio d'uma praça»

Assim se expressava Frei Luiz de Souza, porque o estylo ogival não é vulgar em monumentos portuguezes; comparadas, porém, ás janellas das egrejas do Occidente nos seculos decimo terceiro e decimo quarto, as da Batalha ficam-lhe inferiores em largura, e com as suas rotulas de pedra obscureceriam o edificio em um paiz menos abundante de luz. Note-se que, por motivo identico, a architectura italiana estreitou igualmente as suas janellas.

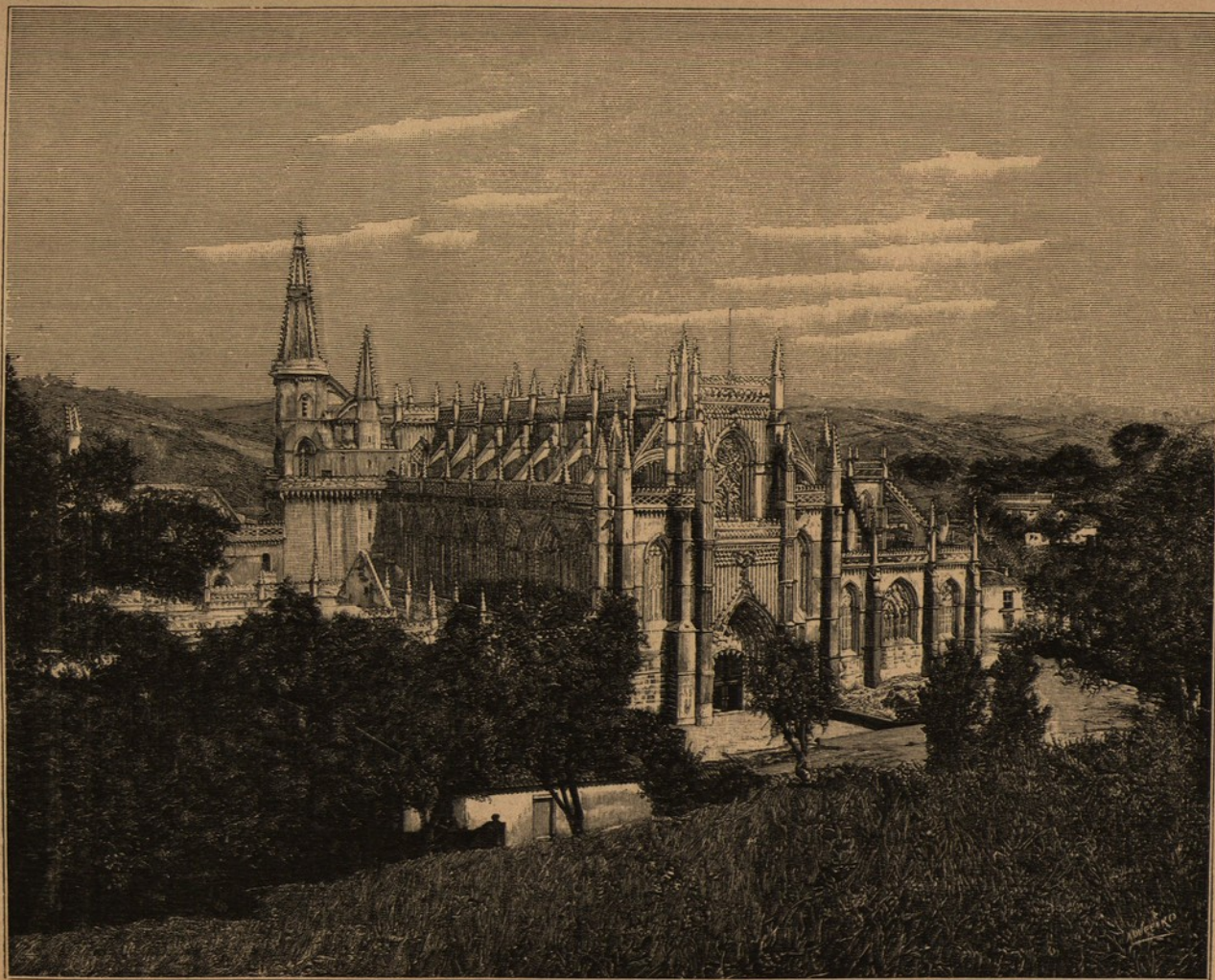
Na parte superior da nave central existem dezeseis aberturas, oito por banda, medindo quatro metros d'alto até aos capiteis das columnas, por dois metros de largo, divididos no sentido vertical por trez pinazios de vinte e tres centimetros cada um, para susterem as vidraças, o que deixa para estas uma superficie de oito metros quadrados.

Nas egrejas do Occidente, contemporaneas da da Batalha as janellas não são partidas por aquelles pinazios; foram substituidas por caixilhos, e outrotanto viria a succeder nas janellas superiores da rotunda de Dom Manuel. São estes trabalhos de cinzeladura arrendada em pedra, que imprimem uma feição particularmente archaica á igreja da Batalha, archaismo, porém, de tal maneira grave, que não dá azo a censurar.

As naves lateraes teem doze janellas, oito ao norte e quatro sómente ao sul, isto em consequencia da juxta-



CORUCHEUS MAIS ELEVADOS DO MOSTEIRO DA BATALHA



ASPECTO EXTERIOR DO MOSTEIRO DA BATALHA

posição do mausoleu do fundador. A superfície d'estas é dividida como as da nave central e possuem o mesmo espaço envidraçado.

Nas mesmas dimensões e disposição que as do corpo da igreja se acham as duas janellas, que flanqueiam a grande abertura occidental. A estas janellas deverão ajuntar-se os dois grandes vãos do cruzeiro, que medem nove metros e trinta e dois centímetros de alto por tres metros e um decimetro de largo, e são encimados por deliciosas rendas abertas na pedra, cujos intersticios vêmos preenchidos por vidros coloridos.

E' necessario, finalmente addicionar a isto as vidraças da capella-mór, na abside, que foram despojadas das suas rendas de pedra, para alli adaptarem depois uns caixilhos envidraçados, pelo meiado do seculo decimo quinto.

D'este todo resulta uma profusão de luz colorida, que constitue a principal feição de tão esplendio monumento, pois que, como deixamos dito, consiste apenas em uma galeria, na qual a parte que constitue a capella-mór foi reduzida ao strictamente indispensavel, uma vez que, na mente do fundador, a verdadeira capella-mór ou côro, deveria ser a rotunda de Dom Manuel. Em vista d'isso, não parece terem-se dado a grande trabalho ornamental interiormente.

O altar-mór, extremament modesto, nada tem que o recomende á attenção. Nunca alli existiram pulpitos nem luxuosas cadeiras de côro, como as que se viam em Thomar. Os Dominicanos que mantinham o culto n'esta igreja eram, pela sua regra, condemnados á pobreza, todo o seu luxo deveria, por conseguinte, ser empregado na capella exterior, que não tinha relação alguma com o viver interno da comunidade.

Não é conhecida com exactidão a data do acabamento da igreja; no emtanto, a obra em bruto devia achar se terminada em 1416, pois que n'esse mesmo anno foi o corpo da rainha Dona Philippa depositado em frente do altar-mór.

VISCONDE DE CONDEIXA.

O VOTO FATAL

Rica de galas, a primavera tinha vestido os campos da Estremadura do viço de suas flores: a madresilva, a rosa agreste, o rosmaninho e toda a casta de boninas teciam um tapete odorífero e immenso, por charnecas, comoros e sapaes, e pelo chão das matas e florestas, que agitavam as frentes somnolentas com a brisa de manhan purissima, mostrando aos olhos um balouçar de verdura compassado com o das seáras rasteiras, que, mais longe, pelas veigas e outeiros, ondeavam suavemente. Eram sete de maio da era de 1439 ou, como os letrados diziam, do anno da redempção, 1401. Quatro meses certos se contavam nesse dia depois daquele em que, numa das quadras do aposento real no mosteiro da Batalha, se passara a scena que no antecedente capitulo narrámos e que extrahimos do famoso manuscripto mencionado no capitulo II, com aquella pontualidade e verdade com que o grande chronista Fr. Bernardo de Brito citava só documentos innegaveis e auctores certissimos, e com aquella imparcialidade e exacção com que o philosopho de Ferney referia e avaliava os factos em que podia interessar a religião christã.

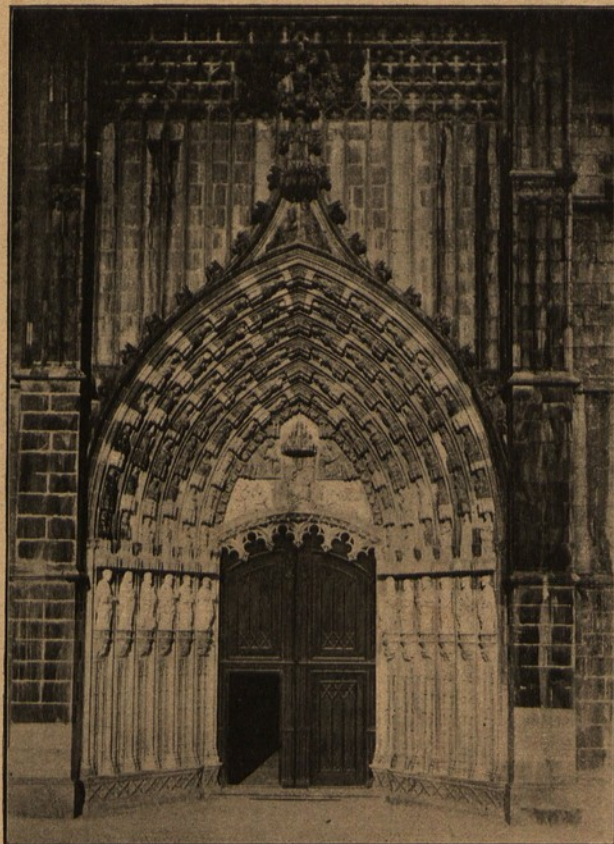
Assistiu o leitor á promessa que mestre Affonso Domingues fez a D. João I de que dentro de quatro meses lhe daria posto o remate na abobada da casa capiular de Sancta Maria da Victoria, e lembrado estará de como elrei lhe promettera, tambem, mandar vir de Guimarães todos os officiaes portuguezes que, despedidos da Batalha por mestre Ouguet, como menos habilidosos que os estrangeiros, haviam sido mandados para a obra, postoque gran-

dios, menos importante, de Sancta Maria de Oliveira, hoje desaportuguesada e caiada e dourada e mutilada pelo mais barbaro abuso da riqueza e da ignorancia clerical. A palavra do Mestre d'Aviz não voltara atraz, não por ser palavra de rei, mas por ser palavra de cavalleiro portuguez daquelles tempos, em que tão nobres affectos e instinctos havia nos corações de nossos avós que de bom grado lhes devemos perdoar a rudeza. Tendo partido de Alcobaça para Guimarães, onde nesse anno se ajunctavam côrtes, apenas ahi chegara tinha mandado partir para Sancta Maria da Victoria os officiaes e obreiros mais entendidos, que vieram apresentar-se a mestre Affonso.

Este, resolvido, tambem, a cumprir o promettido, metterá mãos á obra. O capitulo foi desentelhado, aproveitaram-se as pedras da primeira edificação que era possivel aproveitar, lavraram-se outras de novo, armaram-se os simples e, muito antes do dia aprazado, o fecho ou remate da abobada repousava no seu logar.

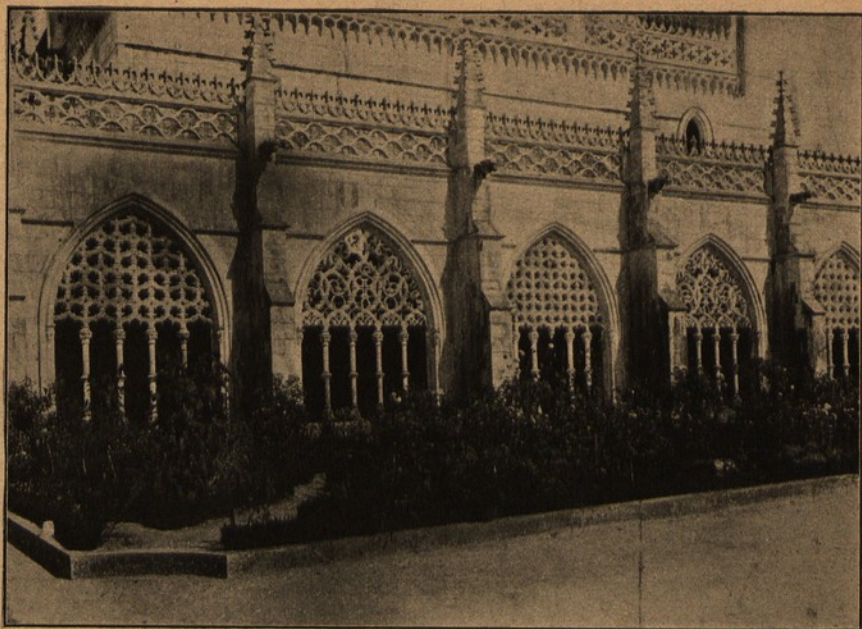
Durante estes quatro meses os successos politicos tinham trazido D. João I a Santarem, onde se fizera prestes com bom numero de lanças, bésteiros e peões para ir ajunctar-se com o condestavel, e entrarem ambos por Castella, cuja guerra tinha recommçado, por se haverem acabado as treguas. Para esta entrada se apparelhara elrei com uma lustrosa companhia de seus cavalleiros e, caminhando pela margem direita do Tejo, acampara juncto a Tancos, onde se havia de construir uma ponte de barcas, para passar o exercito e seguir ávante até o Crato, que era o logar aprazado com o condestavel, para junctos irem dar sobre Alcantara.

Em Val-de-Tancos estava assentado o arraial da hoste d'elrei: os petintaes que tinham vindo de Lisboa trabalhavam na ponte de barcas que se devia lançar sobre o Tejo: os bésteiros alimpavam suas béstas e folgavam em



PORTA PRINCIPAL DO MOSTEIRO DA BATALHA

luctas e jogos : os cavalleiros corriam pontas, atiravam ao tavalado, monteavam ou matavam o tempo em banquetes e beberrias. Tinham chegado áquelle sitio a cinco de Maio, e no seguinte dia elrei partira aforradamente para a Batalha, porque não se esquecera de que os quatro meses que pedira Affonso Domingues para levantar a abobada eram passados, e fora avisado por Fr. Lourenço de que a obra estava acabada, mas que o architecto não quizera tirar os simples senão na presença d'elrei.



CLAUSTRO REAL DO MOSTEIRO

Antes de partir de Lisboa, D. João I mandara sair dos carceres em que jaziam bom numero de criminosos e de captivos castelhanos, que, com grande pasmo dos povos, e rodeados por uma grossa manga de bésteiros, tomaram o caminho da Batalha, sem que ninguém aventasse

o motivo d'isto. Todavia, elle era obvio : elrei pensou que, assim como a aboboda do capitulo desabara, da primeira vez, passadas vinte quatro horas depois de desamparada, assim podia agora derrocar-se em cima dos obreiros, no momento de lhe tirarem os prumos e travezes sobre que fora edificada. Sollicito pela vida de seus vassallos ; parente do povo por sua mãe, e crendo por isso que a morte de um popular tambem tinha seu trance de agonia e que lagrymas de orphãos pobres eram tão amargas ou, porventura, mais que as de infantes e senhores, não quiz que se arriscassem senão vidas condemnadas, ou pela guerra ou pelos tribunaes, e que aquella, se tinham remido pela covardia e, nestes, pela piedade ou, antes, pelo esquecimento dos juizes. E se da primeira vez lhe não occorrera esta idéa, fora porque, tambem, na memoria de obreiros portuguezes não havia lembrança de ter desabado uma abobada apenas construida.

Seguido só por dois pagens, D. João I atravessou a villa de Ourem pelas horas mortas do quarto de modorra, e antes do meio-dia apeou-se á portaria do mosteiro.

Os officiaes que trabalhavam em varios labores, pelos telheiros e casas ao redor do edificio, viram passar aquelle cavalleiro e os dous pagens, mas não o conheceram : D. João I vinha coberto de todas as peças e, ao galgar o ginete pelo outeiro abaixo, tinha descido a viseira.

«*Benedicite !*» — dizia el-rei, batendo devagarinho á porta da cella de Frei Lourenço.

«*Pax vobis, domine !*» — respondeu o prior, que logo conheceu el-rei, e veio abrir a porta.

«Não vos incommodeis, reverendissimo — disse D. João, entrando na cella e sentando-se em um tamborete — deixae-me resfolegar um pouco e dae-me uma vez de vinho.»

«Não vos esperava tão de salto» — tornou Frei Lourenço : e, abrindo um armario, tirou d'elle uma borracha e um cangirão de madeira, que encheu de vinho e, pegando com a esquerda em uma escudela de barro de Estremoz¹, cheia de uma especie de bolo feito de mel, ovos, e flor de farinha, apresentou a elrei aquella collação.

«Excellent almoço» — dizia elrei, descalçando o guante ferrado e cravando a espaços os dedos dentro da escudella, d'onde tirava bocados do bolo, que ajudava com alentados beijos dados no cangirão. Depois que cessou de comer, limpando a mão ao forro do tonelete, pôz se em pé, enquanto Frei Lourenço guardava os despojos daquella batalha :

«Bofé — disse D. João I, rindo — que não ando a meu talante, senão com o arnez ás costas ! Cada vez que o visto, parece-me que torno á mocidade e que sou o Mestre d'Aviz ou, antes, o simples cavalleiro que, confiado só em Deus, corria solto pelo mundo, monteando edomas² inteiras, e tendo sobre a consciencia só os peccados de homem e não os escrúpulos de rei.»

«E então — atalhou o prior — o vosso confessor Frei Lourenço era um pobre frade, cujos unicos cuidados se encerravam em saber as horas do coro e em ler as sagradas escripturas, porém que hoje tem de velar muitas noites, pensando no modo de não deixar affrouxar a disciplina e boa governança de tão alteroso mosteiro. Mas, segundo vosso recado, que hontem recebi, vindes para assistir ao tirar dos simples da mui famosa abobada, o que mestre Domingues aporria em só fazer perante vós ?»

«A isso vim, porém de espaço ; que não será nestes cinco dias que esteja prompta a ponte de barcas que mandei lançar no Tejo, para passar minha hoste. Durante elles, com vossos mui religiosos frades me apparelharei para a guerra, enthesourando orações e recebendo absolvição de meus erros.»

«Os principes pios — acudiu o prior, com gesto de compunção — são sempre ajudados de Deus, principalmente contra herejes e scismaticos, como os perros dos castelhanos, que a Virgem Maria da Victoria confunda nos infernos.»

«Amen !» — respondeu devotamente elrei.

«Avisarei, pois, mestre Affonso de vossa vinda, para que ponha tudo em ordenança de se tirarem os simples. Pediu-me que o mandasse chamar apenas fosseis chegado.»

Frei Lourenço saiu e, d'ahi a pouco, voltou acompanhado do architecto, que um rapaz guiava pela mão.

«Guarda vos Deus, mestre Affonso Domingues ! — disse elrei, vendo entrar o cégo. — Aqui me tendes para

¹ A louça de Estremoz é antiquissima em o nosso paiz. No tempo de Francisco I de França, mandavam-se buscar os pucaros desta louça a Portugal, para beber a agua, que então, bem como hoje, se tornava nelles excessivamente fria.

² Semanaes



RUÍNAS DA PAROCHIA DE D. MANUEL (JUNTO DO MOSTEIRO DA BATALHA)

ver acabada a feitura da mirifica abobada do capitulo de Sancta Maria, cujos simples não quizesstes tirar senão em minha presença.»

«Beijo-vos-las, senhor rei, pela mercê : deus votos fiz, se levasse a cabo esta feitura era esse um delles...»

«E o outro?» — atalhou elrei.

«O outro, dir-vos-lo-hei em breve ; mas, por ora, permitti que para mim o guarde.»

«São negócios de consciencia — acudiu o prior. — Elrei não quer, por certo, fazer-vos quebrar vosso segredo.»

D. João I fez um signal de assentimento ao parecer do seu antigo padre espiritual.

Elrei, o prior e o architecto ainda se demoraram um pedaço, falando acerca da obra e do que cumpria fazer no proseguimento della ; mas o cego dissera o que quer que fora, em voz baixa, ao rapaz que o acompanhava, o qual saíra immediatamente, e que só voltou quando os tres acabavam a conversação.

«Fernão d'Evora — disse o cego, sentindo-o outra vez ao pé de si — fizeste o que te ordenei ; e deste a teu tio Martim Vasques o meu recado?»

«Senhor, si ! Envia-vos elle a dizer que tudo está prestes.»

«Então vamos a ver se desta feita temos mais perduravel abobada.»

Isto dizia el-rei, saindo da cella de Frei Lourenço e seguindo ao longo do claustro. Já a este tempo se tinha espalhado no mosteiro a nova da sua chegada, e os frades começavam de ajunctar-se para o cortejarem. Do mosteiro rompera a noticia, espalhando-se pela povoação, aonde concorrera muita gente dos arredores, principalmente de Aljubarrota, por ser dia de mercado : de modo que, quando elrei desceu á crasta, já alli se achavam apinhados homens e mulheres, que queriam vê-lo e, ainda mais, saber se desta vez a abobada vinha ao chão, para terem que contar aos vizinhos e vizinhas da sua terra.

As portas da casa do capitulo estavam abertas : via-se dentro della tal machina de prumos, travezes, andaimes, cabrestantes, escadas, que bem se podera comparar a composição d'aquelles simples á fabrica do mais delicado relógio. A porta que dava para a crasta estava um homem de pé, que se desbarretou apenas viu elrei, a cuja direita vinha a architecto, seguido por Frei Lourenço e por outros frades.

«O pequeno Fernão d'Evora disse algumas palavras a Affonso Domingues, o qual lhe respondeu em voz baixa. Então o rapaz acenou ao homem desbarretado, que se chegou timidamente ao cego. Era um mancebo que mostrava ter de idade, ao mais, vinte cinco annos ; de rosto comprido, tez queimada, nariz aquilino, olhos pequenos e vivos. Chegando se ao cego, este o tomou pela mão e, voltando se para elrei, disse :

«Aqui tendes, senhor, a Martim Vasques, o melhor official de pedraria que eu conheço ; o homem que, com mais alguns annos de experiencia, será capaz de continuar dignamente a serie dos architectos portuguezes.»

«E debaixo do meu especial amparo estará Martim Vasques — respondeu elrei — que por honrado me tenho com haver em meus senhorios homens que vos imitem¹.»

Ainda bem não eram acabadas estas palavras, sentiu-se um sussurro entre o povo, que girava livremente pela crasta e que se enfileirou aos lados : chegava a gente que devia tirar os simples.

Entre duas alas de bésteiros, vinha um bom numero de homens, magros, pallidos, rotos e descalços : o porte de alguns era altivo, e em seus farrapos se divisava a razão d'isso : eram bésteiros castelhanos que em diversos recontros e pelejas tinham caído nas mãos dos portuguezes. As guerras entre Portugal e Castella assemelhavam-se ás guerras civis de hoje : para vencidos não havia nem caridade, nem justiça, nem humanidade : ser mettido em ferros era então uma ventura para o pobre prisioneiro ; porque os mais delles morriam assassinados pelo povo desenfreado, em vingança dos maus tractos que em Castella padeciam os captivos portuguezes. Com os castelhanos vinham d'envolta varios criminosos condemnados á morte por suas mafeitorias.

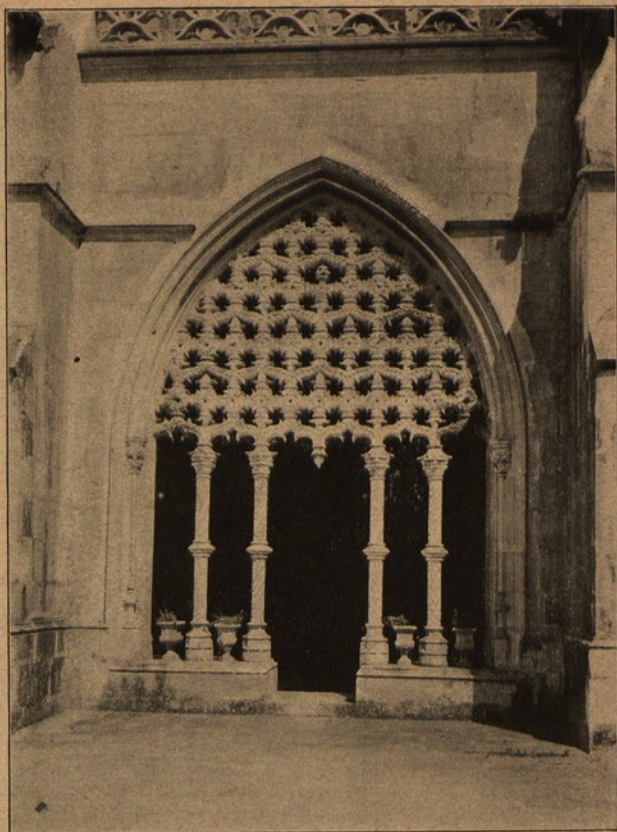
«Misericordia !» — bradou toda aquella multidão, ao passar por elrei : e caíram de bruços sobre as lageas do pavimento.

«Comvosco a tenho, mesquinha gente — disse elrei commovido. — Se tirardes os simples, que vedes acolá, e a abobada não desabar sobre vós, soltos e livres sereis. Erguei-vos, e confiae na sciencia do grande architecto que fez essa mirifica obra. Mandar vos comprar vossa soltura a custo de tão leve risco, quasi que é o mesmo que perdoar-vos.»

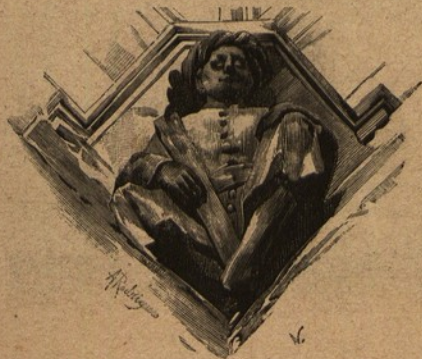
Os presos ergueram-se ; mas a tristeza lhes ficou embebida no coração e espalhada nas faces : o terror fazia-lhes crer que já sentiam ranger e estalar as vigas dos simples e que, ás primeiras pancadas, as pedras desconformes da abobada, desatando-se da immensa volta, os esmagariam, como o pé do quinteiro esmaga a lagarta enroscada na planta viçosa do horto.

ALEXANDRE HERCULANO.

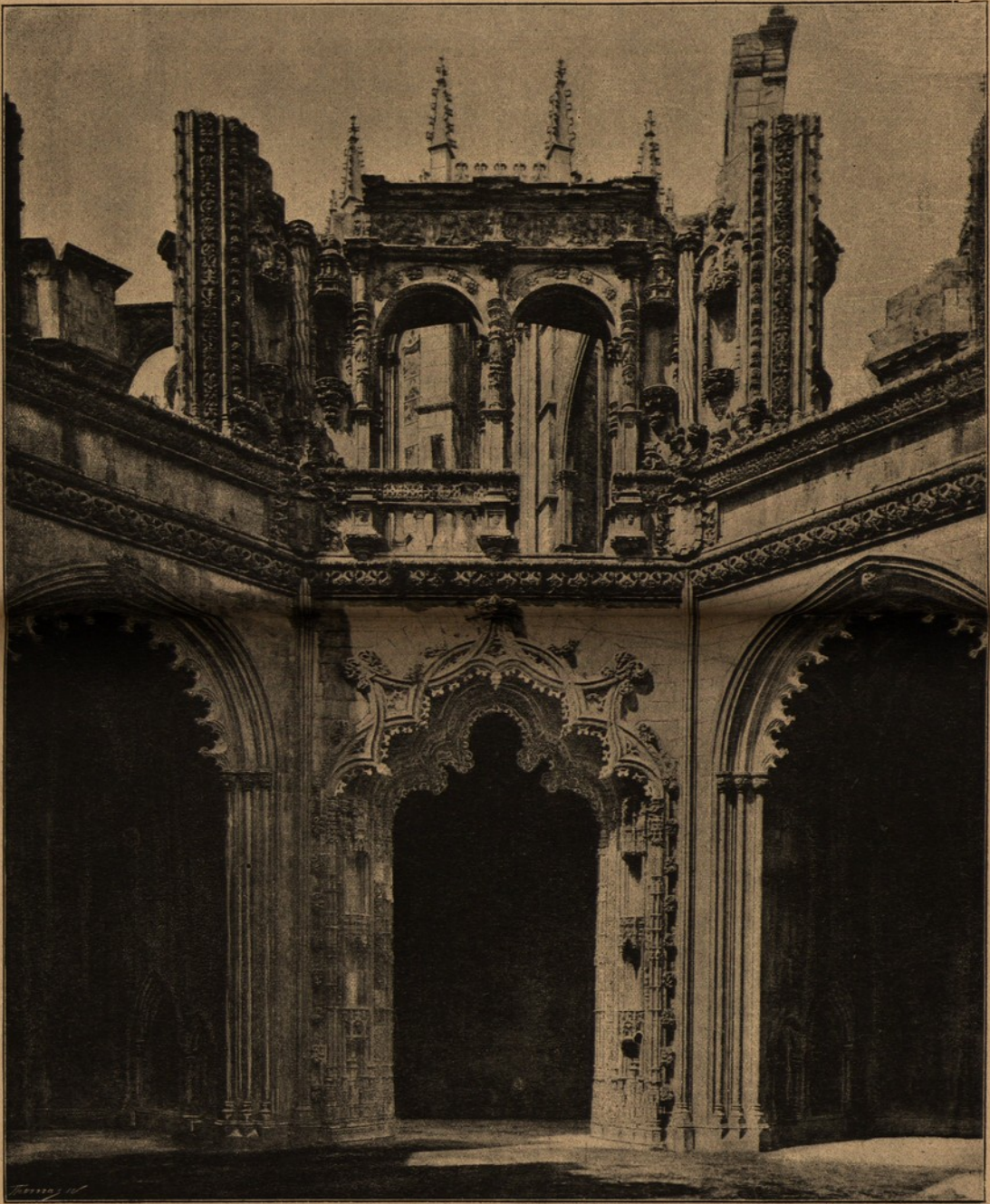
¹ Martim Vasques foi o terceiro mestre das obras da Batalha e Fernão d'Evora o quarto. — Veja-se a Memoria de D. Francisco de S. Luiz no 10.º volume das da Academia.



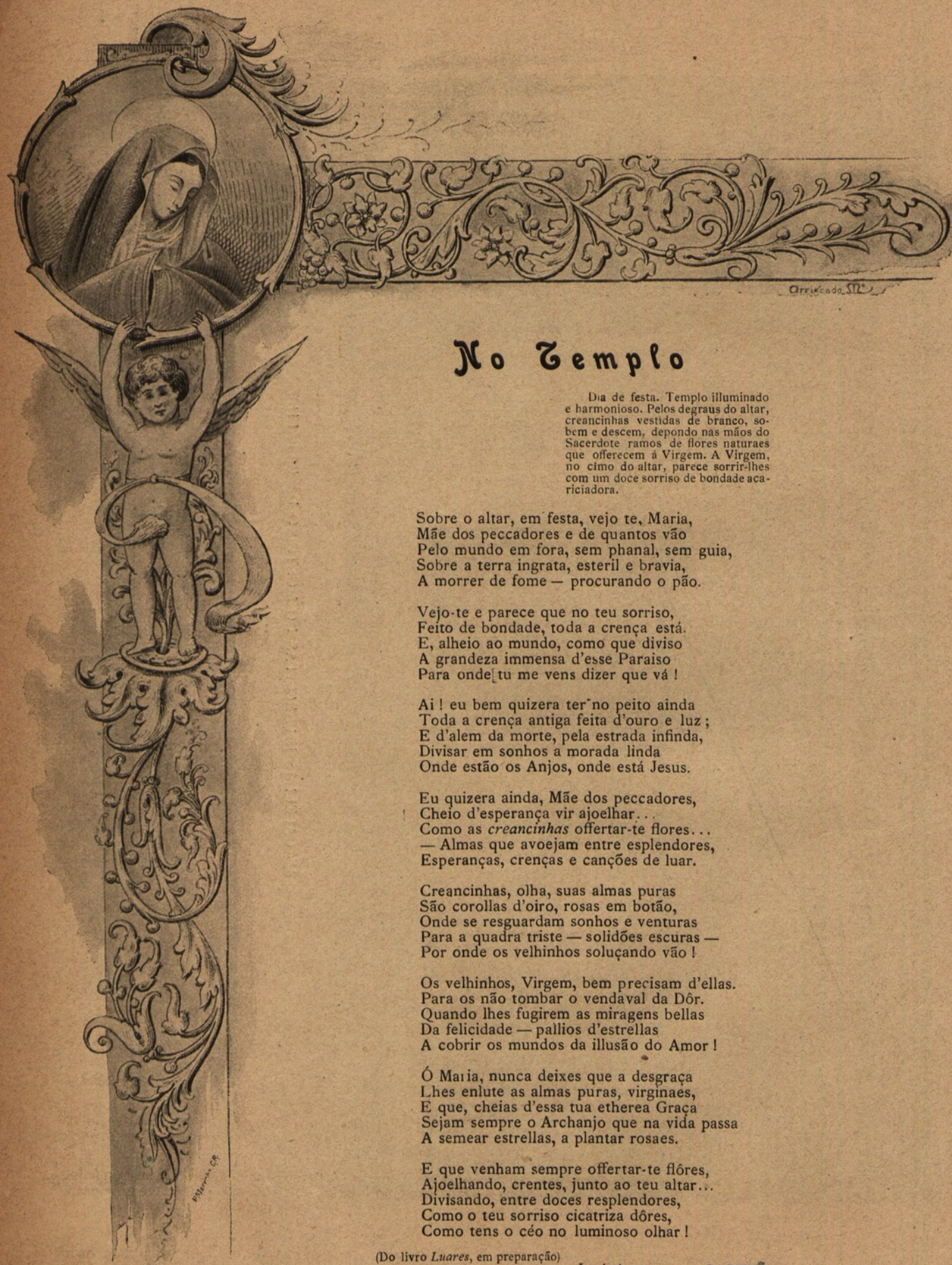
PORTA DA SALA DO CAPITULO DO MOSTEIRO



BUSTO DE AFFONSO DOMINGUES



AS CAPELLAS IMPERFEITAS DO MOSTEIRO DA BATALHA



No Templo

Dia de festa. Templo illuminado e harmonioso. Pelos degraus do altar, creancinhas vestidas de branco, sobem e descem, depondo nas mãos do Sacerdote ramos de flores naturaes que offerecem á Virgem. A Virgem, no cimo do altar, parece sorrir-lhes com um doce sorriso de bondade aca-riadora.

Sobre o altar, em festa, vejo te, Maria,
Mãe dos peccadores e de quantos vão
Pelo mundo em fora, sem phanal, sem guia,
Sobre a terra ingrata, esteril e bravia,
A morrer de fome — procurando o pão.

Vejo-te e parece que no teu sorriso,
Feito de bondade, toda a crença está.
E, alheio ao mundo, como que diviso
A grandeza immensa d'esse Paraíso
Para onde tu me vens dizer que vá!

Ai! eu bem quizera ter no peito ainda
Toda a crença antiga feita d'ouro e luz;
E d'alem da morte, pela estrada infinda,
Divisar em sonhos a morada linda
Onde estão os Anjos, onde está Jesus.

Eu quizera ainda, Mãe dos peccadores,
Cheio d'esperança vir ajoelhar...
Como as *creancinhas* offerter-te flores...
— Almas que avoejam entre esplendores,
Esperanças, crenças e canções de luar.

Creancinhas, olha, suas almas puras
São corollas d'oiro, rosas em botão,
Onde se resguardam sonhos e venturas
Para a quadra triste — solidões escuras —
Por onde os velhinhos soluçando vão!

Os velhinhos, Virgem, bem precisam d'ellas.
Para os não tombar o vendaval da Dôr.
Quando lhes fugirem as miragens bellas
Da felicidade — pallios d'estrellas
A cobrir os mundos da illusão do Amor!

Ó Mãe, nunca deixes que a desgraça
Lhes enlute as almas puras, virginaes,
E que, cheias d'essa tua etherea Graça
Sejam sempre o Archanjo que na vida passa
A semear estrellas, a plantar rosaes.

E que venham sempre offerter-te flôres,
Ajoelhando, crentes, junto ao teu altar...
Divisando, entre doces resplendores,
Como o teu sorriso cicatriza dôres,
Como tens o céu no luminoso olhar!

(Do livro *Luas*, em preparação)

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO.

ESCRITORES MORTOS

ALMEIDA GARRETT



PASSA no dia 9 o anniversario da morte d'este grande escriptor que foi o mais brilhante da pleiade litteraria de ha trinta annos e cuja obra vingou ficar na litteratura portugueza como um alto padrao immorreidoiro.

Commemorando esta grande data da historia litteraria do nosso paiz, damos hoje o retrato do illustre auctor das *Viagens na minha terra*, eomparhado de um excerpto encantador d'este mesmo livro.

.....
Passaram-se aquelles oito dias no valle, não já como se tinham passado tantas outras semanas em vagas tristezas, em desconsolação e desconforto, mas em positiva anciedade e aguda afflicção pela certeza que trouxera o frade de se achar Carlos no Porto fazendo parte do pequeno exercito de D. Pedro.

Incertos rumores, d'aquelles que percorrem um paiz em tempos semelhantes e que augmentam e exaggeram, confundem todos os successos, tinham chegado até ás pacificas solidões do valle com as noticias de combates sanguinarios, de commoções violentas, de desacatos sacrilegos, de vinganças e represalias atrozes tomadas pelos aggressores, retribuidas pelos que se defendiam.

Chegou a sexta-feira; e as horas d'esse dia, sempre desejado e sempre temido, foram contadas minuto a minuto—a qual mais longo, a qual mais pezado e lento de volver, quanto mais se approximava o derradeiro.

O sol declinava já... e Frei Diniz sem apparecer!

No seu poiso ordinario aopé da porta da casa Joanninha com os olhos extendidos, a velha com os ouvidos álerta, devoravam o espaço na direcção de nascente, esperando a cada momento, temendo a cada instante ver apparecer o conhecido vulto, ouvir o som familiar dos passos do frade.

E tam intentas, tam absortas estavam ainda n'este cuidado, que não deram fé d'um religioso, que pelo lado opposto, isto é, da banda de Lisboa, para alli se incaminhava a passos arrastados mas presurosos.

Chegou rente d'ellas sem o sentirem; e uma voz conhecida, porém mais cava e funda do que nunca a ouviram, pronunciou a formula costumada:

— Deus seja n'esta casa!

— Amen! responderam ambas machinalmente, com um estremeção involuntario, e voltando de repente a cara para o lado d'onde vinha a voz.

— Jesus! — disse depois a velha tornando a si, — Padre Frei Diniz, de d'onde vem tam tarde?

— Chego de Lisboa.

— De Lisboa? Deus lh'o pague!... Foi saber?...

— Fui, fui saber novas d'esta horrivel guerra, d'esta tremenda visitação do Senhor á condemnada terra de Portugal...

— E então, diga...

— Boas novas, boas novas trago!

— Sente-se, padre, sente-se. Joanninha chega uma cadeira: descanse.

— Não é tempo de descansar este, mas de vigiar e de orar.

— Pois que succedeu, padre? Não me tenha n'esta horrivel suspensão. Diga: onde está elle? Alguma desgraça grande lhe aconteceu, oh meu Deus!...

— E que me importa a mim o que aconteceu ou podia acontecer a mais um de tantos perdidos? Encherà a sua medida, irá apoz dos outros... caminha nas trevas com elles, e como elles só hade parar no abyssmo.

A éstas derradeiras palavras do frade asperamente pronunciadas e em tom de indifferença e desprezo, seguiu-se aquelle silencio comprimido, aquella pausa de toda a conversação grave e intima em que os pensamentos são tantos que se atropellam e não acham sahida na voz.

Frei Diniz mentia... na dureza d'aquellas expressões mentia ao seu coração — não mentia ao seu espirito. Como o caustico se applica á epiderme para deslocar a inflammação interior, elle roçava o peito com as asperidões de sua doutrina e de seus principios rigidos para amortecer dentro a viva dôr d'alma que o consumia.

O frade estava por fóra, o homem por dentro.

O observador vulgar não via senão o burel e a corda que amortalhavam o cadaver. O que attentasse bem

n'aquelles olhos, o que reparasse bem nas inflexões d'aquella voz, diria : «Frade, tu mentes ; mentes sem saberes que mentes : és sincero na tua fé, na tua austeridade, na tua abnegação ; mas o teu sacrificio é como o de Abraham na montanha, e Deus sabe que tu não tens força para o cumprir.»

Não o percebeu assim a pobre velha a quem os rigores de Frei Diniz faziam tremer, e que para toda a affeição, para todo o sentimento humano julgava morto o coração do cenobita.

Ella que no silencio de suas noites sempre veladas, na perpetua escuridão de seus dias sempre tristes luctava ha tanto tempo, luctava debalde para desprender das affeições do mundo aquelle seu pobre coração, que queria inmolar ao Senhor, ella via com sancta inveja e admiração as sobrehumanas forças que imaginava no frade ; e desanimada de o poder seguir n'essas alturas da perfeição evangelica, recahia, mais desalentada e mais miseravel que nunca, em toda a sua fraqueza de mulher e de mãe.

Oh ! não sabe o que é tormento, o que é inferno n'este mundo, o que não soffreu d'estas angustias !

Mas permite Deus que as padeça quem não tem grandes culpas, grandes e irreparaveis erros que expiar n'este mundo ?

Eu creio firmemente que não.

Cansada e exhausta de tam porfiada lucta, a velha perdeu de todo a razão com as derradeiras palavras do frade, e n'um paroxismo de choro exclamou :

— Diniz !... Frei Diniz, por aquelle pinhor sagrado que eu tenho em meu poder, por aquella preciosa cruz sobre a qual se derramaram as ultimas lagrymas da minha desgraçada filha, Diniz !...

— Silencio ! — bradou o frade, arrancando um brado de dentro do peito, que fez gemer os echos todos do valle : — Silencio, mulher ! não conjure o demonio que eu trago encarcerado n'este seio, que á força de penitencias mal pude domar ainda... que só a morte poderá talvez expellir. Mulher, mulher ! este cadaver que já morreu, que já apodreceu em tudo o mais, que já o comem, sem o elle sentir, os bichos todos da destruição... este cadaver tem um unico ponto vivo no coração... e o dedo do teu egoismo ahi foi tocar, oh mulher !... Peccado que estás sempre contra mim ! Justiça eterna de Deus quando serás satisfeita ?

Rompera na maior violencia a voz do frade, mas decahiu n'um tom baixo e medonho ao fazer esta ultima imprecação mysteriosa. As derradeiras syllabas quasi que lhe morreram nos beiços convulsos, e ao balbucial-as deixou-se cahir, exhausto e como quem mais não podia, na cadeira que Joanninha lhe chegára.

A velha aterrada e confusa tremia do que fizera, como deante do espirito immundo que seus maleficios evocaram, treme a maga assustada do seu proprio poder.

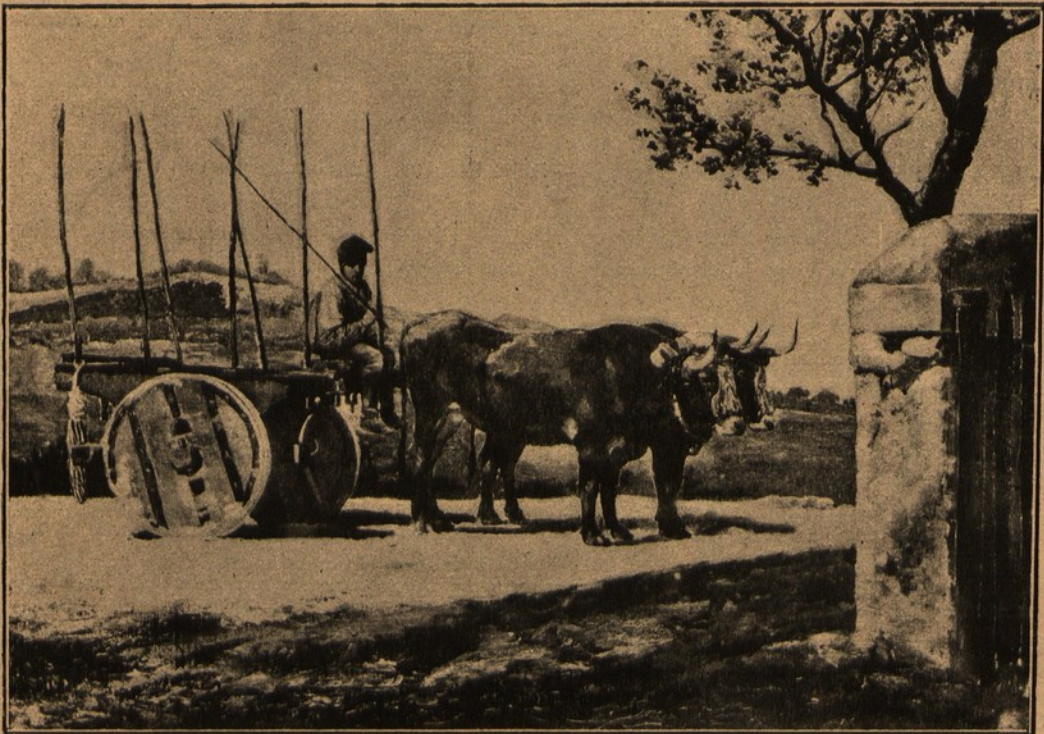
Passaram alguns segundos que nenhuma palavra podem descrever.

O frade levantou o rosto, olhou para ella, olhou para Joanninha .. e, como quem emerge, por grande esforço, de um peso enorme d'aguas que que o submergiam, sacudiu a cabeça, sorveu um longo trago de ar, e disse na sua voz ordinaria, só mais debil :

— Carlos, senhora... minha irman, Carlos está vivo ; e eis aqui, vinda pelo consul de França, uma carta d'elle. Tirou uma carta da manga e a intregou a Joanninha.

ALMEIDA GARRETT.

BELLAS ARTES





OS THEATROS. — 1. GERAL, GALERIA. Feria de sabbado. A ginginha. O prego. A casa de hospedes. O latim e a physica que vão para o diabo. O atracão. A costureirinha e o abysmo Um mar de caveiras. Febre. Namoro. Miséria e vinhaça. — 2. CAMAROTE DE 3.^a ORDEM. Continuo. O recado. O primo guitarrista. A casa de penhores. — 3. CAMAROTE DE 2.^a. Licções de francez. Official do exercito. Aspirante d'alfandega. Adiantamentos e salsifrés. — 4. CAMAROTE DE 1.^a. O cambio. A fiança. Os callos. As cartas de conselho. A commenda. Propriedades na baixa. Accionista. O povo é uma canalha! — 5. FRISA. A Paca. A Elisa. A do conselheiro. A ruina. As rendas. O setim. Os bellos olhos. O desvairamento! — 6. SUPERIOR. Addidos da embaixada. Direcções geraes. E' uma belleza a Paca. A palestra. A *Havaneza*. — 7. CADEIRA. Quem quer! Quem quer uma cadeira mais barata! !...



PORTO—INAUGURAÇÃO DA NOVA LINHA URBANA

A Flôr da Accacia

(Conclusão)

CHEGARA a pobresita, mas tão magrinha, tão desfeita, que o sangue parecia não ter forças para colorir a face setinosa, placida de camélias murchas. O doutor quasi desesperara de a salvar, tão pallida, tão emaciada a via !... As veias muito azues, faziam uma tenue renda sob a clareza da pelle.

A viscondessa assustou-se, gritou contra as *Irmãs*, que deixaram chegar a creança áquelle estado sem a prevenir! Consultava o doutor: «— Se ella estaria como a mãe?!... Jesus! Que desgosto, que desgosto, que diriam os seus inimigos?... Que ella não fora cuidadosa, talvez!... E o doutor bem sabia como ella amava a Paulinha! —» Elle sorria, promettendo salva-la. Foi uma lucta d'um anno, que sustentou rudemente contra a terrível doença, que levava de vencida a pouca vontade de viver da pobre creança! Lucta duplamente difficil porque tinha como adversarios, o corpo enfraquecido e a imaginação desorientada pela educação das freiras. Mas a sua sciencia de medico e o seu espirito d'homem do mundo, conseguiram a victoria. Toda a sua alma ficava virgem de sentimento paternal, abria-se n'uma delicadeza de carinhos que commoviam a pequena. Passeava com ella devagariinho, ensinava-lhe pacientemente tudo que ella perguntava; interessava-a na vida das flôres, que amava inconsciente, como mulher, só pela belleza das suas cores e pela fragancia das suas petalas; fazia a contemplar o céu nas noites estrelladas, e desenrolava deante dos seus olhos admirados, a historia d'esses milhões de mundos, que ella tinha imaginado nascidos para a olharem de lá, sem outro fim possivel. Rodeava a creança de tanto affecto, tão docemente, tão castamente maternal, que ella só a elle via, só a elle amava. Ia-o esperar ao fundo da quinta e já para o fim corria adeante, dando ao vento a trança loira, que lhe cahia pelas costas — ligeira, alegre, feliz... O doutor é que começara a entristecer de a ver tão linda, de a amar tanto, de ter a alma toda cheia d'ella e ver no espelho reflectido o penteado da sua cabelleira farta! Dezeseis annos só — tão linda, tão infantil, apenas a entrar na vida!...

E elle, cincoenta e tres a carregarem-lhe nos hombros elegantes, a fazerem n'ò pensar na morte!...

Era uma paixão violenta, unica, que o tomava todo, que o tornava creança, ingenuo como ella! Só pensava na gentil Paulinha, já só no mundo a via a ella! Nem uma palavra lhe tinha saido dos labios que fosse empannar a castidade immaculada da creança. — «Não e não!» —

Julgava o doutor que ninguém o comprehendia e que o orgulho havia d'acabar assim ignorado até á morte.

Mas a viscondessa tinha pensado em segundas nupcias e fora elle o preferido — mulher amorosa, mulher susceptiva — percebera tudo, vira tudo. E, — combinações diabolicas do seu espirito feminino — mandou vir um filho, que determinara casar com a Paulinha, emquanto ella prenderia o doutor, o solteirão incorregivel.

Veio o rapaz com rebate de tristeza para o medico, que não via sem desgosto a mocidade do elegante official, rendendo finezas ligeiras á priminha. Incommodava-o, feria-lhe a delicadeza da sua paixão, ver os modos irrespeitosos com que elle tratava o seu idolo. E, vel-a rir das grosserias que lhe contava como graças, era uma tortura comque o seu espirito não podia. Deixou d'ir a casa da viscondessa, mas o ciume torturava-o, irritava-o, fazia-lhe bater os dentes n'um frio de fabricitante. Quando a viscondessa o mandou chamar n'um requinte de maldade, elle respondeu que estava doente. Oh sim! bem doente, bem doente!...

Duas horas depois ainda elle chorava as primeiras lagrimas d'amoroso verdadeiro, com a cabeça enterrada nas almofadas do divan. Quando uma pequenina mão muito macia lhe tocou na face ardente; abriu os olhos n'uma realisação de sonho e viu Paula, que lhe sorria infantil e gracil:

«— Estava então doente e não me dizia nada?!... Grande mau!...»

E ria, tão feliz, tão alegre, que elle começou de se irritar. Quem é que podia rir deante do seu coração ensanguentado, desfeito em magua?... «— Que não tinha nada.» respondeu brusco.

«— E' que eu sei que doença é a sua!... Sei, sei!...»

«— O que sabe?... Não sabe nada!» —

E passeava agitado, envelhecido, doente a valer. Ella pozera-se diante d'elle, petulante de graça ingenua:

«— A tia disse-me esta manhã, quando foi o seu recado: «— Que eu havia de casar com o primo para a sua doença acabar.» Estava furiosa!... Se não me desse vontade de rir, vel-a tão feia, olhe que tinha medo!...»

«— E depois?... Que tenho eu com isso...» Afastava-a quasi brutal, com o ciume e o odio a fuzilarem-lhe nos olhos.

«— Tem tudo. Então já não é meu amigo?...»

Com a extrema mobilidade de creança, amimada e querida por elle, fitava-o contristada, já os beiços a treme-rem n'um preludio de choro. O pobre apaixonado reapareceu logo na doçura resignada com que lhe respondeu:

«— Muito, muito meu amigo!... E depois?...»

«— Vae eu, respondi lhe que ia pensar, saltei pelo muro da quinta aqui para o seu jardim...»

«— Para quê? Isso é uma loucura, um disparate, um escandalo!... Então agora como hade ser?... Se a virem?...»

«— Agora vou comsigo e direi á tia, que vim buscar o meu noivo, que se fingia doente para me fugir!...»

Olhava-o receiosa, entre feminilmente timida e levanamente garota... Elle é que ficara assombrado, temendo fallar, balbuciando apenas:

«— Pois é certo?!... Quer, quer? A mim?!... A um velho?!...»

Mostrava-lhe o cabelo esbranquiçado, chorava... Ella chorava tambem por entre sorrisos:

«— Pois imaginou, que eu trocaria a sua intelligencia, a sua bondade, a sua delicadeza, pela insolencia d'esse rapaz pedante?...»

«— E não me acha ridiculo, minha filha?...»

«— Ridiculo?!... Oh não! Adoravel é que eu o acho!...»

*

A viscondessa tomou o caso á boa parte para não dar o seu braço a torcer, e o doutor é hoje o mais feliz dos maridos, o mais amado, o mais amante. Realizados todos os seus sonhos, a Paulinha enche-lhe a casa de risos.

E' feliz; podem ter a certeza que ella o ama verdadeiramente, que comprehende a adoração em que elle a envolve como n'um manto de luz. Concentrou na pequenina mulher, que é quasi sua filha, todo o perfume da sua alma acordada fóra de tempo, mas bastante forte para crear aquelle encanto de sonho juvenil.

*

Eu não dizia?... Tal qual a accacia do pequeno jardim queimado pelo sol d'agosto, que produziu n'umaancia de mocidade esse unico cacho d'um branco verdoso, d'um aroma estonteante, dulcissimo, d'um requinte de delicadeza que se perde no sonho.

FERNANDO CALDEIRA

(Conclusão)

Da vida material do Poeta — o seu nascimento, a sua jornada pela Via-Latina e pelo Terreiro-do-Paço — nada direi. Não tenho apontamentos, nem já agora os vou colher. Porque essa vida é absolutamente absorvida pela sua outra vida espiritual, que foi tudo n'elle. Cartas de bacharel, diplomas officiaes nada valem, quanto a mim, na bagagem d'um verdadeiro Artista; são malas pesadas a que a critica reserva a tarifa das pequenas velocidades.

E se, por ventura, o vamos encontrar no parlamento, feito cabo-de-guerra do sr. José Dias, ou no governo civil d'um districto a manejar eleições, quero crer que os seus discursos parlamentares foram madrigaes á vizinha da trapeira e que os seus officios ao administrador do concelho foram bellos sonetos lyricos. O programma politico do seu partido não conseguiu empoeirar o caminho largo por onde o Poeta fazia a sua jornada sentimental; e os planos do sr. José Dias, os seus orçamentos, toda a sua politica, são, no caminho da vida de Fernando Caldeira, simples espinheiros bravos de que elle apenas viu as flores para as cantar em verso...

Discursos no parlamento, não sei se chegou á ingenuidade de os pronunciar. Mas, se tal fez, a sua primeira phrase não deixaria de ser assim:

«Lembras-te a noite em que me viste, triste?...»

E a redacção da sua correspondencia devia ter uma fórmula singular — um canteiro de flores em papel de officio. Assignado: — Fernando Caldeira, governador civil do districto e Poeta da *Mantilha*.

Entretanto, apesar de deputado e apesar de funcionario publico, regressou um dia ao seu terceiro-andar de Artista sem uma carta de conselho ao menos. De mãos nos bolsos e alma limpa. E' pouco?

*
* * *

Na sua morte, alguém disse muito justamente:

«Emquanto a quasi totalidade dos homens de letras, dos poetas e dos prosadores anda sempre envolvida em mil luctas ridiculas de escolas, ou em outras mil odiosas de pessoas — Fernando Caldeira primava justamente em nunca se envolver em nenhuma d'essas inglorias ou injustas batalhas litterarias, e por isso tinha sabido crear em todos os campos uma atmosphera de sympathia e de respeito, que nunca nenhum audacioso se atreveu a perturbar. Os seus versos são como a sua vida, como toda a sua pessoa — um sorriso de graça e de bondade.»

Bondoso e amavel como conheço poucos. E é precisamente na sua bondade que assenta o busto de marmore do seu character. Toda a sua obra revela a immensa ternura que lhe andava no coração: — os seus extremos de familia, a sua paixão de pai-sem-filhos por todas as crianças que vinham até elle, o seu carinho para os velhos e para os enfermos, a alma toda do Poeta ao serviço das nobres causas, e o seu coração de joelhos diante das virtudes raras...

As mães entendiam-n'o como se estivesse a galrear junto d'ellas, no berço, o seu filho mais novo; as noivas conheciam-lhe nas fallas a voz amorosa do promettido esposo; as flôres mais modestas coloriam-se de saude quando lhes regava a haste o orvalho virginal dos seus poemas; as aves, de tanto o comprehenderem, tinham com elle verdadeiros torneios de cantares.

E assim aconteceu que a precissão do seu enterro foi toda uma romaria piedosa de mães, de noivas, de aves e flores, a apagearem o seu caixão.

Quando, sobre a ponte da minha Aldeia, ia passando vagarosamente o coche funerario que carregava o esquife do Poeta, cantavam as lavadeiras no rio... E estou em jurar que o coração do Morto estremeceu de bondade, ainda, a ultima vez, ao ouvir da bocca das lavadeiras o canto doirado da sua lyra já sem cordas!

*
* * *

A ultima nota:

Ha na doença de Fernando e na sua morte uma coincidência extranha que não deixarei de accentuar aqui. Já n'este artigo fallei dos seus extremos de familia, no carinhoso affecto que o prendeu em vida a uma linda sobrinha que foi o seu enlevo e a sua vaidade de tio.

Chamava-se Eugenia — a Fidalguinha da Borralha. Já cansado da viagem, nas vespas do seu outomno, os olhos d'ella e a solidão saudoza em que a sua ausencia o deixava mergulhado, carregaram mais fundo as melancolias do Poeta.

Era a Fidalguinha a Irmã-dos-Pobres da sua Aldeia. Mão aberta a derramar esmolos, porta franca a abrigar mizerias — o seu palacio era uma creche e um altar.

Um dia, esposa e mãe, morreu. E logo Fernando, na viuvez d'aquelle enterro que era o seu amparo, sentiu que atraz do caixão da Fidalguinha se ia formando um novo cortejo funebre. Já se ouvia o badalar do sino, em funereal. E, a ramalhar nas noites de inverno, os cyprestes, na sua voz prophetica, diziam-lhe assim: «Vem depressa! vem depressa!»

Foi um sonho este que findou na cova. Porque Fernando, logo á volta da primavera, lá acudiu ao chamamento dos cyprestes, em cuja voz elle conhecia o timbre de oiro de certa garganta onde se modularam as caricias de hontem que o adormeciam, captivo, enlevado, sonhando futuros chimericos, felicidades que não vieram...

Das obras de Fernando Caldeira, além do seu volume de versos, as *Mocidades*, temos nota dos seguintes trabalhos de theatro: *Missionarios*, em 5 actos; *Varina*, em 5; *Sarah*, em 4; *Chilena*, em 3; *Madrugada*, em 4; *Mantilha de renda*, em 2; *Nadadoras*, em 2; *Sapatinho de setim*, em 1; *Fló-Fló*, em 1; *Nantas*, extrahida d'um conto de Zola, que não foi representada; *A Congressista*, monologo; *A Mosca*, monologo, imitado do francez; e as *Medicinas* (1.º e 2.º actos), de collaboração com Gervasio Lobato.

ADOLPHO PORTELLA.

A CHAVE DA SCIENCIA

OU

A explicação dos principaes phenomenos da natureza

OBRA AMPLIADA NA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA POR

HENRIQUE DE PARVILLE

TRADUZIDA EM PORTUGUEZ POR

JOSÉ QUINTINO TRAVASSOS LOPES

*Completamente refundida pelo traducto e por elle enriquecida
com um grande numero de novos exemplos, perguntas, definições, problemas,
biographias dos benemeritos da sciencia,
interessantes experiencias de physica recreativa, novos inventos,
descobertas e applicações das sciencias, artes e industrias, etc., etc.*

Embellizada com mais de 400 gravuras

Um bello volume, brochado, 1\$500 réis. Com uma linda encadernação especial a preto e ouro fino, 2\$000 réis.

Livraria do editor ANTONIO MARIA PEREIRA — Rua Augusta, 50, a 54 — LISBOA

PAULO DE MORAES

MANUAL PRÁTICO DE AGRICULTURA

Dedicado aos agricultores de Portugal, Ilhas, Colonias e Brazil

A obra mais completa e mais prática que sobre este assumpto se tem publicado em lingua portugueza. Um grosso volume de mais de 800 paginas, com cêrca de 240 gravuras explicativas, e solidamente encadernado em percalina e chagrin, 4\$000 rs.

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA — RUA AUGUSTA, 50 A 54 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1\$300 "	2\$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

L. KUHNE

A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS CONSELHOS ÀS MÃES, PAES E EDUCADORES

Alimentação; somno; distracção e occupação;
preceitos práticos auctorisados pela observação e pelo exemplo

TRADUCÇÃO DE

LUIZ CARDOSO

1 Volume 200 réis. Pelo correio 220 réis

O NOVO SYSTEMA DE CURAR EXPOSIÇÃO, APRECIACÇÃO E GUIA PRÁTICO

POR

J. A. BENTES

1 Volume 400 réis. Pelo correio 420 réis

COZINHA VEGETARIANA

Tratado theorico e prático da alimentação segundo a natureza, por E. Baltzer, livro muito recommendado e citado por L. Kuhne na sua obra. Unico e verdadeiro tratado d'este genero e que indistinctamente convem aos que se tratam pelo systema Kuhne, ou pelo systema Kneipp, ou por qualquer outro systema. — Centenares de réceitas e formulas para cozinhar os legumes, fructos, leite, farinhas, ovos, cacáu, chocolate, pastelaria — toda uma cozinha variada, appetitosa, hygienica, saudavel e economica, segundo o systema do afamado hygienista L. Kuhne.

1 Volume 400 réis. Pelo correio 440 réis

A VENDA NA LIVRARIA DO EDITOR

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — *Rua Augusta* — 52, 54

LISBOA

BRANCO E NEGRO



PREÇO 40 RÉIS

CAMPONEZA

N.º 37

REPRODUCCOES

DE

Planos,
Cartas geographicas.
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarella, etc.
Illustrações de todas
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE

Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem acrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproducções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

CASA LAMBERTINI

FORNECEDORA DA CASA REAL

PIANOS, HARMONIUMS, REBECAS, FLAUTAS, BANDOLINS, ETC.

Grande sortimento de Musica

EDIÇÕES PETERS

e outras edições economicas

A CASA LAMBERTINI acaba de receber um variado sortimento de Bandolins napolitanos (legitimos) que vende por preços moderados.

Estojes e outros accessorios para Bandolim

CORDAS ITALIANAS

LEGITIMAS VIOLAS HESPANHOLAS

PAPEL DE MUSICA

E todos os artigos referentes á arte musical

DÃO-SE CATALOGOS

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 37

LISBOA, 13 DE DEZEMBRO DE 1896

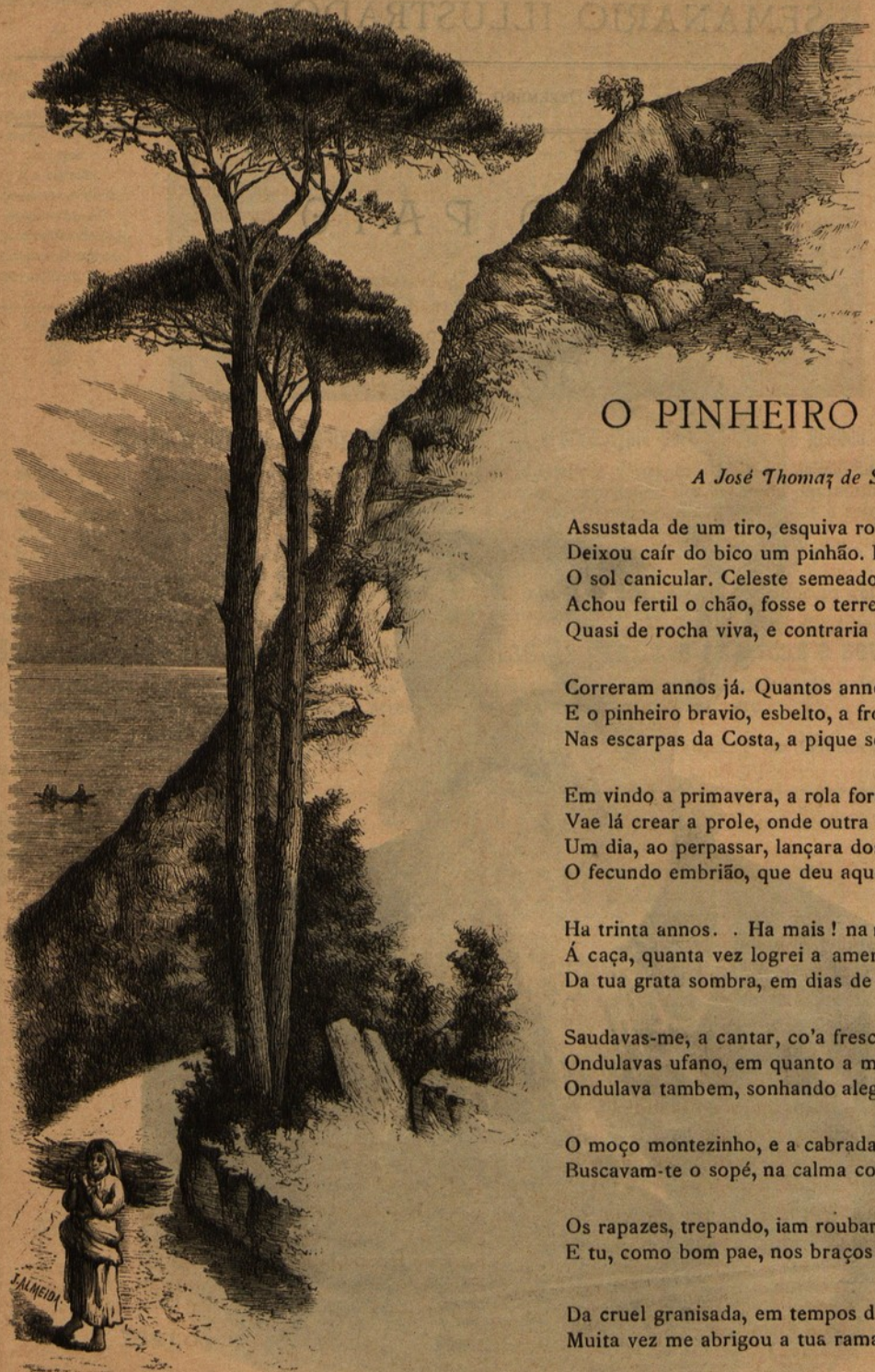
1.º ANNO

BULHÃO PATO



O *Branco e Negro* folga em poder dar hoje aos seus leitores o retrato de um homem que encheu toda uma geração litteraria com o brilho do seu talento. Bulhão Pato, vindo ainda dos bellos tempos do romantismo que o naturalismo veio pôr fora de combate, com novas fórmulas e novos processos na maneira de escrever é, ainda assim, um dos que acompanha mais esse movimento progressivo das letras, evolucionando na prosa e na poesia, que escreve vernaculamente como poucos. A sua ultima obra o *Livro do Monte*, de que adiante damos um bellissimo extracto, é uma prova de que o talento poetico de Bulhão Pato continua a ser fulgurante como ha 20 annos, com a differença apenas de se ter amoldado ás exigencias da nova metrificacão. Isto é ainda mais um florão a acrescentar á sua corôa de poeta. Além d'isso, na sua vida d'academico, Bulhão Pato foi eievado, ha pouco tempo á dignidade de Socio de merito da Academia Real das Sciencias, honra que ainda até hoje não tinha sido concedida por aquella aggregaçã litteraria e scientifica.

Do "Livro do Monte,, de Bulhão Pato



O PINHEIRO BRAVO

A José Thomaz de Soisa Martins

Assustada de um tiro, esquiva rola brava,
Deixou cair do bico um pinhão. Rutilava
O sol canicular. Celeste semeadora,
Achou fértil o chão, fosse o terreno, embora,
Quasi de rocha viva, e contraria a estação !

Correram annos já. Quantos annos lá vam l...
E o pinheiro bravo, esbelto, a frondear,
Nas escarpas da Costa, a pique sobre o mar !

Em vindo a primavera, a rola forasteira
Vae lá crear a prole, onde outra companheira,
Um dia, ao perpassar, lançara dos espaços
O fecundo embrião, que deu aquelles braços !

Ha trinta annos. . Ha mais ! na minha mocidade,
À caça, quanta vez logrei a amenidade
Da tua grata sombra, em dias de verão ! . .

Saudavas-me, a cantar, co'a fresca viração !
Ondulavas ufano, em quanto a minha mente
Ondulava tambem, sonhando alegremente !

O moço montezinho, e a cabrada offegante,
Buscavam-te o sopé, na calma coruscante !

Os rapazes, trepando, iam roubar-te as pinhas,
E tu, como bom pae, nos braços os sustinhas !

Da cruel granizada, em tempos d'invernía,
Muita vez me abrigou a tua ramaria !

O furacão austral não te insultava a fronte —
Em pé, robusto, e só, no pincar do monte !

Hontem, quando subia o serro alcantilado,
Ouvi soar, ao perto, uns golpes de machado . .

Chego, e vejo o trunqueiro a jogar-lhe á raiz
O ferro dendroclasta. A coma do infeliz
Entrou a vacillar, e rangia-lhe o tronco,
Por um fio agarrado inda ao penedo bronco !

Mais um golpe... Baqueou ! Julguei ouvir então
Cair em cova enorme um enorme caixão !

Dos vãos da rocha alpestre o funebre ruido
Rolou até ao mar, e acabou n'um gemido !

Mandava-lhe um suspiro, o colossal pinheiro !
Pouco antes de morrer, ao mar, seu companheiro,

Eu, quando o vi tombar no dorso da montanha,
Com a copa abatida, as raizes lascadas
Pelos golpes brutaes d'aquellas machadadas,
Senti no coração entrar-me dôr tamanha,
Como se n'um jazigo,
Aberto na montanha,
Me caísse um amigo !

DE VOLTA Á MALHADA

O pinheiral d'El-rei, perto do Monte,
Corre ao longo da Cesta. Na invernia,
Quando as nuvens lhe achatam o horizonte,
E lhe sacode o sul a ramaria,
A' resaca do mar junta os gemidos !

Ulula, range, estrala, grita, implora !
E, como o proprio mar, solta rugidos,
Ao crescer da tormenta assoladora !

Hontem, porém, o norte limpo e brando,
Das cordas da ramagem sonora,
Arrancava-lhe uns sons, de quando em quando,
Semelhantes á nota peregrina
Da tristeza amorosa
Da leve casuarina !

Quando era moço e amava,
Como essa nota divina
Me arrebatava !...

E hontem ouvi a
Apenas echo sumido,
Que a minh'alma conhecia
De quando tinha vivido !

O campo falla e escuta ! São a ritos
Os grandes arvoredos !

Caudaes, ribeiras, fontes, passaritos,
Correspondem ás nossas confidencias,
Contando nos segredos !

Fundem-se em nós aquellas existencias,
Que tem auroras, noites, tempestades,
E a folha morta !... E, como nós — saudades !

Os corvos altaneiros,
Na direcção do mar,
Saíndo dos pinheiros,
Seguem a crucitar !

Sol posto. Lá, distante, da jardim,
Vem o rebanho. Andou, de de a alvorada,
A pastar todo o dia.

Cheguemos á Malhada,
Fizeram-na campeira,
Que o fato é grande, alegre e saltador !
A' rez, que se tresmalha o cão da Beira,
Um rafeiro de raça,
Latindo, a faz voltar.

Vozeira, ameaça,
Silva, e floreira o baculo, o pastor !

Aos latidos, aos silvos, ao vozear,
Aos berros da cabrada,
Que vem, a tilintar,
Correndo á desfilada,
Retumba o pinheiral !

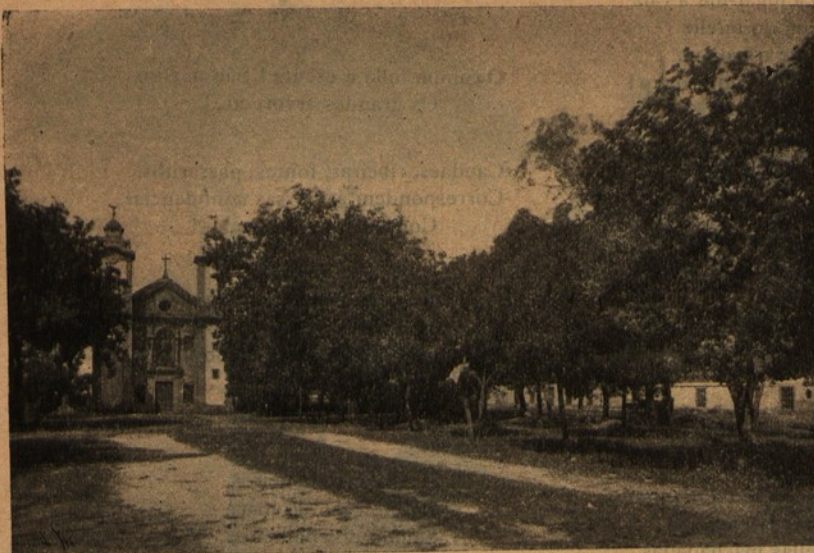
Esteril, desmandado,
Foge o gado maninho; e, socegado,
Entra o fecundo alfeire no curral !

Trazem as cabras, rebentando, os uberes !
Começam-se a ordenhar. Dá, qual mais mansa,
Um tarro, a trasbordar, de leite espumeo !

A' porta da Malhada, o cão descança !

BULHÃO PATO.

Real Fabrica de Porcelana da Vista Alegre



VISTA ALEGRE — Largo e capella da povoação

povoação e cuja distancia é apenas de 7 a 8 kilometros. Chegado alli, e no topo d'um grande largo circundado d'árvores seculares, depara com a modesta frente d'este grande estabelecimento. Do lado esquerdo, e formando quadrado, está a magestosa capella, digna de ser examinada attentamente pelos primorosos trabalhos em marmore, pelas bellas pinturas do tecto e pelos bons azulejos.

No regresso, o forasteiro poderá seguir a via fluvial, trajecto mais moroso, mas encantador, especialmente n'esta epocha. Depois de passar a ponte de pedra d'Ilhavo, é um panorama admiravel e variado. Do lado da Gafanha, estendem-se grandes tapetes de verdura rematados de dunasinhas de areia, que se elevam aqui e alli, no meio d'esse vasto areal. Do lado opposto, avista as innumeradas pyramides de sal que orlam a ria desde Ilhavo até Aveiro. Finalmente, durante o trajecto é deversas surprehendente a enorme confusão entre este panorama immenso e o crystallino das aguas guarnecido pelos ferteis tapetes de vegetação, matizados pelas alvas pyramides de sal, que constituem uma importante industria para Aveiro e Ilhavo.

Segundo a tradição, a povoação da Vista Alegre foi fundada ha 200 annos pelo bispo de Miranda, D. Manuel de Moura Manuel, cujas cinzas repousam em primoroso mausoleu, na rica capella de Nossa Senhora da Penha de França, que elle alli mandou edificar. Depois da morte d'este bispo, o magnifico templo e casa de habitação d'este principe da egreja foram abandonados, até que, pelo anno de 1820, o benemerito e já fallecido sr. José Ferreira Pinto Basto (o Patriarcha d'essa illustre familia tão conhecida no paiz) comprou a quinta e capella, junto das quaes só existiam ruinas da habitação prelatia. (1)

Poucos annos depois, tendo este senhor, tão emprehendedor como intelligente, concebido a idéa de crear esta industria, escolheu as suas propriedades da Vista Alegre, visto constar que as materias primas existiam nas circumvisinhanças d'Aveiro, pois que nos fins do seculo passado e sob a direcção do general Bartholomeu da Costa se tinham feito as primeiras experiencias para o fabrico da porcelana dura, com materias primas das proximidades d'Aveiro.

Era, finalmente, este senhor, quem havia de realizar esta grandiosa idéa, dotando o seu paiz com uma industria nova, sacrificando para isso parte dos seus capitais e da sua robusta intelligencia.

Seria porventura o interesse que o levou a abalançar-se a esta colossal empreza? De certo, não. Foi sim o desejo de concorrer para o progresso, creando essa nova industria no seu paiz. Por isso, com justa razão foi cognominado: benemerito — merecendo as benções do paiz inteiro.

E, assim, em 1824 fundou a fabrica no local já descripto, a pouco mais d'um kilometro para o sul da minha querida terra natal.

Uma das primeiras obras realisadas, foi a construcção d'um forno, mas não deram resultado satisfactorio as primeiras experiencias, apesar de não faltarem bons artistas, mas faltava o *kaolino* (substancia argilosa) que não apparecia nas differentes amostras de barro, e que era indispensavel entrar no fabrico da porcelana dura, pois o caracter principal do *kaolino*, é ser infuzivel, e conservar a sua côr branca durante a sua cozedura. Não desanimou, todavia, este infatigavel trabalhador, empregando todos os esforços para ver coroada de bom resultado a sua arrojada empreza. Mandou construir casas para habitação dos operarios, podendo dizer-se que é n'esta epocha que áquelle local cabe o titulo de povoação. Chamou artistas do estrangeiro, e mandou um dos seus filhos em viagem d'estudo aos principaes estabelecimentos congeneres dos paizes mais adeantados; mas em vão, pois apenas se obtinha faiança, e poucos progressos se faziam. Até que, 10 annos depois, (1834) o aprendiz d'oleiro, Luiz Pereira Capote, natural d'Ilhavo, descobriu o *kaolino* n'uma amostra de barro de Val Ricco, concelho da Feira, districto de Aveiro.

D'ahi por diante começaram os successivos progressos na fabricação da porcelana dura e, em poucos annos, poudo competir em qualidade e preço com a estrangeira.

(1) Investigações recentes dizem que o proprietario da quinta da Vista Alegre foi o dr. Manuel Furtado Botelho, fallecido em 9 de setembro de 1733, segundo consta do livro dos obitos da freguezia d'Ilhavo. Que D. Manuel de Moura Manuel, Bispo de Miranda, vinha passar alguns mezes á quinta da Ermida (a um kilometro ao sul da Vista Alegre) pertencente a seu irmão primogenito Ruy de Moura Manuel, e que, durante a sua estada aqui, travára relações intimas com o proprietario da quinta da Vista Alegre. Que, passados annos, o Bispo mandou edificar o primoroso templo de Nossa Senhora da Penha de França nas propriedades do referido proprietario, dr. Botelho. Este em testamento, instituiu sua herdeira universal uma filha do Bispo. E, finalmente, que o sr. José Ferreira Pinto Basto, comprou a quinta e capella no anno de 1815 a um tetraneto do Bispo — Alexandre de Castro Brandão, que foi capitão-mór em Cantanhede.

O seu infatigavel fundador, que falleceu em 1839, teve a gloria de vêr coroados de bom exito os seus grandes esforços.

Passou a ser propriedade de seus filhos e actualmente de seus netos, estando hoje a administral-a o seu neto o Ex.^{mo} Sr. Duarte Ferreira Pinto Basto, cavalheiro muito illustrado e de fina educação que, seguindo as pizadas dos seus antecessores, tem continuado a introduzir alli melhoramentos importantes.

N'este estabelecimento existem, em museu, exemplares de toda a louça fabricada, desde a fundação da fabrica, podendo o visitante avaliar os successivos progressos d'aquella industria. Tambem alli está o busto do fundador e do operario que descobriu o kaolino.

Dirigindo os trabalhos de porcelana está actualmente Monsieur Roulet, que tem prestado importantes serviços, augmentando a producção da louça com mais economia e perfeição, tendo ultimamente, e debaixo da sua direcção, sido feitos dois fornos pelo systema moderno, que têm dado bons resultados.

São bastante amplas as salas de olarias e de pintura.

Tem machina a vapor montada em 1865 por Werlong, que tem a força de 14 cavallos.

A chaminé, para dar prompta sahida ao fumo, tem 14 metros de altura, tendo sido construida em 1879 por operarios nacionaes do mesmo estabelecimento.

A lytographia com applicação á pintura em porcelana, foi introduzida alli em 1880, e são muito satisfatorios e economicos os seus resultados.

São magníficos os trabalhos em pintura, pois tem artistas de muito merecimento. Alguns d'elles têm frequentado a escola industrial d'Aveiro, que funciona ha 2 annos, e, a maior parte d'elles, têm ot tido a classificação de distinctos nas suas provas finaes.

As rodas d'oleiro são movidas pelo pé dos proprios oleiros, mas já ha algumas cujo movimento lhes é transmitido pela machina a vapor, sendo rapida a fabricação d'algumas peças.

O numero de pessoas alli empregadas é superior a 400 d'ambos os sexos, e quasi todas do extincto concelho d'Ilhavo e da villa de Vagos, regulando os ordenados do pessoal inferior desde 120 reis até 1:000 reis.

Ha alli uma excellente phylarmonica composta d'operarios do mesmo estabelecimento.

Tem um pequeno theatro, que tem pinturas de merecimento.

Ultimamente foi alli construida tambem uma praça de touros.

Realisa-se mensalmente n'esta pittoresca povoação um mercado importante e abundantissimo, conhecido pela triplíce denominação de : *Feira dos Treze, da Ermida, e do Bispo*. Diz-se : *dos Treze*, por ser feita n'este dia ; *da Ermida*, porque a Vista Alegre pertenceu ao extincto concelho e Couto da Ermida ; *do Bispo*, por esta povoação ter sido residencia do Bispo, de quem acima fallámos.

Eis em breves traços a descripção da Vista Alegre, cuja etymologia lhe advem por estar sentada sobre uma pequena collina na margem da ria.

Ilhavo, Setembro de 1896.

MANUEL FERREIRA DA CUNHA.

«SURSUM» CORDA

(CA Arthur Magalhães)

N'uma sordida e lugubre mansarda
um namorado, imberbe poetastro
esperando a Camena que lhe tarda
a vista emprega no nocturno astro.
Doce mister d'uma existencia parda
que em rimas vãs pretende deixar rastro !
Desce a Camena vaporosa e branca
com um sorriso bom que a Dôr estanca.

A leveza do trage mal disfarça
as fôrmas d'Ella — um sonho de Corregio —
cae-lhe nos hombros nús a coma esparsa
como se fôra um aureo manto regio ;
um raio de seus olhos, de côr garça,
levára mesmo um santo ao sacrilegio.
Sente-se ao vêl-a a alma logo escrava
que a pua do Desejo em nós se crava !

Ao vêl-a o poeta quasi fica estulto
quer fallar... na garganta a voz lhe pára,
os olhos fitos no divino vulto
mais branco do que um marmore de Carrara.
Cae em joelhos, á Musa presta culto,
depõe-lhe aos pés a lyra que afinára...
Temendo então romantica parlанда
ao vate a Musa fala com voz branda :

«Já sei, o teu intuito é dar á estampa
um poema em verso que te dê prestigio
para que alguem te grave sobre a campa
A Morte arreatou este prodigio !
Subiu, cantando, da existencia a rampa
n'ella deixou um immortal vestigio.
E por cantar o Amor (oh! coisa pandega !)
foi nomeado director da Alfandega !

Mil vezes não ! a tua lyra apronpta
mas, meu amigo, applica-lhe outras cordas
comigo a outros páramos remonta
e deixa os futeis madrigaes que bordas
á dama que te paga com a affronta
O amor sincero e puro em que trasbordas,
sáe d'esse tremedal, onde passeias !
Arroja-te ao mar largo das Ideias.

LUIZ CALLADO NUNES.



RUINAS DA EGREJA DE S. FRANCISCO EM TLAMANALCO, perto da capital do Mexico

Viagens no Paiz

(XIII)

MONSÃO

VENHA d'ahi, leitor.

Aposto em como, depois que ha o caminho de ferro do Minho, nunca mais lhe lembraram as velhas estradas de macadam, nem as *diligencias* impossiveis que ronceiramente cruzavam a estrada real de Braga a Monsão ?

Tambem não é minha intenção fazer-lhe experimentar esse *petisco*.

Eu costume viajar commodamente. Venha d'ahi.

Em Tamel, logo adiante de Barcellos, espera-vos um caleche, logo á sahida da estação, que vos levará, cortando primeiro o risonho valle do Neiva, e entrando em seguida na extensa e fertilissima veiga de Corrilhã, a Ponte do Lima.

D'ahi, atravessamos a esguia e comprida ponte manuelina, e vamos, pelo antigo convento de Refoios, seguindo



MONSAO — Rua Nova do Commercio

a margem direita do Lima, que deixamos, para passar ao pittoresco valle do Vez, até aos Arcos, onde descançamos um pouco e esperamos que nos mudem os cavallos.

Temos de seguir a estrada de Monsão, atravessando a serra do Extremo, na portella d'este nome.

São perto de tres leguas de subida constante, mas que vale a pena não só pela paysagem do valle do Vez, que é deliciosa, mas muito principalmente porque, no concelho de Monsão, não deve o visitante entrar pela primeira vez, senão por ahi, se quer formar uma idéa approximada do concelho.

Eis-nos no Extremo.

Dito o ultimo adeus ao valle do Vez e ao longinquo castello do Nobrega, defrontamos com a maior parte do concelho de Monsãc, ao fundo do qual corre sereno, mas poeticamente melancolico, o Rheno Portuguez.

Lá em baixo, muito em baixo, a villa de Monsão, destacando a sua casaria branca, cercada de verdura, no meio do que, vista do alto, se nos afigura uma vastissima planicie.

Mais adiante Salvaterra e depois os montes da Galliza.

A ampla bacia do Minho, estende-se em semi-circulo á volta de Monsão, alargando-se mais para o sul, por onde a fecham as serras do Extremo e de Coura, do que para o norte, onde, a pequeno trecho, a terminam os rendilhados serros das serranias gallegas, ficando quasi todo em territorio portuguez.

Depois, de nascente a poente, o valle do Minho.

A configuração d'esta enorme bacia faz lembrar a vasta cratera de um vulcão extincto, cercado de arestas pontegudas, apenas rasgadas aqui e acolá, pelas correntes de lava e escorias arrojadas do seu seio.

As serranias fecham-a completamente tambem, restando-lhe apenas a abertura praticada pelo rio.

E se não foi vulcão extincto, existiu n'ella, em tempos prehistoricos, um vastissimo lago, cujos vestigios ainda se encontram na fórma arredondada das pequenas eminencias que cercam a villa, no seu declive facil, e nos vas-

tos depositos de argilla e calhau rolado, que por toda a parte afloram, nas cercanias de Monsão.

Então o terreno, onde hoje se levanta a pittoresca villa, estava todo submerso, e o amplo lago encontrava, pelo valle, onde hoje corre o Minho, cujas aguas, muito mais altas, cobriam com a sua caudalosa corrente a villa de Valença e uma grande parte da margem portugueza do rio, uma larga e facil escoante.

Para o lado de Hespanha, os phenomenos geologicos, que deram origem ao nosso Minho, foram os mesmos, cobrindo as aguas um espaço enorme, ora espraiando-se nas planicies, ora apertando-se nas gargantas de serras, até que rasgada a barreira entre os montes de Santo Claro em Portugal e Santo Tecla em Hespanha, se foi successivamente formando o estuario de Caminha.

Datam d'ahi as correntes, por vezes fortissimas, que se estabeleceram dentro do lago e cujos detrictos se mostram por toda a margem do Minho e na bacia de Monsão, em pujantes sedimentos de arzilla e de calhaus rolados.

Depois o rio, cavando cada vez mais fundo o seu leito até chegar ao actual, foi escoando lentamente a velha lagõa.

E o seu antigo assento, umas vezes erguido pelas convulsões geologicas manifestadas pelos afloramentos graniticos de entre as deslocadas camadas sedimentares, outras corroido pelas correntes aquosas, foi formando os pequenos e graceis outeiros que cercam a povoação, cortados de pequenos *talwegs*, hoje quasi totalmente cobertos de graciosos pinhaes, ou de virentes vinhedos.

E n'uma d'essas eminencias, debruçado sobre o Minho, com cujas aguas conversa, nova Julieta enamorada, quasi a meio caminho de Valença e Melgaço, a actual villa de Monsão, celebre pelo seu activo commercio, pelos homens de incontestavel valor que viu nascer entre os seus muros, e pelos assedios que victoriosamente sustentou com intemerata galhardia, contra o inimigo da patria.

Agora, que conhecemos a configuração do concelho, desçamos a estrada que serpeia a principio por entre os pinhaes das freguezias serranas, para depois cortar as fertéis Pias e Moreira, entrando na de Pinheiros, onde se acentua melhor a cultura da vinha em ramadas baixas, ligeiramente inclinadas e voltadas ao sol, que caracteriza o concelho, ao fim do qual se eleva o palacio da Brejoeira, de que já falamos em outro numero d'este jornal, seguindo pelo meio da freguezia de Mazêco, e entrando na villa

pelas Portas do sol, depois de atravessar, desde a Brejoeira, uma serie ininterrompida de encantadoras vivendas e bem cuidadas quintas, que nos dão a impressão de uma cultura prospera e rica, de ninhos de amores e venturas, proximos a uma grande e magnificente cidade.

* * *

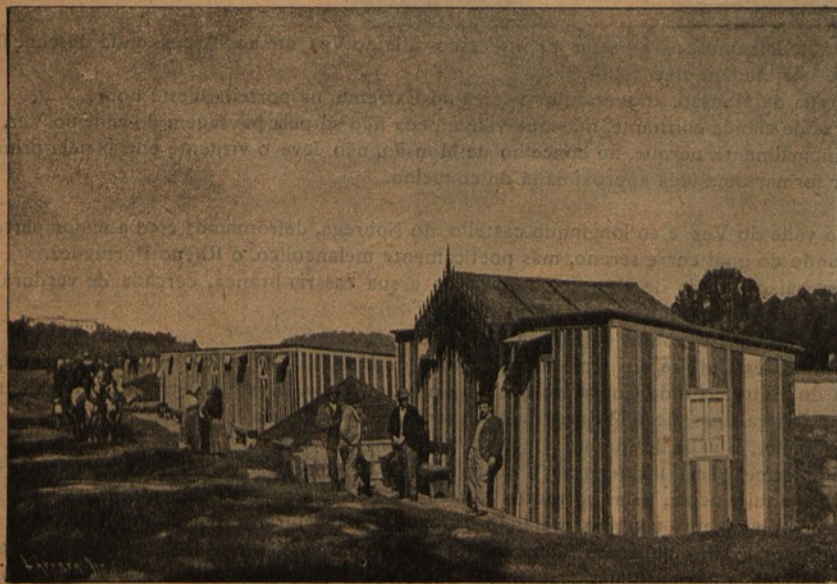
SITUAÇÃO DA VILLA DE MONSÃO

A villa de Monsão está situada —já o dissemos— sobre uma pequena eminencia, a cavalleiro do Rio Minho.

O rio abriu alli uma passagem, cortando-a a pique: mas, cansado da façanha, espraiou-se no fundo, dando logar a um amplo vau, facilmente transponivel no verão, difficilmente no inverno, onde as aguas do rio marulham docemente, na estação calmosa, e estuam com furor no inverno, por entre o seu leito de pedras.



MONSÃO—



CALDAS DE MONSÃO — Uma parte do estabelecimento

tos depósitos de argilla e calha arrolado, que por toda a parte afforam, nas cercanias de Monsão.

Então o terreno, onde hoje se levanta a pittoresca villa, estava todo submerso, e o amplo lago enconrava, pelo valle, onde hoje corre o Minho, cujas aguas, muito mais altas, cobriam com a sua cascada, a corrente a villa de Valença e uma grande parte da margem portugueza do rio, uma larga e facil escosta.

Para o lado de Hespanha, os phenomenos geologicos, que deoram origem ao nosso Minho, foram os mesmos, cobrindo as aguas um espaço enorme, ora espraiando-se nas planicies, ora apertando-se nas gargantas de serras, até que rasgava a barreira entre os montes de Santo Claro em Portugal e Santo Tecla em Hespanha, se foi successivamente formando o estuario de Caminha.

Datam d'ahi as correntes, por vezes fortissimas, que se estabelecem dentro do lago e cujos detritos se mostram por toda a margem do Minho e na bacia de Monsão, em pujantes sedimentos de arzilla e de calhaus rolados.

Depois o rio, cavando cada vez mais fundo o seu leito até chegar ao actual, foi escoando lentamente a velha laguna.

E o seu antigo armento, umas vezes erguido pelas convulsões geologicas manifestadas pelos afloramentos graníticos e de um delocadas camadas sedimentares, outras corroido pelas correntes aquosas, foi formando os pequenos e gracios outeiros que cercam a povoação, cortadas de pequenos talvegos, hoje quasi totalmente cobertos de graciosos pinhaes, ou de virentes vinhedos.

E' uma d'essas eminencias, debrocado sobre o Minho, com cujas aguas correva, nova Julieta enamorada, quasi a mesma caminho de Valença e Melgaço, a actual villa de Monsão, celebre pelo seu activo commercio, pelos homens de incontestavel valor que viu nascer entre os seus muros, e pelos assedios que victoriosamente sustentou com ineterata gallardia, contra o inimigo da patria.

Agora, que conhecemos a configuração do coscelho, deixamos a estrada que serpeia a principio por entre os pinhaes das gostias serranas, para depois cortar as fortissimas e de Pimbeiros, onde se acentua melhor a cultura da vinha em ramadas baixas, ligeiramente inclinadas e voltadas ao sol, que caracteriza o coscelho, ao fim do qual se eleva o palacio da Brejoira, de que já falamos em outro numero d'este jornal, seguindo pelo meio da freguesia de Maação, e entrando na villa pelas Portas do sol, depois de atravesar, desde a Brejoira, uma serie de interrompidas e encantadoras ruindas e bem cuidadas quintas, que se desio a impresso de uma cultura prospera e rica, de ninhos de smontaventuras, proximos a uma grande magnificente cidade.



CALDAS DE MONSÃO — Uma parte do estabelecimento



MONSÃO — VISTA GERAL

SITUAÇÃO DA VILLA DE MONSÃO

A villa de Monsão está situada — já o dissemos — sobre uma pequena eminencia, a cavalleiro do Rio Minho. O rio abriu alli uma passagem cortando a a pique: mas, cansado d'afanchar, espraiou-se no fundo, dando lugar a um amplo vau, facilissimo transponivel no verão, difficilissimo no inverno, onde as aguas do rio marulham docemente, na estação calmosa, e estuam com furor no inverno, por entre o seu leito de pedras.

Mais acima, junto ás caldas, outro vau, seguido de um remanso onde as aguas dormentes do rio, vem descaçar do trabalho cyclo-pico de romper as muralhas de aspero granito, de que dá uma idea approximada a nossa gravura que representa — o posto fiscal da Torre. Ali, vê-se, o rio corre apertado entre uma garganta de rocha, por elle rasgada perpendicularmente em paciente esgar secular.

Proximo a este logar, mas muito mais alto, como vestigio palpavel do antigo leito do rio, ficou o *olho marinho*, pitoresco e profundo lago natural, coberto de magnificos nenuphars, cuja reproducção de uma esplendida photographia damos ao leitor.

O espelho das aguas reproduz o arvoredo das margens encantadas, cuja imagem apenas interrompem, aqui e acolá, os nenuphars em flor. Mas abaixo, junto quasi a Salvaterra, o rio forma outro vau,

depois do qual se bifurca, formando uma das mais extensas insuaas, pertencente, este, a Hespanha.

A vista de Monsão, cuja reproducção apresentamos, mostra bem a pittoresca situação da povoação e os dois vau's a que acima nos referimos, — o de Monsão e o das Caldas, que, na nossa gravura se distinguem pelo ligeiro encrepado das aguas, antes e apos o seu remanso.

As vastas muralhas, hoje desmontadas e vivias de canhões e soldados, que cercam a villa, e cujos alceres o rio beija meiguemente no tempo calmo, ou contra as quaes se arremessa nos dias de furor, servem hoje de amplos muros de supporte d' povoação.

Logo abaixo dos primeiros escarpes, segue uma villa muralha viva de exuberantes ramadas, que constituindo uma grande cintura a villa, formam como um ninho de verdura, emoldurando a casarria da villa, escalonando-se pela espessura dos baluartes, rebatendo-lhe a aspereza, e tirando-lhe por completo o aspecto torpe e bello, que a povoação, hoje, olvidada das suas tradições guerreiras, para só ter preoccupações agricolas e commerciaes, não poderia conservar de forma alguma.

Mas a existencia das muralhas, baluartes e vigias, agora vivias e despresadas, mostra bem qual foi a importancia militar da villa, e qual estava confiada a defesa das facies passagens que alli offerece o rio aos inimigos da patria portugueza.

E' um grande era ella, que ainda no principio do seculo alli deteve a marcha invasora do exercito francez, que nunca pôde transpor as margens do Minho. Hoje, perdida a importancia militar, as obras avançadas dos fortes cobriam-se de frondosas vinhas que reflectem no rio o ouro dos seus fructos e o brilho da sua folhagem.

E se a payagem do Minho, junto a Monsão, é bella, como o attesta a nossa gravura, imagine-se o que será vista do alto das muralhas da villa.

Alem para o poente, abre-se o vasto valle do Minho. O rio contorna a insua, desce, espraiando-se em frente a Lapella, cuja alta torre se devisa, e lança se, correndo, em direcção a Valença.

Para o nascente, o valle va-se apertando, em direcção a Melgaço, onde as montanhas quasi o fecham abruptamente.

Em frente, o caminho de ferro hespanhol de Orense a Vigo, rola, silvando, deixando a estação de Salvaterra, ao atravessar a magnifica

* Vista do posto fiscal da Torre.
* Vista do Lago do Olho marinho — Lago da Torre — Monsão.
* Vista de Monsão, cidade de Salvaterra (Hespanha).



MONSÃO — Praça de Deuladeu, lado sul

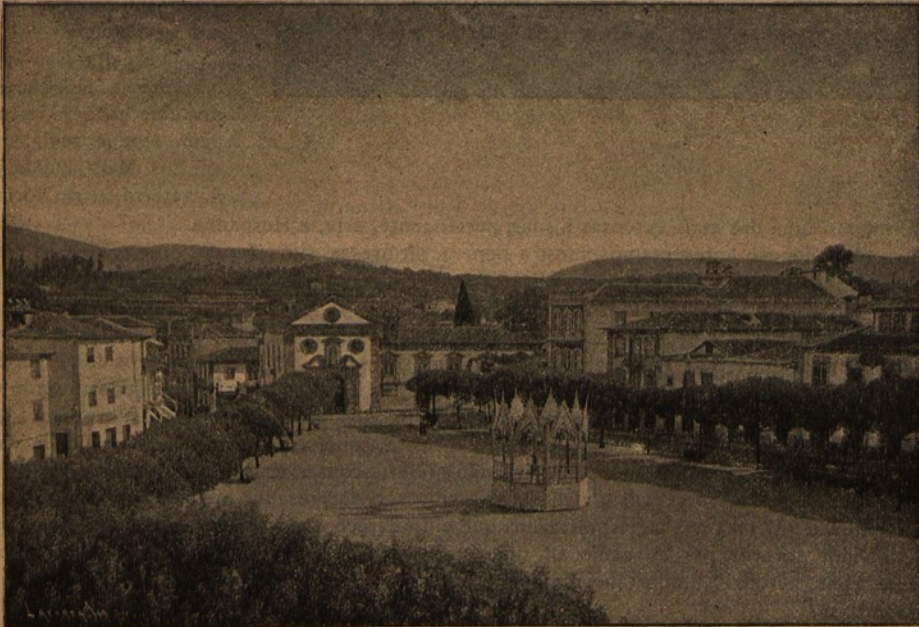
e vasta propriedade de D. Alexandre Mon, em Tearres, banhada pelo sol e carinhosamente beijada pelo rio Minho.

Quem nos dera que o leitor amigo assistisse, d'alli, d'aquellas vetustas muralhas que o sangue portuguez tanta vez defendeu e regou, ao nascer do sol, inundando da luz da manhã o encantador valle do Minho, ou ao pôr do sol que envia o seu ultimo suspiro de luz ás frementes aguas do rio!

Estamos certos que a sua alma, extasiada, aqui ficaria presa, a esta villa tão cheia de bellezas nativas e que espero só que os seus habitantes lhe tenham o amor, que se radica no coração dos estranhos que uma vez a vêem, para ser a primeira, como já foi, entre as povoações do nosso Minho, com verdade acclamado pelo Rheno Portuguez, pela magestosa severidade e belleza da sua paisagem.

*
* *
*

A villa de Monsão, pelo menos a actual, data de 1260, epocha em que a povouou e lhe deu foral D. Affonso III, estabelecendo-a no antigo *couto de Manzêdo*, hoje freguezia de Mazêdo.



MONSÃO — Praça de Deuladeu

Julgamos serem verdadeiras lendas as que se referem á existencia, no sitio actual da villa, ou suas cercanias, de uma cidade a que os gregos, seus fundadores, dariam o nome de *Orosion*, convertida na *Olobriga* dos celtas e depois na *Mámea* ou *Mamia* dos romanos, e finalmente no *mons sanctus* dos suevos, que lhe teriam restituído, traduzido em latim, o *Orozion* grego.

Tudo isto não passa de puras phantasias dos archeologos gulosos de dar grande antiguidade ás nossas povoações, sem que até hoje se tenha mostrado utilidade alguma em pintar com o pó dos nossos sapatos, o dos seculos passados, a não ser em beneficio da industria nacional dos engraxadores.

Pela etymologia, a velha *Orosion* deveria ser a moderna Orense, cuja antiguidade é incontestavel, e, por ella, tambem se não explica bem porque é que, excepcionalmente, converteriamos o *mons sanctus* latino em Monsão, quando a verdade é que sempre o traduzimos por *Monsanto*, muito mais conforme á indole da nossa lingua.

No foral de D. Affonso III o que se lê é a palavra *Monzon*, d'onde pelo adoçamento do *z* hespanhol, se passou facilmente para a Monsão actual, talvez porque d'alli começasse a navegação fluvial, e os barcos, que a effectuavam, esperassem alli monção oportuna de a realizarem.

Fosse como fosse, a Monsão actual deveu a sua existencia a necessidades estrategicas de defeza da fronteira do reino, que findava no Rio Minho. A esta mesma razão deveu ella as suas fortificações, que defendiam a passagem dos vaus do Minho já referidos.

(Continua.)

João SECCO.

A Invenção dos Balões

(Excerpto do novo livro *A Chave da Sciencia*)

É devida ao padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Natural de Santos, Brazil, fez a primeira ascensão (a primeira não só em Portugal, mas em todo o mundo) em 8 de agosto de 1709, em Lisboa, da praça d'armas do Castello de S. Jorge, vindo cair no Terreiro do Paço, com assistencia de D. João v, da côrte e de grande multidão, que acclamava com enthusiasmo o inventor, quando se elevava nos ares, e quando descia sem o menor incidente. O aerostato do padre Bartholomeu, o *Voador*, tinha um pouco a fôrma d'uma ave, e por isso se lhe chamou *Passarola*, nome que passou tambem para alcunha do inventor.

Pretendeu a França, por muito tempo, ter a primazia da invenção dos aerostatos, attribuindo-a aos irmãos Montgolfier, mas a verdade é que estes só em 1783 fizeram a sua experiencia, na cidade de Annonay.

Avaliam-se em perto de 50:000 as ascensões realisadas, sendo a mais importante a de Glaisher, chefe da secretaria metereologica de Greenwich, em 1862, que se elevou a 9:000 metros de altura, sendo de tal ordem o abaixamento de temperatura, 29° abaixo de zero, que, para descer, teve de puxar com os dentes a corda da valvula. Nas regiões muito altas a côr da atmosphera é muito escura, e nenhum som alli se ouve. A pressão dos fluidos interiores do corpo, sendo maior que a pressão do ar exterior, produz hemorragias, picadas, tonturas, frouidão geral e somno. A respiração acha-se opprimida, o pulso muito accelerado, pelo que, respirando-se com grande frequencia, n'um ar extremamente secco, a deglutição torna-se difficil. Para evitar estes effeitos produzidos pela excessiva elevação, o aeronauta vae munido d'um barometro de mercurio, cuja columna sobe ou desce em sentido opposto, isto é, sobe se o balão desce, e vice-versa.

A direcção dos balões ou a navegação aerea. — Este problema consiste em imprimir ao aerostato um impulso horizontal, em qualquer sentido, qualquer que seja a direcção e força do vento e mais correntes atmosfericas, como se imprime a um barco sobre as aguas. Se os barcos pôdem ser dirigidos com o auxilio do vento, é porque na agua encontram um ponto de apoio. Este ponto de apoio para os aerostatos foi achado theoreticamente.

Assim como a agua sustem a embarcação e offerece á força motora um ponto de apoio indispensavel para produzir effeito, assim o ar deve permittir ao aerostato estes dois elementos para a solução do problema da navegação aerea. Na verdade, o ar substitue o mar, como o aerostato substitue o barco. Se o ar está tranquillo, o aerostato pára, e então é necessario, para o fazer mover, a acção d'um motor qualquer. Se, por exemplo, se fixar á barquinha um helice de eixo horizontal, fazendo-o mover com rapidez sufficiente, impellirá o aerostato, tomando o ponto d'apoio na massa de ar, exactamente como faz o helice d'um barco que tem o seu ponto de apoio na agua. Quanto á direcção do aerostato, obtem-se por meio d'um leme, no lado opposto ao do helice, que funcionará no ar, como os dos barcos funcionam na agua.

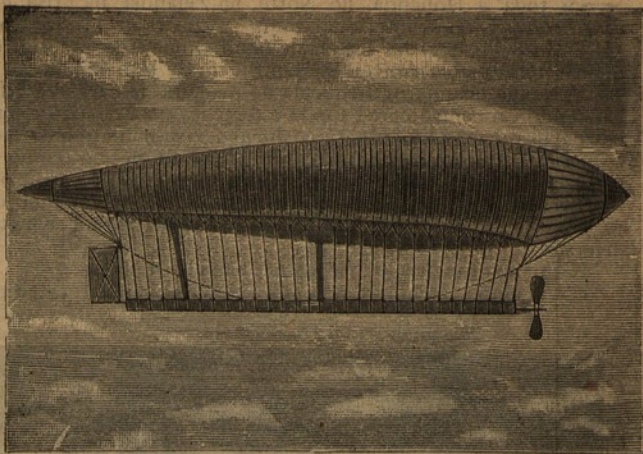
Theoreticamente, pois, a navegação aerea é sempre possivel, quando se dêem as seguintes condições:

- 1.ª Ser o aerostato munido de um motor, leve e ao mesmo tempo energico, que lhe possa imprimir uma velocidade sufficiente, sem lhe diminuir muito a sua força ascensional;
- 2.ª Ter um helice e um leme apropriados ao meio gazo onde se ha de mover.

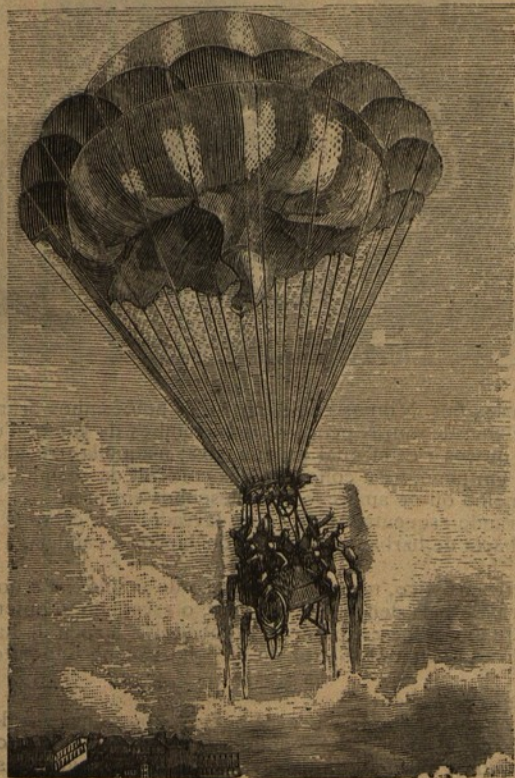
Praticamente, um aerostato assim só é dirigivel n'uma atmosphera tranquilla ou contra um vento de velocidade inferior á sua propria velocidade; ora estas condições praticas são muito raras e muito difficeis, e são ellas que têm obestado a resultados mais completos da navegação aerea.

A experiencia de maior valor pratico foi a realisada pelos capitães francezes Renard e Krebs, em agosto de 1884, no seu balão, cuja fôrma se acha representada na nossa primeira gravura. Tinha 1:800 metros cubicos, supportava um peso total de 2:000 kilogrammas, e o helice era movido por um motor electrico. Obedecia facilmente ao leme, mudando de direcção quando se queria.

Em 1890 o official de artilheria Cypriano Jardim fez, no theatro de S. Carlos, em Lisboa, uma conferencia, em que expoz a theoria d'um balão dirigivel, de sua invenção. A conferencia foi seguida d'uma experiencia, feita com um modelo de 5 metros de comprimento, e que tinha a fôrma d'um cravo ou prégo. Do balão está suspensa uma barquinha, munida d'um eixo de veio articulado, que permite que elle suba e desça sem perda de lastro ou de gaz. Effectivamente o balão fez todas as evoluções que o seu inventor annunciou, mas convém não esquecer que as fez n'uma atmosphera socegadissima, sem ter que vencer — as correntes de ar, unicos obstaculos de valor que se oppõem á realisação pratica da direcção dos balões.



O BALÃO DIRIGIVEL RENARD E KREBS



PÁRA QUÉDAS

TRAVASSOS LOPES.

INTERIORES HOLLANDEZES

Em toda a Hollanda, no Norte, na Zelandia, na Frisa, a cosinha rural tem o mesmo aspecto e o mesmo typo consagrado, tradicional, muitas vezes reproduzidos nos adoraveis quadros de interior de pintura hollandeza, nas aconchegadas scenas de familia, nas alegres festas do Natal, dos Reis e de S. Nicolau, descriptas nas pequenas telas incomparaveis de Jan Steen, de Van Ostade, de Gerardo Dov.

A vasta chaminé guarnecida de madeira de carvalho é forrada interiormente de faiança de Delft azul e branca, tendo ao centro como fundo á fogueira uma chapa de ferro forjada, polida a esmeril e contendo quasi sempre um baixo relevo. O fogo para cosinhar faz-se n'um grande tacho de ferro com tres pés, sobre o qual está suspensa a marmitta ou a chaleira de cobre, e que ao mesmo tempo serve de fogão e de borrarheira, onde a turba se conserva em braza de um dia para o outro. A trempe, os cães, o atiçador, as tenazes, são de bronze lavrado ou de cobre polido. Em cima, no bordo de madeira, contra o panno do muro, poisa perpendicularmente uma fieira de pratos de estanho ou de loiça, sobre o qual se penduram symetricamente, em tropheu, outros pratos mais pequenos, diversos de côr e de fórma.

N'uma cantoneira, os vidros e a baixella de mesa.

Em estantes descobertas, a loiça de cosinhar, as prateiras, os passadores, as canecas de estanho e de grez.



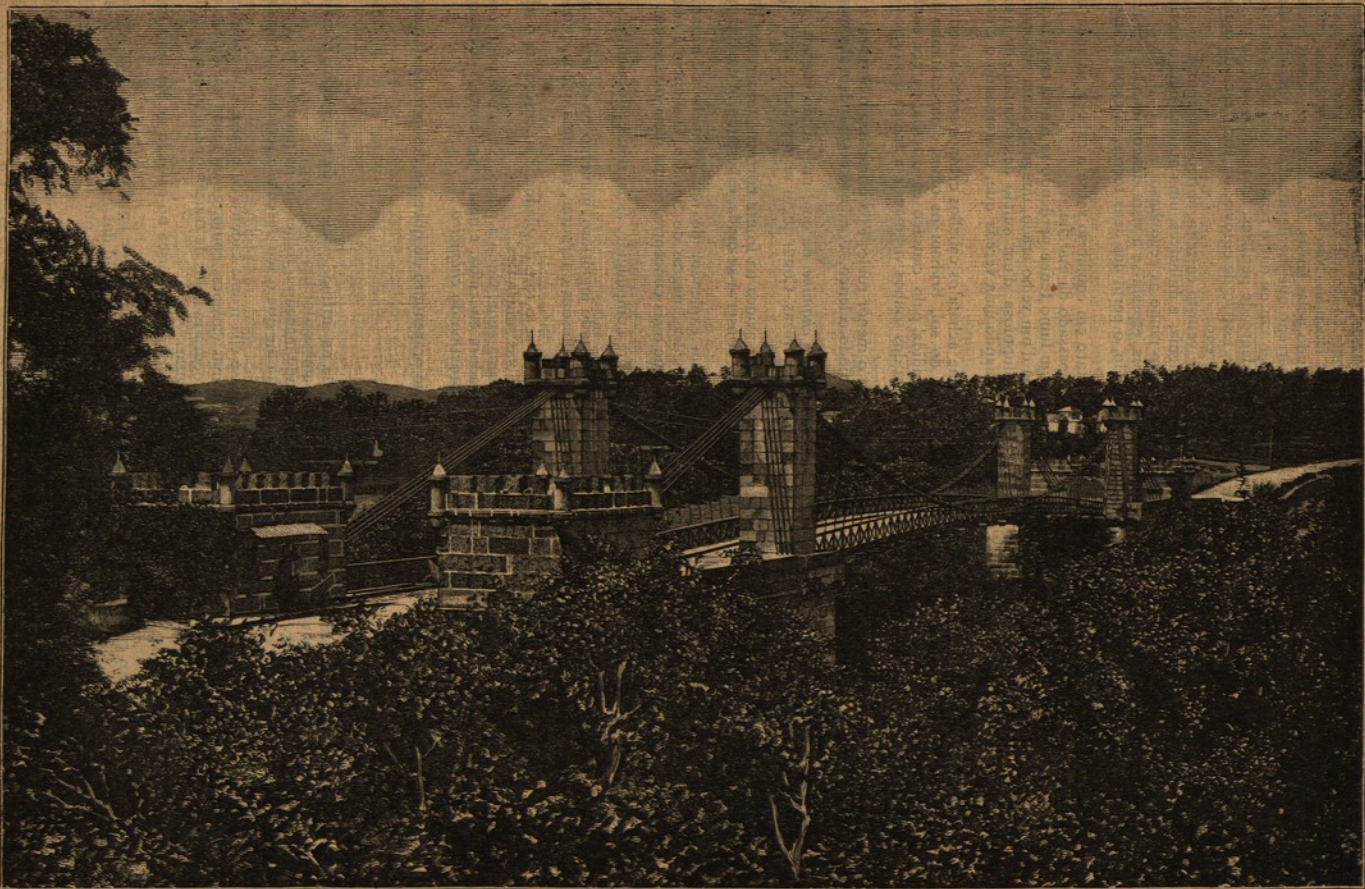
Outras prateleiras mais pequenas são destinadas a varios fins. N'umas enfileiram-se os boiõesinhos brancos das especies com os respectivos letreiros impressos na porcelana; de outras pendem os cachimbos de gesso; n'uma outra estão por conta os ovos, ás duzias, separados uns dos outros e cada qual em sua cava; n'aquella arrecada-se o sabão; n'aquell'outra os phosphoros; n'esta suspende-se em panoplia a collecção das colheres da cosinha e da despensa, umas lixadas, outras polidas, envernizadas de vermelho ou de amarello com desenhos em preto.

Adornam ainda a parede outros utensilios de casa: o grande esquentador de cobre lavrado, com cabo de pau santo; o folle de bico de bronze; o espanador; a antiga bacia de barba, de Delft ou do Japão; a candeia, a lanterna de cobre; o pequeno relógio de pesos.

Muitas vezes a mobilia e a alfaia são antigas, de character artistico, no mais puro stylo do seculo xvi e do seculo xvii; e frequentemente se admira, pela elegancia da fórma e pela delicadeza do lavôr, o escabello, o bufete, o armario, a arca, a prensa da roupa e a do queijo, a estante das colheres, o berço, a dobadoira, a roda de fiar, a ferragem do lar, o bronze dos cães da chaminé, o cobre do esquentador, o grez do pichel, o estanho do pote de tabaco.

Dois ou tres armarios engravados no muro servem de leito e de alcova.

A' janella, entre o cortinado branco, canta um canario n'uma gaiola de junco japoneza, e por cima das flôres que adornam o parapeito vê-se para fóra em moldura sorridente, atravez do tom doirado e tepido do conforto interior, o quadrado verde do longo prado, uma aldeia entre arvores ao fundo, uma revoada de grandes gaivotas sobre um espelhamento d'agua, e, sobresaindo da relva n'um risco perpendicular alveante ao sol, o osso de baleia cravado em poste no chão para servir de coçadoiro ás vaccas.



PONTE DA TROFA, na estrada de Santo Thyreo

PIEDADE CAMPEZINA

O caminho que segue a velha estrada d'Algalí, até ao alto do baldio de Arronches é triste e só. Abre nas passadeiras d'um porto primitivo; no leito de lagedo habujam as aguas tremulas e indecisas da ribeira, que se vão insinuando por entre as terras de pousio, pobres de vegetação, monotonas e desertas; trepa irregularmente até á cruz de granito que defronta o monte da Roque Vaz e perde-se no atalho estreito da azinhaga, ao qual servem de valetas as paredes esboroadas das fazendas. Não ha um trigal vicejante encheido de alegrias esmeraldinas a planura arida; só o vento suão chorando pelas leivas, faz oscillar os ramos aculeados dos carapeteiros. Desenrola-se assim o campo, sem elevações de terreno que lhe desmanchem a uniformidade. Nada perturba o constante silencio das paragens solitarias; e a não ser um ou outro rebanho tosando os pastos mirrados e agitando levemente as moitas de piorno, ou um bando alegre de perdizes, fendendo o azul do ar, n'uma revoada estridente, não ha ali uma unica manifestação vital — canto festivo de cotovia, ou voz fresca de mulher.

Só a terra d'uma côr avermelhada e secca e o ceu calmo e sereno.

Mais para longe vêem-se pedras negras, vestigios, talvez, d'um vetusto castello, abrigo das rapozas.

Como uma sentinella perdida, mas vigilante, esconderijo d'aguas e milhafres, uma atalaya olha o horizonte, nimbada pela luz do sol poente; sobre a sua cupula achatada fazem ninho as cegonhas.

Mas do alto da Roque Vaz, onde poisa o pedestal d'uma cruz, espraia-se a vista descortinando, por entre a frança escura dos olivares, ao longe, a villa desenhando, no fundo, o perfil das duas torres, as casas acastelladas umas sobre as outras, d'uma brancura encandeante.

Pelo caminho pedregoso do monte, trepa uma mulher; o cantaro em equilibrio sobre a cabeça, as ancas d'uma curvatura sensual coordenando o movimento com o rythmo compassado da marcha.

Da chaminé da casa sobe um fumo tenue perdendo-se n'uma trepidação impalpavel. Sobre a rabiça partida d'um velho arado, um gallo canta rufionamente, batendo as azas, na saciedade voluptuosa d'um sultão dessedentado de prazeres.

Maria do Céu prosegue, tomando uma vereda que, contornando o chiqueiro, entesta com a porta do monte.

Por baixo do lenço que lhe achata os cabellos crespos sobre a fronte levemente queimada pelas ardentias do sol, brilham os olhos d'um castanho doce e velludineo; na fulguração accendida pelo cansaço da marcha, parece confundirem-se exquisitamente, a pureza dos sonhos virginaes e a fadiga das orgias decadentes.

De dentro da casa não vem o menor ruido. Ella ultrapassa o humbral e poisa o cantaro sobre a pilheira, sacudindo o lenço, d'onde se desprendem algumas gottas d'agua.

Volta-se vagarosamente para a chaminé, na qual um rachão enorme se consume, n'uma explosão enorme de brazas. Como quem se impacienta vem á porta, olhando ao longe, n'um aneio vago.

Ha uma ideia pertinaz que lhe avinca na fronte correcta, uma ruga funda de intima preocupação. No entanto conserva-se muda, esperando, n'uma immobildade de estatua.

A tarde vae declinando, n'um esplendor de tons vermelhos e alaranjados, colorindo phantasticamente as pedras negras do Suerião. O silencio é cada vez

maior. Impregna-se tudo d'um grande recolhimento meditativo, que mais concentra, n'uma ideia persistente, o espirito inquieto de Maria.

E, na soleira, de pé, n'uma attitude saudosa, o rosto levemente compungido, as lagrimas aljofram-lhe a face, n'um desalento injustificado.

Parece que a consciencia tranquilla se insurge contra um passado inglorioso, immerso na escura noute das faltas frequentes, não remidas ainda por um amor casto, cheio de effusões e ternuras, sem uma queda, produzido por dedicações fervorosas e elevados sentimentos.

A' medida que se faz noite e a escuridão é maior, accentua-se o tom desolador, e só entrecorta o silencio fundo do ermo, o choro da mulher, que redobra, com intercadencias soluçantes.

Agora, pelo caminho, ouve-se proximo o bater pausado d'uma egoa, vindo a passo. Na subida pedregosa um casco escorregando desferre uma scentelha de lume; e uma ferradura ch'calha, e uma praga corta o silencio, com uma accentuação mascula. A egoa arranca com força e estaca proximo do chiqueiro.

Do albardão desce lestantemente um homem.

Da porta, uma voz sollicita, a da Maria, interroga no allivio prazenteiro de quem se desopprime das anciedades da espera:

— E's tu, João?

Elle aproxima-se, e com ar azedo, responde:

— Recolhe a egoa e anda depressa que temos que falar.

A Maria sabe olhando surpresa o marido; caminha para elle na attitude paciente da resignação; toma as re-deas da egoa e segue para o estabulo, de dentro do qual rosna ameaçador um cão.

Volte d'ahi quasi inconsciente, e como se sentisse uma grande inacção a tolher-lhe os movimentos. Pelo seus bellos olhos passa fugitivo o cl rão rapido d'uma tragedia. Palpita-lhe que o seu desenlace será breve, pois ha uma fatalidade sem remedio que a provoca.

Da porta, altercando, vão para junto da chaminé, sentando se ella n'uma cadeira de bunho. Elle então exproba-lhe a conducta, com phrases asperas, aggressivas, insidiosas, mas violentas como, quem teima em desfazer uma duvida. No tresloucamento impensado do cume mal represo, procura indicios de traição que a sinceridade da voz feminil, formulando patheticamente a defeza, não logra fundamentar.

Com villania, na pretensão de derimir a fraqueza da accusação o João busca no passado de Maria as insinuações malevolas.

Traça-lhe a infancia, n'um colorido simples, um periodo fugaz de candura e innocencia; mas por gosto, friza bem a miseria dos parentes d'ella e deprime a, pondo em relevo a perseguição dos guardas, á ferroupilha, d'onde ella vinha, larapios de lenha e de boleta, assim á laia de maltezes, batidos por todos, sem consideração de ninguem.

O pae, o traste do pae d'ella, um biltre, com o annexim de Piçarra, vendendo a aos quinze annos a um valde vinos, que lhe arranjava em troca umas fazendas arrendadas servindo-lhe de fiador.

Depois a vida de Maria, á gandáia, pelas baiucas, onde pernoitavam os ciganos e os guitarristas vindos da feira de Villa Viçosa; o tom desbragado das suas maneiras, as suas lascivias tão faladas, batendo o compasso da degradação, não se lhe conhecendo affectos que não fossem o apego ao ultimo amante, que afinal a deixava farto e que ella substituia com a mesma levandade com que mudava a camisa do corpo.



Para desgraça propria a vinda d'ella ao monte, por uma noite de orgia, em que tivera a ngenuidade de lhe acreditar as palavras doces e em que se embalára nas caricias.

Bem lhe diziam os outros que a deixasse; mas por causa d'uma maldita doença que tivera, fez a asneira de se casar com tal creatura, victimando todo o seu futuro a essa tolice sem equal, elle, a quem muitas pretendiam, decoradas pelo nimbo da virgindade e pelo recato d'uma vida impolluta.

A Maria soluçava, procurando suster a torrente de maldições vasada sobre a sua cabeça; mas as ultimas phrases d'uma injusta injuria, incendiaram-lhe o sangue. Cheia de raiva impotente ergueu-se, appellando para a sua re-generação tantas vezes provada.

Para aniquillar o ciúme fez alarde das perseguições dos outros, requestando a com propositos tentadores; mas ella, sobranceira a tudo, sent a-se reviver no amor d'elle, vigorizando o seu affecto nos maus tratos e no supplicio constante de ser infamada por um passado, onde a precipitaram acontecimentos de que ella não tivera culpa. O retrahimento voluntario, o modo digno como recalcara sem uma queixa as referencias pouco generosas dos companheiros d'elle, davam a medida da sua honestidade, votando se a um isolamento perpetuo, ali na solidão do baldio, sem outras consolações que não fossem as raras caricias do seu João. Sempre infeliz até em não terem d'aquelle enlace um filho, um cuja ternura diluisse os alquebramentos do abandono.

Pois bem; era demais.

Antes expulsa para ir chumbar aos pés a grilheta da infamia, do que essa eterna expiação de involuntarias faltas. Antes a morte que encontraria no suicidio, ou melhor no ciúme do João, que agora açulava, insistindo no poder suggestivo de angariar sympathias e fomentar desejos.

Como a colera lhe trouxesse assomos de vertigem, deu largas á linguagem libertina de antiga collareja.

O echo das injurias cruéis retina-lhe nos ouvidos, incitando-a a desafogos energicos. O João mediu-a torvo, extranhando-lhe a rebeldia. Ella então, prescrutando-lhe no rosto uma expressão terrivel, atirou-lhe uma ultima provocação, dispondo-se a terminar de vez com a suspeita feroz que a perseguia sem tregoa.

— Antes a vida airada que este supplicio constante — E dispondo-se a sahir' aproximaram-se.

Elle escumou de raiva. Bastou um segundo para lampear o aço frio d'uma navalha; no enlace brutal ouviu-se um grito de dôr seguido d'um soluço onde palpitou na revolta da virtude vilipendiada, toda a clemencia do amor: — Perdôo-te, João.

— Enquanto elle fugia espavorido da ferocidade do crime, o rachão da chaminé desfeito n'um brazido enorme projectava uma claridade tragica sobre o rosto de Maria, em cuja immobilidade marmorea a morte punha a expressão venturosa d'uma tranquillidade sem fim.

De madrugada, os ganhões, chegando ao monte, depararam com o cadaver de Maria estirado no chão, na attitude pacifica de quem dorme, o olhar innevado pelo beijo frio da morte. Surprehendidos e suspeitando a causa do assassinato deliberaram partir para a villa em busca da autoridade.

O dia alvoreceu tristonho. Uma neblina plumbea formava um veu denso, obscurecendo a campina. Na solidão do casal deserto, só se ouvia um rafeiro uivando sinistramente.

Passaram horas com uma lentidão melancholica. Afinal pela estrada da villa, subiu um grupo de mulheres, á frente do qual, depois de apeados das eguas que um ganhão ficou segurando junto do poço, sobressahiam a figura do medico sacudido e lesto, o Pina, juiz de paz, d'olucos de azilha, salientes n'uma cara de pergaminho rugosa e glabra, e um

escriba de face macilenta, olhos vesgos, o pescoço esguio, abafado n'uma alta gravata preta.

Os tres entraram no monte, sustando a curiosidade das mulheres, pelo gesto commandatario do Pina, intimando-as a sentarem-se no poial de pedra alinhado com a parede da casa.

Dentro o medico verificou o obito.

D'uma caixa que o escriba lhe passou, tirou as ferramentas proprias para a autopsia. N'uma despreocupação habitual de indiferença começou a retalhar as carnes. Depois de um longo trabalho investigador dictou, de vagar e a meia voz, o relatório, que o escriba trasladava, garatujando n'uma larga folha de papel, enquanto elle cosia os tecidos incisos com uma grande agulha curva.

No entanto o Pina mandou uma das mulheres ao casal proximo, em cata d'um almocreve que trouxesse uma carreta para transportar o cadaver até á villa.

Quando o carro chegou, o recoveiro foi atapetar-lhe o leito com ramos de piorno colhidos nas proximidades do poço.

Então as mulheres entraram no monte. Olhando a pobre Maria do Ceu, ainda formosa, no desalinho em que o medico a deixara, sentiram-se avergadas ao peso d'uma dôr pungente, que as obrigou a um recolhimento piedoso, enquanto dos olhos lhes corriam lagrimas sentidas, pelas faces, onde se não apagara o viço da mocidade.

Diffundia-se por todas ellas um grande sentimento piedoso. No intimo da consciencia tambem havia culpas não remidas ainda; faltas derivadas das tentações do desejo, passos falsos na senda do dever produzidos pelo antegosto da seducção, ninho de promessas, para além do qual se abre o abysmo dos desenganos. Conheciam bem a suggestão das palavras doces ditas a meia voz no tom caricioso das confidencias amorosas.

Todas tinham soffrido das garras do prazer, entregando os corpos abandonados ás tantalisações da luxuria. Que fracas resistencias as suas, ao ar livre, entre as searas viridentes, ou em plena natureza, embriagados os sentidos pelo entontecimento dos perfumes acres dos estivaes, connubios fugazes, saudosos pelo canticos das aves e pelo zumbido das abelhas...

Ah! quantas leviandades não lhes pezavam agora, como um rebate de tardio remorço, estimulando mais o impulso compassivo para com a antiga companheira, a mais louçã, a mais formosa de todas ellas.

Carinhosamente achegaram-lhe a roupa; e como a camisa não cingisse bem o collo, a Garrida cobriu-lh'o com uma saia branca que tirou.

Com um cuidado materno, velando o instincto amavel da mulher, ergueram-n'a para a carreta. Uma d'ellas foi dentro da casa buscar uma almofada, sobre a qual assentou a nuca do cadaver.

A' frente, os tres seguiram a caminho do poço, á busca das eguas em que tinham vindo. O almocreve adeante das mulas que tiravam a carreta, segurou as arriatas, atirando com as pontas para cima dos hombros. O carro poz-se em marcha. As mulheres entraram no monte, d'onde voltaram trazendo cada uma um candieiro acceso; atabafaram a cabeça com os chailes negros e seguiram pela estrada atraz do carro que descia lentamente.

A neblina era cada vez mais densa; no meio da cerreção, as luzes, perdendo-se, similhavam pirilampas ariscando a obscuridade; o ceu plumbeo e baixo parecia um grande veu estendido sobre a terra.

Começou a cair uma chuva miuda que encheu os beirais do telhado do monte de gotas crystallinas como um derradeiro adeus feito de saudosas lagrimas. O casal deserto ficara silencioso e triste; só no estabulo proximo o rafeiro continuava uivando sinistramente...



SAEM DOIS VOLUMES POR MEZ

50 RÉIS O VOLUME

50 RÉIS O VOLUME
(60 RÉIS NAS PROVINCIAS)

NOS DIAS 10 E 25

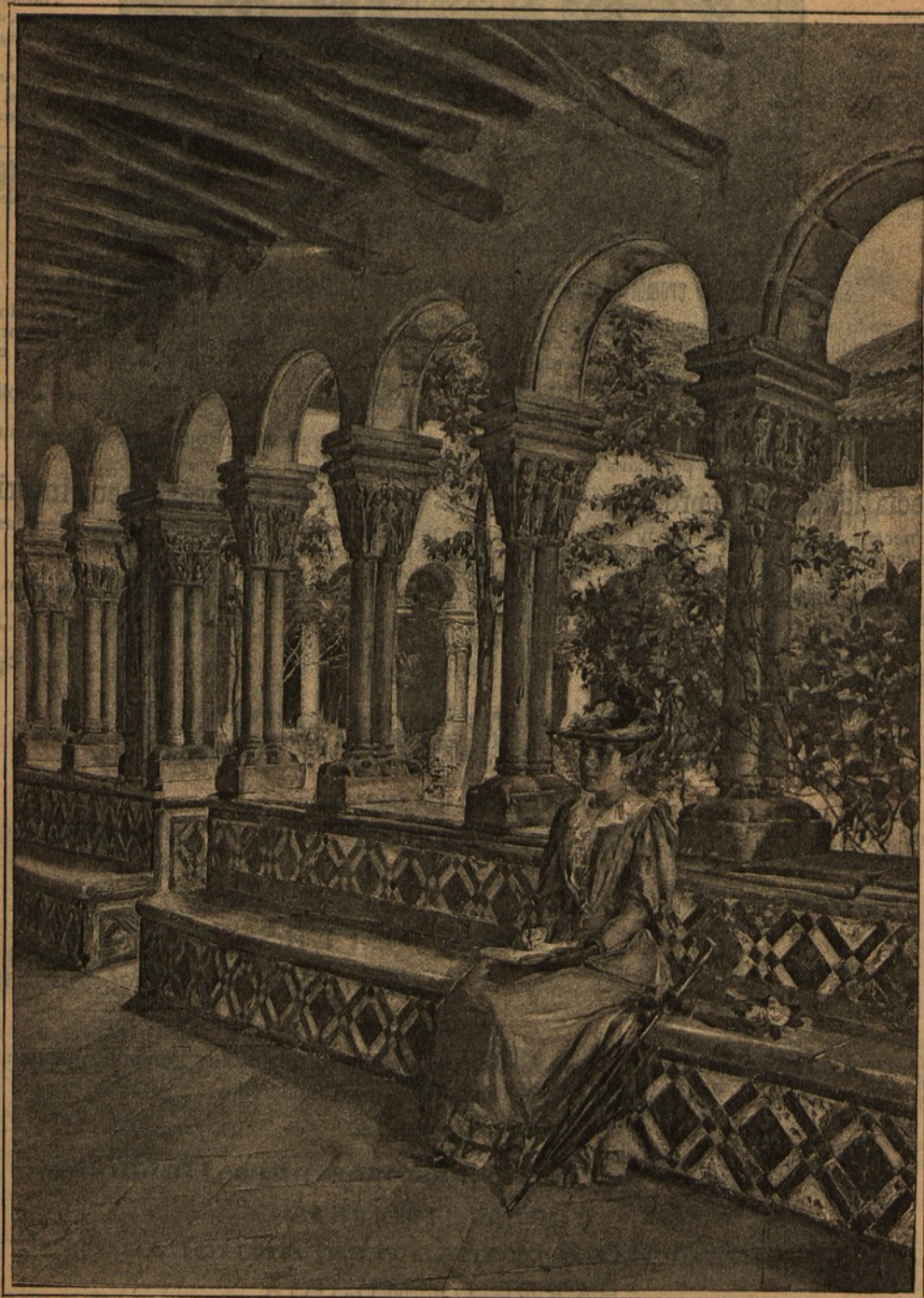
NOVA COLLECCÃO PEREIRA

N.º 1
PORT-TARASCON
*De A. Daudet, traducção de Henri
que Marques.*

N.º 2
D. CARLOS
*De Saint-Réal, traducção de Luiz
Cardoso.*

A MAIS BARATA DE TODAS AS PUBLICAÇÕES

BRANCO E NEGRO



NÓ CLAUSTRO DE CHELLAS -- (Quadro de A. Ramalho)

REPRODUÇÕES

D.
Planos,
Cartas geographicas.
Laminas.
Pergaminhos antigos.
Leseños á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarella, etc.
Illustrações de toda
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

CASA LAMBERTINI

FORNECEDORA DA CASA REAL

PIANOS, HARMONIUMS, REBECAS, FLAUTAS, BANDOLINS, ETC.

Grande sortimento de Musica

EDIÇÕES PETERS

e outras edições economicas

A CASA LAMBERTINI acaba de receber um variado sortimento de Bandolins napolitanos (legitimos) que vende por preços moderados.

Estojes e outros accessorios para Bandolim

CORDAS ITALIANAS

LEGITIMAS VIOLAS HESFANHOLAS

PAPEL DE MUSICA

E todos os artigos referentes á arte musical

DÃO-SE CATALOGOS

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 38

LISBOA, 20 DE DEZEMBRO DE 1896

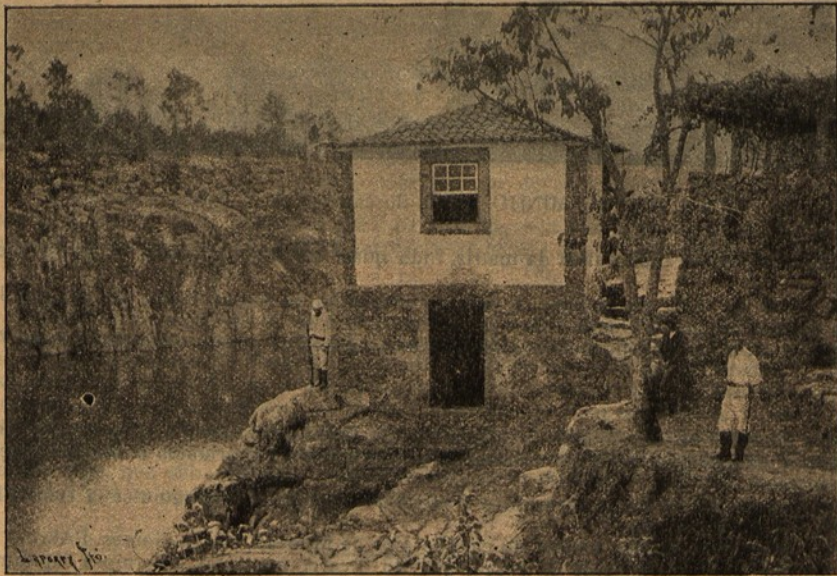
1.º ANNO

Viagens no Paiz

(XIV)

MONSÃO

(Conclusão)



MONSÃO — Posto fiscal da Torre

A elle deveram as suas muralhas e castellos Caminha, Cerveira, Valença e Melgaço, villas fortificadas outr'ora, que se vão escalonando pelo rio Minho, a uma distancia médea umas das outras de 11 kilometros approximadamente, sendo este systema de defeza da raia completado com fortins e castellos, como o de Lappella, por exemplo, que ficavam internados.

Comprehendida assim a defeza primitiva do reino, é facil explicar porque foi que D. Affonso III fundou em 1260 a villa de *Monzon*, tornando-a senhorio da corôa, concedendo-lhe foral, com muitos privilegios, e fazendo para alli convergir os habitantes das antigas villas de Bodim e de Pena da Rainha, que foram extinctos, e do logar de Côrtes, ainda hoje chamado Monsão-o-Velho, onde talvez existisse o primitivo nucleo dos povoadores de *Monzon* de D. Affonso III. Era a facil passagem nos vaus do rio que se queria vigiar, e, em caso de guerra, defender.

Senhorio, portanto, da corôa, Monsão assim se conservou até D. João I, que a cedeu a Lopo Fernandes Pacheco, para logo a resgatar por 1:500 libras.

Depois d'este curto interregno, pretendeu D. Affonso V doal-a ao conde de Ourem, depois marquez de Valença, D. Affonso, filho primogenito do duque de Bragança; mas a villa sustentou as suas regalias e não lhe acciitou o senhorio, até que D. João II deu razão ao povo, com aquella celebre phrase dita ao marquez que, apontando o exemplo de submissão de Valença, se queixára dos de Monsão: — «Valença é femea, disse el rei, *Monzon* é macho.» — e incorporou-o definitivamente nos dominios da corôa, dando-lhe o titulo de muito nobre e leal, e privilegios importantissimos, taes como o de nunca mais poder sahir do senhorio real, e de gozarem os seus cavalleiros das honras de infanções e os seus peões a de cavalleiros, premiando assim o procedimento dos conterraneos de Deu-la-Deu.

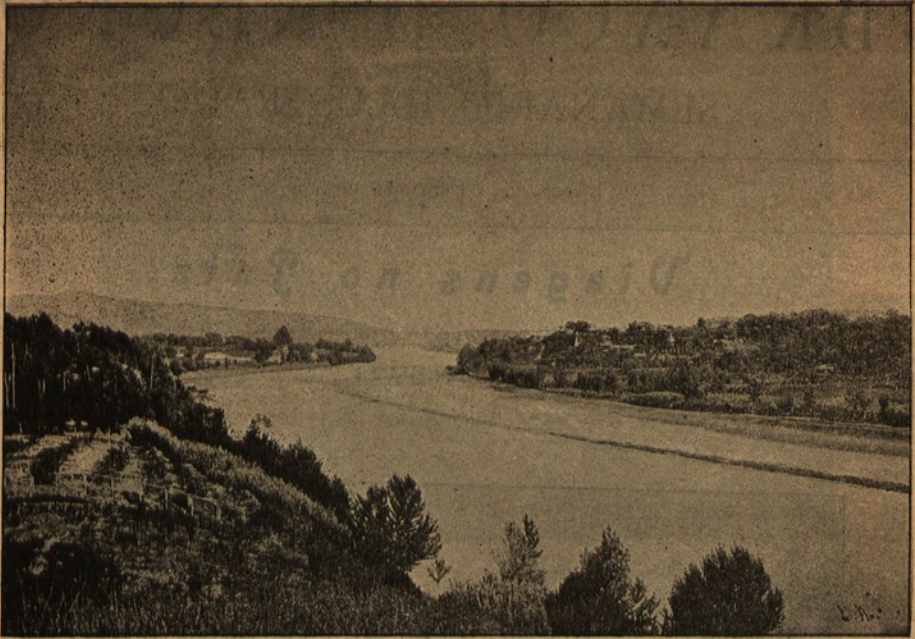
Além d'estas razões para negarmos á villa de Monsão maior antiguidade — e nem precisa d'essas honras a gloriosa villa — fundamo-nos na inspecção dos terrenos que a cercam.

A juzante e a montante do rio e para o sul, o terreno é, como já fizemos notar ao leitor, de sedimento.

Ora, se, como se affirma, alli tivesse existido uma grande povoação, as camadas de sedimento teriam sido deslocadas, pelas construcções, do seu parallelismo primitivo, e todas as escavações recentes mostram que o não foram.

Os edificios mais antigos da villa são, incluindo a matriz, coevos de D. Affonso III, ou pouco posteriores.

As muralhas, que primitivamente cercavam a villa, então de muito menor dimensão, datam de D. Diniz, tendo sido mais tarde ampliadas por D. João I.



VISTA DO RIO MINHO, tirada do castello de Salvatierra (Galliza)

Então a villa não passava muito além da matriz, indo quasi até á actual praça de Deu-la-Deu, onde as muralhas passavam.

Depois do cerco de 1658, que reduziu a villa a um montão de ruínas, é que ella se estendeu para o poente, abrangendo as actuaes praças de Deu-la-Deu e de D. Pedro V, e se construíram as fortificações modernas e separaram, modificando-as, as antigas, ficando considerada como praça de guerra equiparada á de Valença.

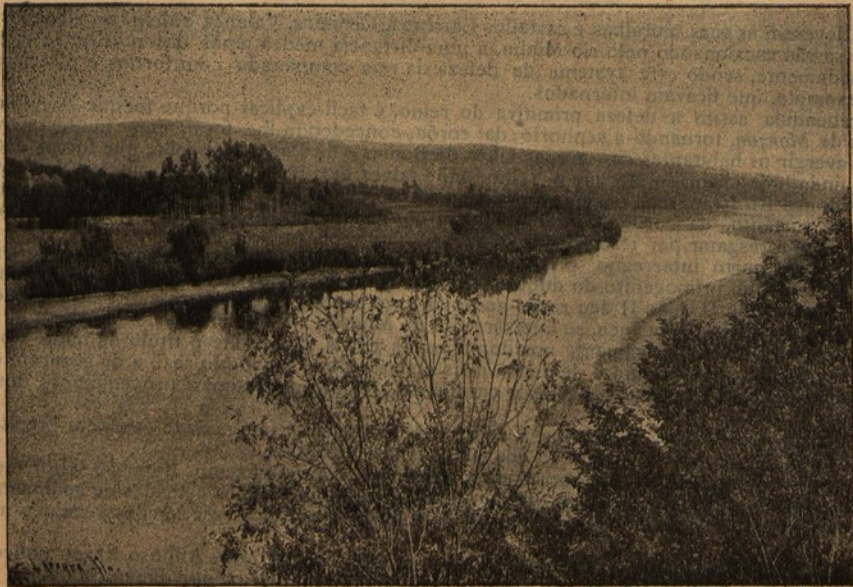
*

São notaveis na nossa historia militar os dois cercos de Monsão, terminados sempre, senão com a victoria, pelo menos com honra excepcional para os monsanenses, attestando a importancia militar da praça e o subido valor dos seus habitantes.

No primeiro, em tempo do nosso formoso e fraco D. Fernando I, distinguiu-se a Deu-la-Deu Martins, que, posteriormente, deu braço á villa.

Era, a esse tempo, Deu-la-Deu mulher do capitão-mór de Monsão, Vasco Gomes d'Abreu.

Como o marido estivesse ausente da praça, quando o cerco começou, a corajosa capitã-mór tomou o commando da praça, substituindo-o na organisação da defeza, provendo á subsistencia da villa e franqueando ao povo e aos soldados os seus celleiros.



MARGENS DO MINHO — Vista tirada do alto das muralhas de Monsão

Os castelhanos empenharam-se em fazer render a praça, mas a coragem dos moradores fêl-os desistir do intento. A' fome recorreram, mas após quatro mezes de cerco, por felicidade dos sitiados, se os generos não abundavam entre estes, também entre os sitiados escasseavam.

Teve conhecimento d'esta situação a Deu-la-deu, e veiu-lhe uma inspiração genial.

Com o ultimo trigo que tinha em casa mandou fazer pão, e com elle ainda quente foi-se ás muralhas, deitando-o aos hespanhoes, ao mesmo passo que lhes dizia :

— «Quizestes-nos render pelas armas e não pudestes: tentaste-l-o pela fome e estamos mais fartos do que vós. Ah! tendes e se quereis mais é só pedir por boca.» — Não quizeram ouvir mais os hespanhoes e levantaram o cerco.

Monsão reconhecido á valorosa mulher, collocou-lhe o busto no brazão de armas, que representa em campo branco, uma mulher cuja parte superior assoma do alto de uma torre, tendo um pão em cada mão, e á volta a legenda:

Deus a deu-Deus o ha dado

*

Egal coragem — as mulheres são o diabo — mostrou em 1643 a condessa de Castello Melhor D. Marianna d'Alencastre, a qual pela sua decisão salvou o marido na batalha por este dada aos castelhanos, junto aos muros de Salvaterra, que estes pretendiam reconquistar aos portuguezes, fazendo estabelecer na margem do rio visinho uma bateria de artilheria, com a qual varejou os castelhanos, fazendo-os retirar com grandes perdas.

*

Veio depois o memoravel cerco de 1658 em que os hespanhoes commandados por Pantoja, só pela fome e com honrosissima capitulação a poderam tomar.

Ahi não foram só as mulheres que se distinguiram pela sua coragem e ardor em combater os inimigos da patria: até os doentes deram o seu contingente, porque entradas uma vez as portas da villa, e invadido o hospital pelos soldados hespanhoes, aquelles se levantaram dos leitos e alli acabaram com gloria matando muitos dos assaltantes.

Acceite finalmente a capitulação da villa viu Pantoja e o exercito hespanhol sahir as portas da praça, tamboras á frente e bandeiras desfraldadas, 236 homens, com aspecto de cadaveres, dos 2.000 que guarneceram a villa.

Pantoja espantado de tanto valor, voltou-se para os seus dizendo-lhes que aprendessem d'aquelles bravos como se defendia uma praça que el-rei lhes confiou, accrescentando. «Si el gran leon d'España tuvese muchos leones de estes seria señor de todo el mundo.»

*

Em 1808 era commandante das armas de Monsão o general Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, 1.º conde de Amarante o qual dotou as thermas de Monsão com o unico edificio de pedra que alli existe.

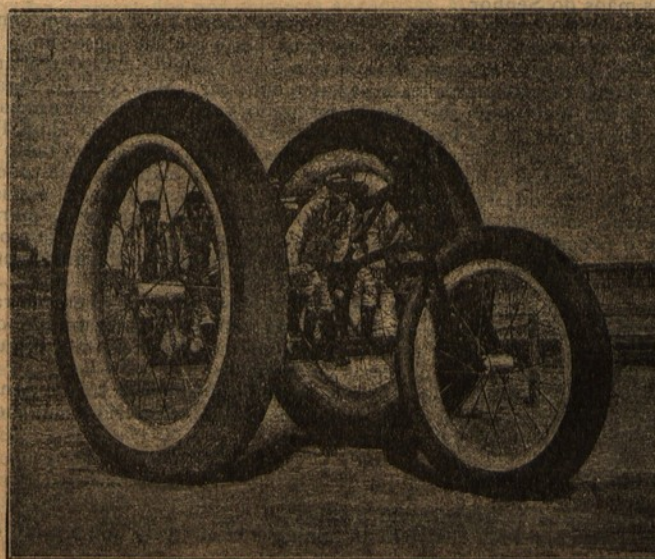
A este distinctissimo militar se deveu a defeza do rio Minho contra a invasão franceza, que os generaes d'aquella nação tentaram por alli sem resultado, tendo de a effectuar por Traz-os-Montes.

Ainda hoje, nas diversas propriedades limitrophes ao rio Minho, é frequente encontrarem-se abrigos, fortins e fortificações provisórias mandadas fazer por aquelle general, para obstar á marcha das hostes napoleonicas.

Faz bem recordar hoje, que vão esbatidas e quasi obliteradas as tradições e virtudes civicas, o heroismo de outras eras e os exemplos que os nossos maiores nos legaram.

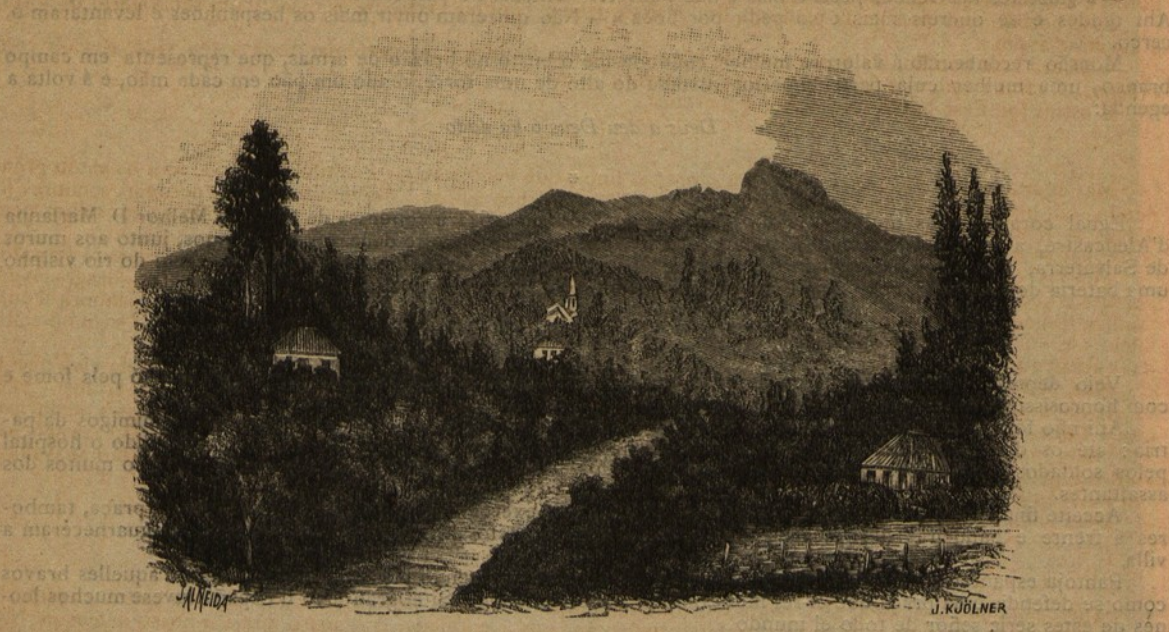
João SECCO.

O TRICYCLO ELEITORAL GIGANTE DOS ESTADOS-UNIDOS



(Já descripto no nosso numero passado, no artigo *Cyclismo*)

A NOSSA ALDEIA



Está a gente, por aqui, muito quietinha nos seus lares, longe do mundo, e, quando a mala-posta todas as manhãs acorda os melros da deveza com o clangor alegre da sua corneta, logo á Aldeia chegam caras de gente estranha — senhoras de cauda e senhores de binoculo, forasteiros que andam em digressões de gente rica... Surprehendidos, os nossos olhos ficam-se a olhar a maravilha d'aquellas sedas fidalgas, que só as vimos eguaes no manto azul da Senhora das Dores...

Sejam bemvidos á nossa Aldeia, senhores fidalgos da cidade! Sejam bemvidos!... Mas hajam de perdoar. Porque, olhem: — isto por cá está tudo ainda com a mesma demão que Nosso Senhor lhe deu. As arvores um pouco mais crescidas, é certo; o povo cada vez mais crente... Mas, de resto, as mesmas montanhas agrestes, o mesmo campo a pedir agua ao portal do vizinho, cães a uivarem de noite, sinos em côro a anunciar enterros, e, lá de longe a longe, por festa, a viola do tanoeiro a cantar ao postigo da noiva...

O nosso vigario é ainda, como vêdes, aquelle mesmo velhinho, do anno passado, aquelle mesmo, corcovado, a gemer, que vae cada madrugada, quer de verão, quer de inverno, dizer a sua missa e ensinar doutrina aos pequenos do logar. Quem está talvez mais mudado é o seu livro de rezas, pobre d'elle, a desfolhar-se! Tão pouco serviço tem elle feito, o desgraçado! Já não tem principio nem fim. E, se não fosse nossa ainda a alma do Vigario, ninguem da Aldeia se lembraria do que havia escripto n'essas duas paginas que lhe faltam... Mas, como a sua alma vive e é de toda a nossa Aldeia — porque nem Deus nem os homens tiveram ainda coração para a arrancar do abrigo dos nossos affectos — o *Breviario* do velhinho por cá se vae conservando novo em folha, como se viesse agora mesmo das mãos do Senhor...

Está mais rouca a voz do sino, não ouvís? ... E' de tanto chorar! Foi todo um anno de mortes... Parecia uma liquidação, um castigo de Deus! — Andou por ahi uma peste malina que dizimou casaes inteiros, familias, desde o avô até ao neto. E, como se o braço de Deus não fosse bastante para derrubar gente, houve até quem fosse entregar-se ao braço d'uma carvalha e n'elle se deixasse enforcar! Mas o nosso Vigario — Deus lh'o agradecerá um dia, certamente — não teve alma de o deixar insepulto, sem o auxilio da igreja; e lá foi, tal qual como aos outros, a acompanhar-lhe o cadaver e a pedir a Deus misericordia para a sua alma. Porque — deveis reparar, senhores fidalgos da cidade — os presbiteros simples das nossas aldeias não sabem tanto latim como os senhores priores das vossas cathedraes. Estudam o bastante para falar com Deus, e ignoram de todo a trama casuistica d'essas discussões theologicas, que em roda do cadaver d'um suicida, se costuma urdir. E' por isso que elles, como toda a gente cá pelas nossas terras, sabendo que é uma obra de misericordia enterrar os mortos, os vão sepultando a todos em sagrado, justos e peccadores, não cuidando de averiguar se foi a morte que os foi buscar ao leito por designios do Ceu, se foram elles que se fizeram encontrados com a morte, allucinadamente, n'um desespero que só a morte allivia.

Os suicidas são cadaveres como os mais, pois não são? A cova é o unico bem de raiz, cujo dominio directo todos nós temos. E mal parece que um Vigario do Senhor, solto dos regalos do mundo, com os olhos levantados para a corôa de quem tudo perdoou, ande pela terra a negar aos mendigos da morte a unica coisa que elles pedem para abrigar as suas desesperanças — um cobertor de terra.

Lá nas vossas cidades, emfim, oiço dizer que até a cova se paga. Louvado seja o Senhor!... Mas, por cá, na communhão d'esta primitiva paz tão carinhosa e tão desinteressada, o cemiterio é um morgadio de toda a gente, pobres e remediados.

*

Vinde ver a nossa Aldeia, senhores fidalgos, vinde vel-a.

Olhae: — cheira a alfazema por toda ella. São as velhinhas cá da terra que a estão queimando para esconjur-ar o demonio.

Sorrídes-vos da sua simplicidade?... Nem admira, porque tenho lido nas gazetas que lá pelas vossas cidades é o demonio um dos senhores mais considerados, de mais respeito na vossa roda — que janta a vossa meza, que toma parte nas vossas festas, que é emfim um familiar de toda a vossa vida. E' pela sua arte, segundo contam, que todos os vossos negocios tomam bom caminho, que as vossas filhas casam, que a vossa fazenda cresce... Mas, cá,

está isto ainda muito antigo. O demonio é, para a alma d'esta pobre gente, o mesmo espirito tentador que desflora a virgindade, põe uma mancha de lama na honra, secca as nascentes, e uivá pela voz dos cães de quinta quando morre alguma pessoa de estima... Por isso ainda se incensam as casas de alfazema para o esconjurar, e toda a gente se empenha — embora ingenuamente, como vós pensaes — em vel-o bem longe do seu beirado.

E' verdade que, a par da nossa alfazema ingenua, não temos bispos nem cardeaes que o reprimam com um aceno do seu baculo. Mas temos — e isso nos compensa — o bordão-de-pastor do nosso Vigario, que anda sempre ao lado de nós, vigoroso e lesto. Está velhinho, o Vigario? Bem velho, na verdade! Mas o seu bordão-de-pastor floresce a cada anno com ramas novas e enrija tanto mais, quanto mais o velhinho derreia!

Esse bordão tem uma lenda piedosa. Foi Jesus quem o confiou certo dia ás mãos d'um seu vigario na terra, e lhe disse assim:

— «Leva esse bordão. As flores que elle bota cada anno bastam para perfumar toda a tua vida. Rega-o com orações, e verás como elle floresce a cada primavera!...»

E assim foi. Esse bordão-de pastor é a creença.

*

Mas agora reparo que estou falando a senhores finos, que vêm passeiar á minha Aldeia, e aqui os estou p'endendo com historias que não valem um pó das novellas dos seus salões. Não têm senão que perdoar, senhores fidalgos... A gente do campo tem este feitiço selvagem de taramelar por qualquer coisa, e não ha conselhos nem conselheiros que lhe amaciem esse geito rude e a façam reservada, como vós outros.

Sim, lá pelos vossos palacios, lá pelas vossas familias, ha segredos intimos que não respiram para fóra dos portões e que ás vezes morrem no silencio das alcovas. São, as mais das vezes, amarguras, grandes desgraças de familia, tragedias — um filho que joga o patrimonio, uma mulher casada que transvia por atalhos, a deshonra d'uma filha... E vós tendes a diplomacia bastante para calar as vossas desventuras e não permittir que o vizinho saiba das ruinas que vão nas vossas casas e nas vossas almas.

Mas, por aqui, anda tudo alumiado pelo sol de Deus. Chagas e flores vem tudo á luz do dia; nada vive occulto. As plantas querem sol. E' por isso que, muitas vezes, os nossos segredos — que raros são os que temos — vêm até á lingua dos soalheiros, e ahí se lhe fazem autopsias solemnes. Quasi sempre o cochichar d'estes soalheiros vale bem pelo veredictum d'um jury. — Um filho insultou seu pae? A Aldeia escorraça-o. Um criado praguejou contra o patrão que o estima? A Aldeia reprehende-o e põe-lhe na cara a sua feia accção. Um assassino anavalhou um innocente a uma esquina? A Aldeia vae procurar assassino e navalha e leva tudo a casa do regedor.

Nem leis nem auctoridades! Os codigos são a alma da gente, meus senhores da cidade!

*

Alli vae aquelle velhinho, que, pelos seus oitenta annos do mundo, sabe mais d'elle do que todos os philosophos das vossas academias. Com dois principios só, o amor e a caridade, é o nosso juiz e o nosso defensor. Não saberá de operações bancarias, de altos jogo de bolsa, nem de outras coisas que vos são familiares. Mas perguntae-lhe como se enxerta um galho, como se cura umas maleitas, como se pede dispensas de proclamas para um casamento, como se requer á senhora Junta para minar agua n'um baldio, e elle vol-o dirá, francamente, sem estender a mão a pagas nem a agradecimentos. — E' o nosso livro-aberto. Desde os francezes até agora, não ha em toda a historia portugueza um acontecimento, por somenos que seja, que elle desconheça e cuja philosophia não tenha. Resume-se n'esta sentença piedosa a sua critica historica: — o mundo é um Val-de-Lagrimas.

E' ingenuo, é simples, direis vós. Mas é sincero e verdadeiro o seu juizo sobre a conducta dos homens. Serve-nos mais a sua experiencia velha, do que o milhar de volumes que as vossas elevadas philosophias enchumam de sentenças. A sciencia da alma humana não se encaderna n'um volume; a sua bibliotheca é a alma de cada qual.

Cá, pelos nossos rudes logares, para que uma pessoa adquira fóros de homem, o baptismo das primeiras letras lhe basta. Depois, a enxada, o alvião, a rabiça do arado, são o curso superior dos nossos estudos. O nosso Direito é a inclinação natural das nossas almas; a nossa jurisprudencia é o simples decalogo da religião de Jesus; a nossa philosophia é a rendição passiva aos designios do Rei dos-Reis.

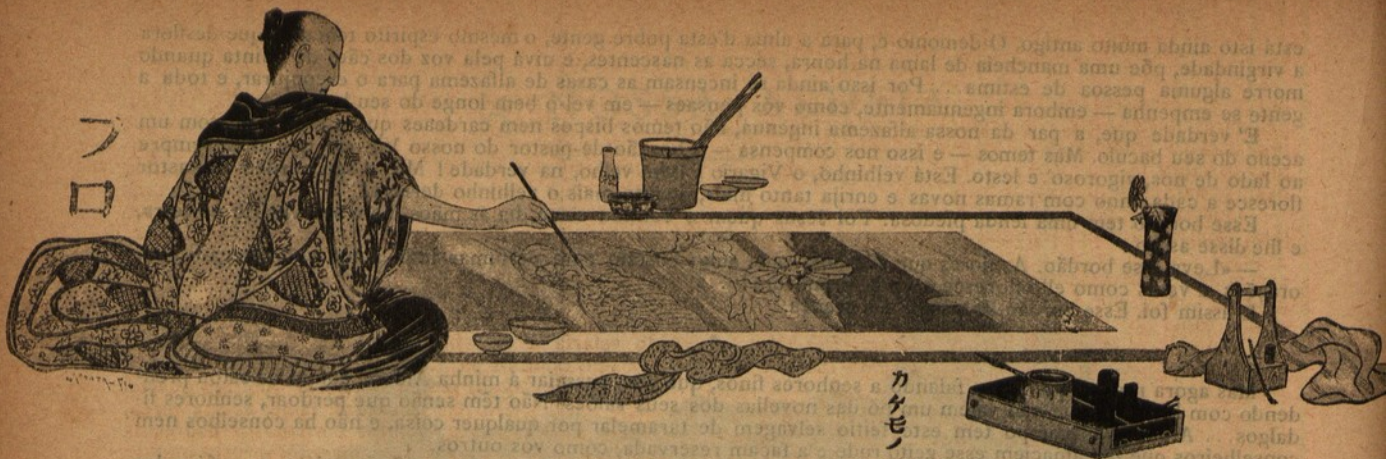
Do mais, sciencias, artes, politicas impertinentes, a gazeta do senhor Vigario fala d'isso tudo, ás tardes, nos conciliabulos do adro, quando alli nos ajuntamos em parlamento para nos rirmos do mundo. A febre dos sonhos novos, do ideal, das conquistas temerarias para arrebatar o fogo do Céu, reduz-se na nossa alma, á aspiração tranquilla de morrer n'uma enxerga limpa, coroado de olhares amigos. Não temos Poetas a arder em febre, não temos artistas desalentados e arrastados por chimeras enganosas. Mas temos o coração doce dos tropeiros da Aldeia — sachadores,romeiros, devotos, e todo um bando de peregrinos do Luar — que vão urdindo os seus ingenuos poemas á roda d'uma gruta encantada, d'uma arvore sem folhas, d'um gracioso oiteiro, d'uns olhos namorados. E é com a viola grosseira dos nossos tangedores — attentae bem n'isto, senhores fidalgos da cidade — que os vossos altos Poetas vêm afinar as liras de ébano, para que os seus poemas cheirem ao feno dos prados e á mardresilva dos caminhos velhos. E' na paleta vasta das nossas paizagens, meigas, carinhosas, d'uma verde-esperança que nenhum outomno esmaece, que os vossos Pintores vêm molhar o seu pincel para debuxar as telas eternas. — E é assim, só assim, que a immortalidade lhes acena de longe; é assim que a gloria os diadema de corôas!

*

E eis a nossa Aldeia, senhores fidalgos; eis-a nua, a vossos olhos, com a nudez innocente das creanças colleirinhas que não sabem o que é o mal. Innundada de Sol e Luar, vêde-a ajoelhada n'uma adoração perpetua diante de Deus! Cada lareira é um altar; e essa igreja velha que alli vedes, entre arvores antigas, abrigada do vento sul, não é mais do que o resumo pittoresco d'essas tantas outras egrejas que se abrem a-dentro de cada casa.

Tirae o vosso chapéu; descalçae as vossas sandalias; beijae as nossas arvores desgrenhadas; aspergi-vos da agua viva das nossas fontes; e podeis entrar, senhores grandes da cidade, podeis entrar e commungar a nossa vida religiosa!





O ORIENTE MACAU

Tudo o que nos traz esse perfume singular e mysterioso do Oriente tem o poder de evocar em nós uma boa sensação de alegre vida a um claro sol, n'um retalho de paisagem sempre fresca e sempre verde, com aguas a cantar. *Sentimos* essas coisas que estão tão longe, identificamo-nos com ellas e com ellas vivemos essa vida curta de Sonho, que é formada pelo nosso fundo de affectividade morbida e dolente de viajeiros e bohemios que se vissem de repente separados da outra gente e dos outros costumes por uma barreira insuperavel. Isto, porém, não tira que, quietos, nos deixemos levar a outras bandas, na aza d'ouro da chymera, como bons filhos d'este céu azul que acaricia e que desfolha rosas sobre nós.

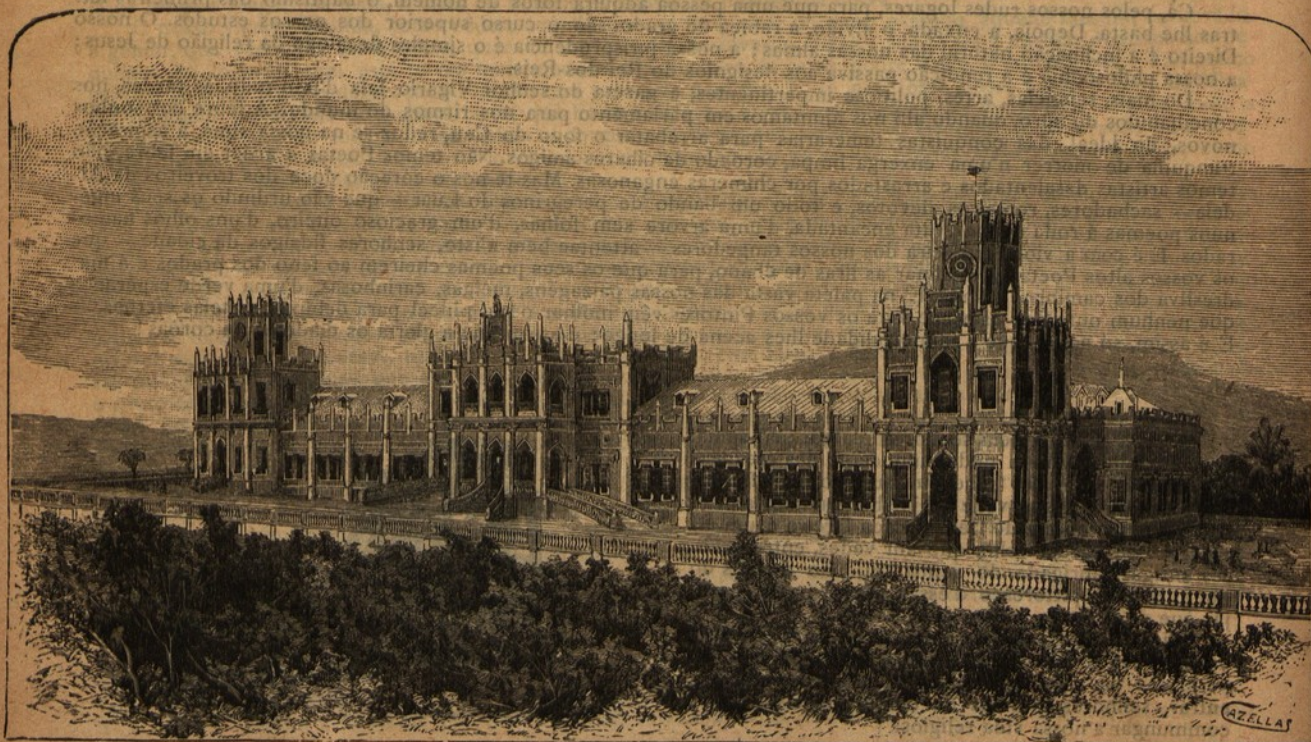
Isto a proposito das *Jornadas pelo mundo* do conde de Arnoso (*Bernardo Pindella*), um livro encantador e luminoso que nos falla d'essa impenetravel e silenciosa China, tão cheia de coisas imprevistas, tão typica, tão atrazada e por isso mesmo tão curiosa, onde ha, para quem saiba ver, uma tão subtil e colorida analyse a fazer. E' realmente de tentar este passeio ao paiz dos amarellos; e Bernardo Pindella, com raras qualidades de colorista, d'elle nos trouxe um pedaço delicioso, claro e aromal como um bosque de tamarindos. D'essa abalada para as terras do Sol saíram bellas paginas de prosa, vibrantes, de uma cor quente e effusiva, cheia de scintillações, onde perpassa por vezes o lampejo de uma emoção, de uma saudade, de alguma coisa que se perdeu para sempre. O espirito subtilissimo e fidalgo de Bernardo Pindella, soube tirar as mais imperceptiveis *nuances* do que viu, dar-lhe um toque de alto requinte, n'uma linguagem perfumada, elegante, simples. E' mais difficil isto, porque não tem enfeites para encobrir muitas vezes uma falta de ideias.

De resto, uma paisagem clara, espontada de mandarins extranhos, de alacres sêdas, de kiosques pintalgados e de pagodes mysteriosos, dá sempre margem a um artista meridional que tenha a facilidade de contar tal como vê, a poderem-se dizer lindas coisas, sem as ir procurar á Imaginação, porque ellas já de si nos dão a nota cor de rosa de uma existencia sonhada, entrevista n'uma esperança — castellos que se formam n'uma hora de esquecimento.

Das *Jornadas pelo mundo* que são, n'este ponto, o livro de viagens que nos traduz melhor a impressão sentida, doce impressão, como a que se tem a um pôr de sol que morre n'uma gloria d'ouro, recortamos um bello trecho sobre a cidade de Macau.

José SARMENTO.

Encontrar terra portugueza, a mais de 3:600 leguas de distancia da nossa querida [patria, é tamanha] ventura, que os cinco dias que estivemos em Macau contarão na nossa vida como para o caminhante no deserto contam as



O HOSPITAL S. JANUARIO EM MACAU

horas de descanso passadas à sombra bemfazeja das palmeiras d'um oásis. E o orgulho de ser portuguez parece crescer ainda quando, pisando a bella terra, volvemos os olhos para o passado e de memoria folheamos as paginas da nossa gloriosa historia.

Quarenta annos levou aos portuguezes, que de Malaca, capitaneados por Perestrello, aportaram a Sanciam, — onde morreu o santo Francisco Xavier — a estabelecerem-se definitivamente em Macau, tendo estado trinta e cinco annos em Liampo, hoje Ningpó, e em Thinchem. Vidas de abnegação, de perseverança, de sacrificios e de luctas as d'esses heroes, que em 1583 deram a Macau o primeiro municipio! *Leal Senado* lhe mandou chamar mais tarde el-rei D. João IV, e bem leal, que nunca, durante os sessenta annos de captivo, tremelou nos muros das suas fortalezas o leão de Castilla. Sempre tão valorosos, que em 1622 derrotaram os hollandezes, destruindo as forças commandadas pelo almirante Roggers.

A península de Macau, cercada de ilhas, pequena como é, com a sua varzea fertilissima e as suas seis collinas d'um relevo gracioso — Guia, Penha de França, Mong-ha, D. Maria e Gruta de Camões — é tudo quanto se possa imaginar de mais pittoresco. Quando d'aqui a alguns annos as 60:000 arvores, creadas e mandadas plantar por Thomaz Rosa, e que parecem vingadas, cobrirem com a sua sombra aquellas encostas, Macau será um verdadeiro paraíso e a concorridissima estação de verão do extremo oriente. Já agora os habitantes de Hong-Kong procuram, no clima natural de Macau, um refugio aos excessivos calores d'esta quadra. E' com verdadeiro prazer que um portuguez se encontra em Macau mesmo depois de ter visitado Aden, Colombo, Singapura, Saigon e Hong-Kong, onde os inglezes e francezes, a peso d'ouro, teem creado estabelecimentos de primeira ordem. Nada nos envergonha.

O palacio do governo, comprado á familia Cercial, é um vasto edificio de bella apparencia. Durante algum tempo estiveram n'elle diversas repartições; mais tarde, durante a ultima administração todas se installaram, com grande commodidade para o serviço publico, no antigo palacio do governo, um optimo edificio tambem, e onde principalmente se admira a sala do tribunal, que era a antiga sala do throno do palacio. Quantas capitaes de districto na metropole invejariam este edificio para as suas repartições, e como todos desejaríamos que o tribunal da Boa Hora se parecesse, de longe, com o tribunal de Macau! Ao lado fica o pequeno correio estabelecido tambem durante o governo de Thomaz Rosa. Até então era coisa que não havia na provincia! Toda a correspondencia se enviava, pelo vapor da carreira, ao correio de Hong-Kong. O quartel de S. Francisco, no extremo da praia grande, mandado edificar pelo benemerito governador Coelho do Amaral, espaçoso, bem arejado, em excellentes condições, é occupado pelo batalhão do regimento do ultramar destacado em Macau. Mais acima, no alto d'uma pequena collina, assenta o hospital S. Januario, magnifico e elegante estabelecimento que Macau deve, entre outras muitas coisas, á larga iniciativa do conde de S. Januario. A Sé e egrejas de S. Lourenço, S. Domingos, Santo Antonio, S. Lazaro, Santo Agostinho, Santa Clara, S. José teem o cunho essencialmente portuguez das grandes e alegres egrejas das nossas terras de provincia. A de S. Lazaro, situada n'um bairro de chinas christãos, é a mais antiga de todas.

Por isso quando um novo bispo toma posse é n'esta

egreja que a cerimonia tem lugar e não na Sé. Os chinas d'este bairro são os melhores de Macau; os que emigram, e raros são os que o não fazem, apenas adquirida uma pequena fortuna, apressam-se a voltar tratando de comprar o mais perto possivel da sua egreja uma casa ou terreno onde a possam edificar. Como lembram os emigrantes das laboriosas e felizes aldeias minhotas! Esse velho padrão da nossa fé, que ameaçava tornar em ruinas, foi salvo durante a administração de Thomaz Rosa. Inteiramente reconstruida, a egreja de S. Lazaro é a mais bonita e riso. ha de todas. Se não lhe tivessem valido estaria a esta hora abandonada como as ruinas de S. Paulo onde os jesuitas tinham o maior collegio do Oriente e que algum tempo occupado por um quartel foi mais tarde pasto das chammas. Hoje, na sua cerca, por onde passeiavam os doutos e virtuosos padres da Companhia, que tanta luz derramaram por este oriente fóra, vivem promiscuamente, n'um chiqueiro immundo, porcos e chinas miseraveis! O seminario de S. José é o unico estabelecimento de instrução secundaria da provincia. ¹ Esta casa de educação soffreu um grande golpe com a expulsão dos dois unicos professores estrangeiros,

jesuitas que n'ella existiam. Foi o decreto de 1871 que, reorganizando o seminario de S. José, prohibiu que n'elle professassem disciplinas padres estrangeiros. Esses dois unicos jesuitas, d'um grande saber, e que tão relevantes serviços tinham prestado á mocidade estudiosa de Macau, tiveram então de sair. Um é hoje professor em Melbourne; o outro tem a seu cargo em Roma, como redactor principal, a *Civiltà catholica*. É triste vêr como um simples traço de penna póde ter tão funestos resultados. Não se imagina a differença que existe entre os macaístas que foram ainda discipulos d'esses dois padres, e aquellos que não puderam aproveitar das suas lições. Ao sexo feminino prestam hoje relevantes serviços as irmãs de caridade italianas estabelecidas em Macau. Além de receberem as orphãs e as educarem, as suas classes são frequentadas pelas filhas de macaístas e empregados da provincia. Ensinam tambem a lêr e a trabalhar as ceguinhas pobres. Não se calcula a quantidade de chinas, ou absolutamente cegos ou vendo



CONDE DE ARNOSO

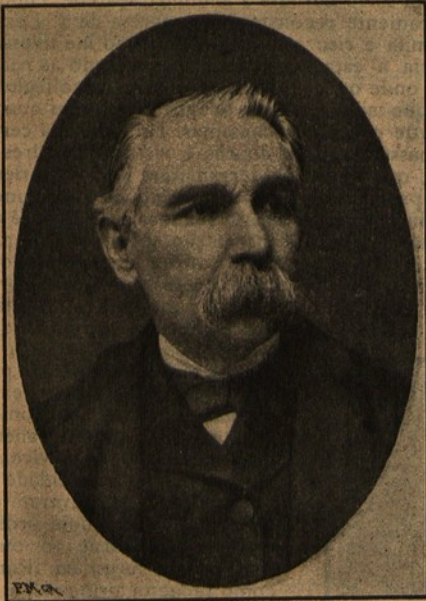
tão pouco que os força a trazer oculos fixos, que por toda a parte se encontram.

As irmãs italianas, apesar de abençoadas por todos, não estão livres tambem de ser expulsas um dia por algum ministro recentemente atacado de *liberal jacobinismo*, formula estapafurdia e indigena muito do apreço de conspiciosos conselheiros. O actual bispo de Macau, D. Antonio de Medeiros, não descua um momento, com o seu incansavel zelo, estes dois estabelecimentos de instrução. Prelado d'uma illustração que egual a sua virtude, não lhe serviu a purpura para descansar. Novo ainda, encontramol-o magro e pallido, mirrado pelas febres devoradoras de Timor, adquiridas na longa visita que ultimamente fez pelo interior d'aquella ilha ás missões por elle creadas. Durante algum tempo estivemos presos da sua palavra fluente, ouvindo-o discorrer com rara largueza de vistas e superior bom-senso sobre o estado actual e o futuro de Timor.

CONDE DE ARNOSO.

¹ Uma recente lei creou felizmente um lyceu em Macau que já está funcionando.

Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro



ANTES de mais nada, uma pequena e verídica historia.
Um dia... — há quantos annos isto lá vái! — era em fins de setembro e numa pinturêsca aldeia, encravada nas serranias da Beira.

Dia assoalhado e frêsko, em plena actividade agricola. Chegava das eiras a monotona e triste cantilena dos malhadôres, que agitavam os mangues nas debulha das espigas :

— Bam... pó! e bam... pó!... —

Chiamam pelas canadas os carros que levavam aos lagares as dornas cheias de cachos; e, aquem e alem, pelos vinhaes da encosta, raparigas morenas e robustas, de perna roliça e nua, iam cantando, vindimando, e despejando os vindimos nas canastras, em quanto uão voltava a dorna.

Numa casa modesta da sertaneja povoação, festejava-se nêsse dia o 16.º anniversario do filho mais velho dos donos da casa, — um estudantito de latim, enlêvo e enthusiasmo dos seus progenitores. O pai trouxera-lhe da feira-franca de Viseu um chapéu novo, á patuleia, de copa dura e convexa e grande borla prêta, com sobarba. A mãi brindara-o com um gorgete bordado; e as irmans haviam-se encarregado de fazer os bôlos e o arrôz dôce para o jantar.

No decurso porem da alegre refeição, o rapazito parecia triste e falava pouco. A' sobremêsa, provou uma fatia de requeijão e não quiz mais nada. O pai observou:

— Bem sei: querias andar na vinha da Barqueira com a gente da vindima, e ir com o lavradôr no carro da dorna...

— Não é isso, meu pai...

— Então para que estás para ahi macambúzio, com a fala no bucho, e nós todos satisfeitos?

— Precisava... O pai não se zanga! Precisava... doze vintens.

— Para a feira-franca?

— Não, senhôr. E' que o escrivão do juiz de paz, o vizinho Alexandrino, que é quem recebe e vende cá pelos sitios o *Almanach de Lembranças*, já lá tem doze exemplares, que lhe mandaram de Lisboa.

— E então?

— Desejava eu um exemplar.

— Manias! Tens ahi o *Manual Encyclopedico*, a *Prinçeza Magalona*, a *Confissão do murujo Vicente*, o *Testamento do gallo*... não falando na grammatica que é o que mais importa, e ainda queres mais livros! Mas lá por isso não seja a duvida. Demais, fazes annos... Vai buscar o livro.

E deu-lhe uma moeda de doze vintens em prata.

Cinco minutos depois, o estudante estava com o livro ao pé dos pais e lia-lhes enthusiasmado, como se declamasse uma epopeia, a pagina 381 do *Almanach* de 1863: é que estava lendo a descripção, que elle proprio fizera, da sua querida aldeia.

O pai, vendo o nome do pequeno em letra redonda, deixou chegar aos olhos um clarão de prazer indizivel; e a mãi, não podendo conter duas lagrimas, aconselhou:

— Olha, filho, mostra isso ao senhor padre mestre... é nosso amigo... deve gostar...

O incipiente e ingenuo escrevedor correu a casa do padre Francisco. Era preciso que o seu triumpho não ficasse entre as quatro paredes da sua casa. A mãi adivinhára: o padre-mestre abraçou o discipulo, estimulando-o, em bom portuguez da Beira, meclado de latins da *Biklia* e versos de Virgilio:

— *Macte nova virtute, puer*...

Era quasi uma loucura o contentamento do rapaz. Quiz lèr a sua obra a todos os vizinhos, mas, nessa tarde, todos elles moirejavam nas eiras ou nas vinhas, e teve que limitar-se aos applausos do mestre e da familia.

Não largou porem o livro, e, as 8 horas, deitando-se na cama, continuou a relêr-se e a admirar-se. O que mais o deslumbrava era a assignatura em letra redonda: só imaginar que o seu nome, áquella hora, ia chegando a todos os rincões de Portugal e até na America havia de ser lido!... Seguramente, a immortalidade era d'elle!

O peor, ou antes, o melhor, é que o somno não chegava, e a luz do candieiro de tres bicos fazia de cada letra um tropheu, de cada virgula uma palma triumphal, de cada cedilha uma corôa de conquistador.

Em meio daquelle extase, chegou-lhe aos ouvidos um falarío que subia da loja: era a tagarellice dos lagareiros, que andavam na pisa da uva.

O rapaz teve uma ideia; precisava de publico, e o publico estava ali, a dois passos, por baixo do sobrado da sua cama.

Ergueu-se, vestiu-se, pegou no livro, enfiou o dedo indicador na argola do candieiro, chegou ao corredor, levantou o alçapão que dava para a loja, e começou a descer a escada.

Os lagareiros, emquanto pisavam a uva, iam jogando o *Martim Gravato*:

— Mentos tu!

— Pois quem foi?

— Foi o dono do sacco.

— Mentos tu!

— Então quem foi?

— Foi o *Martim Gravato*!

— Pschiu! olha o filho do patrão.

— E' verdade: vem talvez ajudar-nos á pisa. Se o pai o sabe...

— Ná! traz um livro. Vem ler-nos alguma historia; já lhe ouvi ler a *Prinçeza Magalona*, que faz choras as pedras.

— Não é isso, — disse o estudante, saltando alegremente a pia e firmando-se na bica do lagar. E, poisando o candieiro nas guardas, acrescentou:

— Aqui, neste livro, faia-se da nossa terra. . .

— Da nossa terra? oh!

E os lagareiros agruparam-se á beira do recovindo, cheios de curiosidade.

— Oçam! oçam! — pedia o estudante: — «A uma légua para o levante de Besteiros. . .»

Concluida a leitura da pagina, em meio de religioso silencio, proseguiu:

— Agora você, Manuel Ruço, como andou na escola, veja aqui quem escreveu isto. —

O Ruço aproximou-se mais e soletrou lentamente:

A. Candido Pereira de Figueiredo,

(Lobão, concelho de Tondella)

— Então é o Antoninho! — exclamaram em côro.

— E' verdade, sou eu. —

Não se descreve o entusiasmo sincero e franco, com que os rudes homens celebraram o que elles suppunham gloria para a sua terra.

— E seu pai já viu? . . .

— Pudera!

— Que fortuna de pai! —

O imberbe articulista, radiante de alegria, acceitou, como oiro de lei, aquella consagração da sua estreia, e julgou-se no apogeo da ventura, se não da celebridade. A candeia que bruxuleava, suspensa da vara do lagar, afigou-se-lhe talvez o sol da gloria, que o inundava de esplendôres e caricias.

Foi esse o dia mais lembrado e querido da sua vida litteraria. O rapaz tornou-se homem, publicou trinta ou quarenta volumes, recebeu alguns titulos scientificos, foi amimado e lisonjeado por pontifices litterarios. . . mas, nem os seus titulos, nem os seus livros, nem as saudações dos mestres, lhe produziram mais entranhado jubilo que os ingenuos applausos conquistados com o seu primeiro escripto.

Nunca se lhe desvaneceu a memoria de tão vivo jubilo; e como tal jubilo fôsse occasionado pela bondade extrema de Xavier Cordeiro, que na sua interessante encyclopediazinha deu cabida á primeira e desalinhada prosa do estudantito beirão, vem este agora, num momento de profundo pesar, render espontaneamente á querida memoria de Xavier Cordeiro as homenagens que lhe deve a mais crisolada gratidão e o mais perdurável affecto.

*

Abraçei-o pela primeira vez, há vinte e cinco annos, na sua casa da rua da Cruz, onde o estudantito de latim, transmudado em estudante da universidade, pôde confirmar plenamente o conceito que de longe, lhe inspirava aquelle generoso e clarissimo espirito. Poucos annos depois, em 1875, como Teixeira de Vasconcellos me convidasse para redigir, com Urbano de Castro, Francisco Serra e Francisco Meirelles do Canto, o seu *Jornal da Noite*, cujos escriptorios na rua da Paz ficavam quasi á vista da casa de Xavier Cordeiro, tive repetidos enijos de continuar a sentir e apreciar a sombra amiga e paternal de Xavier Cordeiro.

Aquella sua casa foi por algum tempo um cenáculo encantador, onde a poesia era thema tão constante, que pouco faltava para se conversar em verso. Castilho e seu filho Julio, Thomás Ribeiro, Santos Valente, D. Antonio da Costa, prodigalizaram os primores do seu espirito, recitando, conversando, discutindo. . . Tinham-me dito que, onde apparecesse Castilho, apparecia o remoque, a ironia, o tiro certo a poetastros ausentes e a desrespeitosos iconoclastas.

Apraz-me porém testificar que, tendo ouvido muita vez a palavra serena e conceituosa do venerando velho, nunca lhe escutei uma frase que, de qualquer maneira, ferisse ou melindrasse quem quer que fosse.

Aquellas reuniões da rua da Cruz accrescia ainda o especial encanto que lhes communicava o vivo espirito da intelligente e formosissima companheira de Xavier Cordeiro. Quem nos diria a nós, — a todos quantos admiramos as prendas de coração e de espirito, que enalteciam aquella gentilissima dama, — quem nos diria a nós que, a pouco trecho, — em 1886, se não me engano, — ella teria um fim desastrado, que ainda nos faz estremecêr de horrôr, e que abalou até o mais intimo da alma o seu devotado companheiro? Queimada viva, aos olhos do esposo, sem que nada a pdesse subtrahir ao medonho supplicio!

Desde esse fatal momento, Xavier Cordeiro tornou-se outro: — aquella eterna mocidade, que lhe cántava na alma e lhe sorria no rosto; aquella vivacidade de expansão; aquelle entusiasmo franco por tudo que falasse ao seu coração de artista: tudo se transmudou numa *apagada* mas não *vil tristeza*, numa indifferença glacial para tudo, num automatismo, que fazia calafrios aos seus amigos.

Cabisbaixo, guarda-sol encostado ao hombro, e a barba meio-oculta no seu inseparavel *cachenez*, passava de em longe longe por essas ruas, cosendo-se com as paredes, estugando o passo e evitando o encontro e a conversação dos proprios amigos. Desde que ella, a sua Piedade, o deixára, reconhecia-se só e quasi não via mais ninguem. Na sua solidão, evocava apenas uma sombra querida. Mas os seus solilóquios eram dolorosissimos. Dizia elle:

Entre espiraes de chammas

Via-a cheia de horror, de medo, louca,
Supplice, as mãos erguidas, boquiaberta,
Correndo para mim, clamando afflicta:
— «Querido da minha alma! eu morro! eu morro!
Acode me, por Deus!» —
Em torno d'ella, uma fogueira enorme,
Deixando atrás de si fragmentos igneos
Da tunica de fogo, que a cingia!

Como o poeta pôz de lado a rima, para que o coração desafogasse sem peias a mais incomportavel angustia! Chamavam-no as saudades *della*; mas, antes que elle se partisse para a eterna viagem, conseguiram os seus amigos que elle fizesse o inventario das suas prosas e dos seus versos, para que, quando as letras a perdessem, não perdessem ao menos os principaes testemunhos do culto que elle lhes sagrara. E ahi temos hoje as *Esparsas* e os *Serões*, a attestar que Xavier Cordeiro hombraeva com muitos dos mais festejados homens de letras do seu tempo. E' verdade que pela imprensa periodica do romantismo, pelo *Trovador*, pela *Estreia litteraria* e por outras folhas, tinha elle já conseguido invejavel popularidade com a sua *Doida de Albano*, com o *Tasso no hospital dos doidos*, com a *Carreira veloz* e com outros notaveis documentos de talento e estro; mas o livro sobrevive á folha volante do jornal, e o nome de Xavier Cordeiro tem o direito de ficar vinculado a uma época litteraria, que abrangem nomes como Soares de Passos, João de Lemos, Pereira da Cunha, Antonio de Serpa, Ayres de Gouveia, Alexandre Braga e tantos outros.

Já noutro lugar e noutro tempo ¹, fiz a biographia do poeta. Reproduzil-a seria talvez fastioso, ao cabo deste longo artigo. Bastará registrar, para os que menos hajam conhecido o homem, que elle completaria 77 annos de idade a 23 do corrente dezembro; que nasceu e morreu nas Córtes, ao pé de Leiria; que foi orador parlamentar e redactor do *Diario* da camara dos deputados; e que nunca teve um inimigo, talvez porque nunca pensou em ser ministro.

De pequena estatura mas de grande coração, não alimentou nunca rivalidades e malquerenças, a que nem sempre se eximem os grandes homens de pequeno espirito. Onde elle visse um literato incipiente, trabalhador e honesto, lá estava elle a estender-lhe a mão, a saudá-lo, ás vezes oom exaggero, mas com a aberta sinceridade da sua grande alma sem refolhos. Abstenho-me de citar exemplos, que por demais conhecidos são. Nada lhe importava, antes folgava, que outros o excedessem em renome, contanto que o renome tivesse alicerces e revertesse em prestigio da sua terra e das letras do seu paiz. Esquecia-se de si, pensando jubiloso na gloria alheia, e não conheci nunca altruismo mais espontâneo e authentico.

E assim, ao passo que as letras perderam um cultor desvelado e prestador, justo é que o seu epitáfio não deslembre o adamantino character daquelle que justificou exemplarmente o banal qualificativo de homem de bem, distribuido a oito por tanta gente, que do bem só conhece as tres letras que formam a palavra.

1 *Homens e letras*, por Candido de Figueiredo, Lisboa, 1882, pag. 125 e 403.

CANDIDO DE FIGUEIREDO

OS THEATROS



Uma première

Rey, Q. 12

MULHERES BONITAS



PAULA MARK

a infracção ás condições estipuladas. Em Leipzig, na sua despedida, as primeiras damas da cidade ofereceram-lhe ricas joias, brilhantes, e outras pedras preciosas. O seu papel favorito é o de *Santuzza* na *Cavalleria Rusticana*, que ella faz admiravelmente, a ponto do proprio empresario italiano Sonzogno lhe dizer «que ella é a melhor de todas as Santuzza.»

Além d'esta opera tem cantado a parte de *Nedda*, de Leoncavallo e a *Margarida* do Fausto, onde o seu talento mais avulta.

De Leipzig foi escripturada para Coburgo, para cantar a *Kassilda*. Ali obteve a medalha de Artes e Sciencias, que é uma honra raro concedida. Além de cantora, Paula Mark é uma consummada actriz dramatica, dando um intenso relevo aos seus papeis. E a juntar a todos estes predicados, a sua gentileza, a sua mocidade e a sua grande belleza dão-lhe um logar áparte no mundo theatral austriaco.

Elisa Saner é uma actriz allemã de uma rara belleza e de um grande talento dramatico, que creou o papel principal do drama Ernst Wichert *Aus eigenem Recht* (O nosso direito). E' tambem muito nova, 22 annos, esbelta, de grandes olhos azues contemplativos, — uma loira ideal, com um casto ar de Virgem. Debutou no theatro de Berlim, onde foi notada certa noite pelo imperador da Allemanha que assistia á representação da peça de Wichert.

Elisa Saner nasceu em Dantzig, d'onde seus paes passaram para Reval, quando ella tinha apenas oito annos. Aos cinco annos, já creava papeis em theatros de cartão, representando ella todos os papeis e manifestando assim a sua vocação para a scena. Já de mais idade tinha uma grande admiração pelas celebriedades theatraes. Aos quinze annos resolveu, sem que os seus paes soubessem, procurar o empresario Behrend do theatro de Reval para se escripturar como corista e para desempenhar algumas rabulas.

Começou então para ella essa rude carreira, cortada de dissabores, em que teve de desenvolver uma grande energia para conseguir o almejado fim. Escripturnou-se como actriz n'um theatro de verão em Riga, mas a empresa falliu e Elisa Saner ficaria em bem más circumstancia se o empresario Rosicke a não escripturasse para o theatro municipal de Riga. D'alli passou ao theatro de Elberfeld-Barmen, onde esteve uma temporada, representando depois em Lubeck e em Berlim. A sua estreia n'esta ultima cidade foi na *Lucta pela vida*, de Daudet. Creou depois o papel de Thereza nas *Leôas pobres* de Augier e o de Mimi na *Bohemia*, de Mürger; mas onde o seu talento mais se revelou foi no *Fim de Sodoma*, de Sudermann.

PAULA Mark é uma das mais formosas cantoras viennenses. A sua bella physionomia de meridional, expressiva, onde brilham uns olhos côr da noite dá á sua pessoa um alto relevo de distincção. E' já hoje, apesar de muito nova ainda, uma artista muito festejada e querida das plateias. No verão de 89, creança ainda, andava Paula Mark no Conservatorio de Vienna e era frequente enconral-a na rua, sobraçando o seu livro de musica. No seu exame final, causou sensação no auditorio. O claro timbre da sua voz, a grande extensão que dava aos sons, os seus olhos admiraveis e o enorme talento artistico, que revelou n'essa occasião, conquistaram-lhe a admiração e a estima de todos que a ouviram. O empresario Jahn, reconhecendo-lhe aptidões extraordinarias para a difficil arte do canto, offereceu-lhe uma escriptura. Paula Mark agradeceu gentilmente e disse-lhe: «Estou já escripturada por tres annos para Leipzig.»

N'esta ultima cidade, Paula Marck debutou na *Glockchen dos Eremiten* (*A sineta do Ermitão*, traduzida em portuguez com o titulo de «Dragões de Villars»), no papel de Rosa Friquet, correspondendo á espectativa de todos. Terminada a sua escriptura em outubro de 93, voltou para Vienna onde foi consagrada uma das primeiras cantoras.

As intenções de Paula Mark ao iniciar os seus estudos no Conservatorio, eram dedicar-se ao mister de pianista. Mas, no decurso das suas lições apoderou-se d'ella um extraordinario desejo de ser cantora. Seus paes é que não queriam consentir; essa ideia da filha ir para um theatro, atterrorisava-os. E só accederam aos seus desejos com a condição de ella entrar apenas em concertos. O exito que ella obteve em Leipzig desculpou aos olhos de sua familia



ELISA SANER

Real Fabrica de Porcelana da Vista Alegre

(11)

FABRICAÇÃO DA PORCELANA DURA

Como remate a esta breve descripção, vamos dizer alguma coisa sobre o systema de fabricação da porcelana dura, alli seguido, cujas materias primas empregadas na composição da pasta são o *kaulino*, *feldspatho* e *quartzo*.

O *kaulino* (argilla mais pura e que provem da decomposição do *feldspatho orthose*) é explorado em Valle Rico, concelho da Villa da Feira. O *feldspatho* e *quartzo* vem do Porto, de Mangualde e de Villa Meã.

O *kaulino* é lavado e peneirado. O *feldspatho* e *quartzo* são escolhidos para lhes separar as grandes porções d'oxydo de ferro que lhes andam aggregados:

Todos estes materiaes são levados para poços mechanicos, onde são moidos e intimamente misturados, juntando-se-lhes depois agua e continuando a misturar. Ha umas palhetas n'estes poços que movem estes materiaes.

Esta massa liquida sahe dos poços por um cano, para um deposito. D'este, é tirado por uma bomba e levado para uma prensa, que lhe tira toda a agua, passando finalmente para um amassador, onde obtem mais homogeneidade e plasticidade, ficando em estado de ser modelada.

Estes engenhos, onde são feitas todas estas operações, são movidos pela machina a vapor, que comunica mo-



VASOS DE PORCELANA — Offertados pelo Ex.^{mo} Bispo Conde de Coimbra a Sua Santidade Leão XIII.

vimento por meio d'uma correia sem fim a um tambor fixo no veio principal, que o transmite por meio de engrenagens áquelles engenhos.

A modelação dos objectos faz-se na *roda* ou *por moldagem*. O 1.^o methodo comprehende as operações de esboçar o objecto á mão e de o acabar com ferramentas apropriadas. O 2.^o methodo (*moldagem*) faz-se applicando com a mão ou esponja uma lamina da pasta sobre um molde de gesso, ou applicando em um molde de gesso e de forma concava a pasta muito diluida (*lambugem*), decantando o liquido para o substituir por nova quantidade de *lambugem*, e assim por deante, e successivamente, até que seja sufficiente a espessura da camada adherente ao molde de gesso.

Modeladas as peças são dessecadas ao ar e submettidas em seguida a uma primeira cozedura no segundo pavimento ou laboratorio superior do forno, onde recebem um calor brando a que chamam *chacote*. Estas peças são mettidas em caixas refractarias de varias dimensões, chamadas : *gazetas*.

Depois de receberem esta branda cozedura, vão para a officina de vidrar onde são envernizadas, mettendo-as n'uma tina que contem agua, e em suspensão uma mistura de *quartzo*, *kaulino* e *cal*. As peças não se demoram n'este liquido, tiram-se rapidamente e tambem seccam com a mesma rapidez. Ha depois os retoques a pincel nos pontos em que as peças não receberam o verniz ou esmalte. O ponto de fusão d'esta mistura deve corresponder á temperatura em que a porcelana começa a vitrificar-se.

Mettidas novamente nas caixas ou *gazetas*, são submettidas a segunda e ultima cozedura, sendo a temperatura mais elevada, e as *gazetas* collocadas no pavimento inferior, e umas sobre as outras, formando pilhas a que se dá o nome de *fios*.

As primeiras 10 horas são de lume brando : *lume d'esquenta*. Tapam-se depois as boccas do forno, começando o grande calor : *lume de calda*, que dura de 24 a 36 horas.

Avalia-se a marcha da cozedura tirando amostras (pequenos objectos de porcelana), de vez em quando, das *vigias* (aberturas rectangulares). Concluida a cozedura, diminue-se gradualmente o calor, e, depois da loiça completamente fria, começa o desenformamento.

Como se vê, é bastante laborioso o fabrico da porcelana.

DECORAÇÃO DA PORCELANA

A decoração ou pintura da porcelana obtem-se pelo emprego d'oxydos metallicos com um fundente de base de

minio, silica e borax. Os oxydos mais empregados são o de chromio, zinco, cobalto, antimónio, cobre, estanho, irídio.

Os principaes saes são os chromatos de ferro, de barita, de chumbo, e algumas vezes o chloro de prata.

As côres são fundidas em pó impalpavel, podendo ser applicadas sobre a porcelana desengordurada (*chacotada* ou em *biscoito*), ou sobre a porcelana vidrada.

A applicação faz-se a pincel ou por processos analogos aos da chromo-lithographia.

As cores são desfeitas em essencias d'alfazema ou de terebentina. Os metaes são applicados á superficie da porcelana, em pó impalpavel, em suspensão na agua gommada, se a coberta é facilmente fuzivel, ou associados com um fundente.

A loiça depois de pintada vae para a estufa para seccarem as tintas, e, em seguida, vae para uma grande caixa d'argilla refractaria, ou *mufla*, onde a temperatura é inferior á dos fornos destinados á cozedura da loiça.

Esta operação é destinada a fixar as tintas na loiça, ganhando esta as côres, que se vitrificam com os fundentes. Depois da cozedura, e com um brunidor, dá-se o brilho ao deposito metalico.

O gráu de temperatura em que a loiça deve entrar na *mufla* avalia-se por amostras que se vão examinando.

São oito *muflas*, tendo cada uma fornella independente.

*

Para se avaliar a perfeição dos productos d'este estabelecimento fabril, illustramos este despretençioso artigo com as photogravuras de dois elegantes e primorosos vasos de porcelana, ali fabricados, no anno de 1887, por encomenda do illustre Antitiste de Coimbra, para offertar a Leão XIII pela occasião do seu jubileu sacerdotal.

Estes vasos, cuja feitura e decoração foi executada por artistas portuguezes d'aquelle estabelecimento, e cujo modelo e padrão são originaes da mesma fabrica, tem de altura 8 decimetros e são perfeitamente eguaes.

Na frente vê-se o



O TUMULO DO BISPO NA VISTA ALEGRE

cetrato do presenteado, Leão XIII, emmoldurado em forma de medalhão. E do lado opposto um emblema pontifício, tambem emmoldurado.

O pedestal é quadrado, e tem na frente as armas pontificias, com a inscripção latina da data commemorativa : *31 Decembris 1887*; e nas outras tres faces, a partir do lado direito, e a seguir, as armas do Bispo de Coimbra com a inscripção : *Off. E. Conimbricensis*; as armas de Portugal, com a inscripção *Amoris argumentum*; as armas d'Aveiro com a inscripção : *Observantiae pignus*.

Uma das gravuras apresenta a frente do vaso e o lado lateral direito, de perfil. A outra apresenta o vaso do lado posterior e o lado lateral esquerdo, na mesma posição, de perfil.

Foram muito apreciados no Vaticano; e na exposição que lá se fez das innumeradas e preciosas offeras enviadas a Leão XIII, lá figuraram entre os vasos da afamada fabrica de Sèvres e em logar distincto — na galeria de *La Pigna*, unica destinada aos presentes mais ricos e primorosos, fazendo-se assim justiça ao honroso trabalho dos artistas d'este importante estabelecimento fabril, que já se orgulha de possuir diplomas e medalhas que alcançou nos varios certamens das exposições internacionaes, onde concorreu.

Ha em Lisboa um deposito d'esta loiça, no Largo das duas Igrejas, que, pela sua perfeição, tem passado por loiça estrangeira. Aos amadores da arte nacional lembramos a visita a este deposito, para avaliarem os progressos da nossa industria ceramica.

Ao seu Ex.^{mo} Director e co-proprietario cabem os maiores encomios pelos melhoramentos que alli tem introduzido

Lhavo, dezembro de 1896.

MANOEL FERREIRA DA CUNHA.

“AD HOMINEM,,

(Original de Soror Juana Inés de la Cruz — Seculo XVII)

Homens nescios que fallaes
Contra a mulher sem razão,
Quando daes occasião
A' falta que condemnaes ;
Sempre com manha infernal
Affrontando o seu desdem,
Quereis que proceda bem
Se a provocaes para o mal ?

Não medis da vossa inépcia
Os resultados fataes,
Querendo tornar em Thais
A que desejaes Lucrecia ;
E não será caso raro,
Falho de todo conselho,
Empanar o mesmo espelho
Que se deseja tão claro ?

Vossa perfidia só tem
Na presumpção um rival :
Choraes se vos tratam ma.,
Zombaes se vos querem bem.
N'essa guerra de cilada
Não ha tregoa nem quartel ;
A que resiste é cruel,
A que se rende, culpada.

Loucamente amesquinhaes
Aquella que pretendeis ;
Se não quer, vos offendeis,
Se consente, a censuraes ;
Vosso amor assim destôa
Da vossa ventura ; em fim,
Fazeis a mulher ruim
E quereis que seja bôa.

.....
.....
Quem será mais de culpar
Na dupla e vil veniaga,
A que pecca p'ra ser paga
Ou quem paga p'ra peccar ?

Não culpes, pois, as mulheres,
Homem de juras fallazes ;
E' querel-as como as fazes,
Ou fazel-as como as queres !

G. VENDRELL, trad.



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

Meus amiguinhos :

QUANTO eu estimava que todos vós me decorasseis o nome e fosseis meus amigos como eu sou de todos vós, ó meus anjinhos, de todos aquelles que se portarem bem e sejam muito bons para os pobres, os infelizes, as creanças que pelas portas choram de frio e de fome, emquanto vós ides talvez chorar, porque a vossa mamã vos não dá uma gulodice ou um boneco muito caro, chegando o preço d'elle para vestir uma pequenita esfarrapada e magrinha, que hontem vos olhou n'uma ancia de fome, quando passaveis com as mãos cheias de bolos.

Todos os pequeninos leitores d'estas minhas historias são muito bons, não é verdade? São, tenho a certeza — e por isso eu penso em lhes dar um bocado de prazer e pergunto a toda a gente que acerto d'encontrar a geito: — Sabe historias de fadas e encantamentos? — Tal qual vós fazeis, quando alguma criada vos entra de novo em casa ou alguma pessoa toma relações com a vossa familia. E fico muito contente, muito contente, quando me respondem — que sim, que sabem historias! Penso logo: — Deus queira que sejam muito lindas para os meus amiguinhos ficarem contentes!

Pois bem: o outro dia disseram me que ha por ahi uma velhinha que sabe contos. Ora! Fiz logo tenção de tomar conhecimento com a bôa mulher. E como ella é uma pobresinha de Christo, que ganha de manhã para comer á noite, pedi-lhe que viesse a minha casa.

E' um encanto, meus amigos! Como ella sabe lindas historias de sonho e como ella as sabe contar! Quanto eu daria por vos ter aqui todos a ouvir a sr.^a Marianna! E' assim que se chama a velhinha. Não o esqueçam, que ella é muito bôa e merece toda a nossa sympathia. Como nenhum de vós estava comigo a ouvir os contos, pedi á sr.^a Marianna, que falasse devagarinho e fui escrevendo a sua historia. Ella sabe muitas e eu tambem tenho uma grande collecção, que todas irei dizendo áquelles que forem bons e amigos dos pobresinhos.

E' uma pobresinha a sr.^a Marianna e tem esta riqueza de contos para vos entreter. E, sabem uma coisa bôa, mesmo muito bôa, que os meus amiguinhos podem fazer? . . . E' escreverem-me todos com as suas lettrinhas de principiantes, umas cartas muito lindas, a dizerem se gostam do conto da boa velha e querem que lhes mande mais. A'quelle que me escrever a carta mais bonita — mas toda sahida da sua cabecinha — darei, quando elle se publique, o meu livro de *Contos para crianças*. Valeu? Escrevam para Setubal; já sabem o meu nome, não é verdade? Vamos lá a ver. Agora vou começar o conto da sr.^a Marianna, tal qual ella m'o disse.

E' tão engraçada a velhinha, se a visseis! Baixa, muito limpa, fala claramente com pausas de sábia narradora e tomando a sua pitada de rapé, emquanto escrevo.

Entra, e eu muito agradecida mando-a logo sentar. Ella começa: — Esta é a historia da *Princeza encantada* :

*
*
*

— Havia um rei que tinha um filho. O rei adoeceu e morreu. Depois o principe foi uma occasião dar volta á secretária dos papeis do pae, onde achou um retrato muito lindo d'uma princeza. Deu volta ao juizo onde haveria a pessoa igual áquelle retrato. Não era possivel haver por banda nenhuma. Havia muita menina bonita, mas como aquella, nenhuma! Já lhe não importava que fosse rica, que fosse pobre, o que queria era que se parecesse com o retrato. Tinha elle um conselheiro que o criára de pequeno e era muito seu amigo. Correu todo o mundo á procura da princeza e não foi possivel encontral-a.

Resolveu-se então a ir com o principe correr mundo. Chegaram a uma estalagem e ali comeram, beberam e resolveram ficar aquella noite.

O conselheiro não se deitou. Foi para a janella vêr se ouvia algumas falas que lhe dessem a saber onde haveria aquella menina. Então ouviu tres fadas que conversavam umas com as outras: — Olha, não sabes? O principe está muito triste e o conselheiro não se deita a considerar na princeza de quem o pae lhe deixou o retrato. Respondeu a segunda: — Ora! Como a hade elle encontrar, se está em pedra marmore em tal sitio assim, assim! . . . Veio a terceira: — Olha, se alguém nos ouvisse era ir a tal sitio, apanhar uma mão cheia d'hervas e cozel-as. Com essa agua lavar a estatua dos pés para a cabeça. Fica logo transformada em princeza. E quem isto ouvir e contar, em pedra marmore se ha de tornar. O conselheiro que isto ouviu, disse lá comsigo: — Ora esta! . . . Agora que hei de fazer? . . .

(Continua).

ANNA DE CASTRO OSORIO.



GABINETE DE TRABALHO DO PRÍNCIPE DE BISMARCK

PORTUGAL MODERNO

(A QUÉDA DO ANTIGO REGIMEN)

Por **ANTONIO DE SERPA PIMENTEL**

UM VOL. BR., 500 RS., ENCAD., 700 RS.

O LIVRO DO MONTE

(ECLOGAS E GEORGICAS)

Por **BUIHÃO PATO**

1 Volume brochado, 600 réis, encad., 800 réis

OS DOIS RIVAES

ROMANCE DE ARMAND LAPOINT

TRADUÇÃO DE

JOAQUIM DE SEQUEIRA

1 Volume de 176 paginas,
brochado, 100 réis.



Novidades Literarias da Casa Editora Antonio Maria PEREIRA



CINZAS

POEMA LYRICO

DE

QUEIROZ RIBEIRO

Um volume br., 700 rs., encad., 1:000 rs.

UM MOTIM HA 100 ANNOS

CELEBRE ROMANCE DE ARNALDO GAMA

3.ª EDIÇÃO

Um volume de 400 paginas, com o retrato do auctor. Encad., 1:000 rs.

ELEMENTOS DE SCIENCIA SOCIAL, ou religião physica, sexual e natural

Exposição da verdadeira causa e do unico remedio dos tres principaes males sociaes : A pobreza, a prostituição e o celibato, por um doutor em medicina. Acaba de sahir a 2.ª edição portugueza, traduzida da 31.ª edição ingleza, revista e corrigida pelo auctor. Um bello volume de 550 paginas, 500 réis. Pelo correio, 550 réis.

A CHAVE DA SCIENCIA

OU

A explicação dos principaes phenomenos da natureza

OBRA AMPLIADA NA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA POR

HENRIQUE DE PARVILLE

TRADUZIDA EM PORTUGUEZ POR

JOSÉ QUINTINO TRAVASSOS LOPES

Completamente refundida pelo traducto e por elle enriquecida com um grande numero de novos exemplos, perguntas, definições, problemas, biographias dos benemeritos da sciencia, interessantes experiencias de physica recreativa, novos inventos, descobertas e applicações das sciencias, artes e industrias, etc., etc.

Embellizada com mais de 400 gravuras

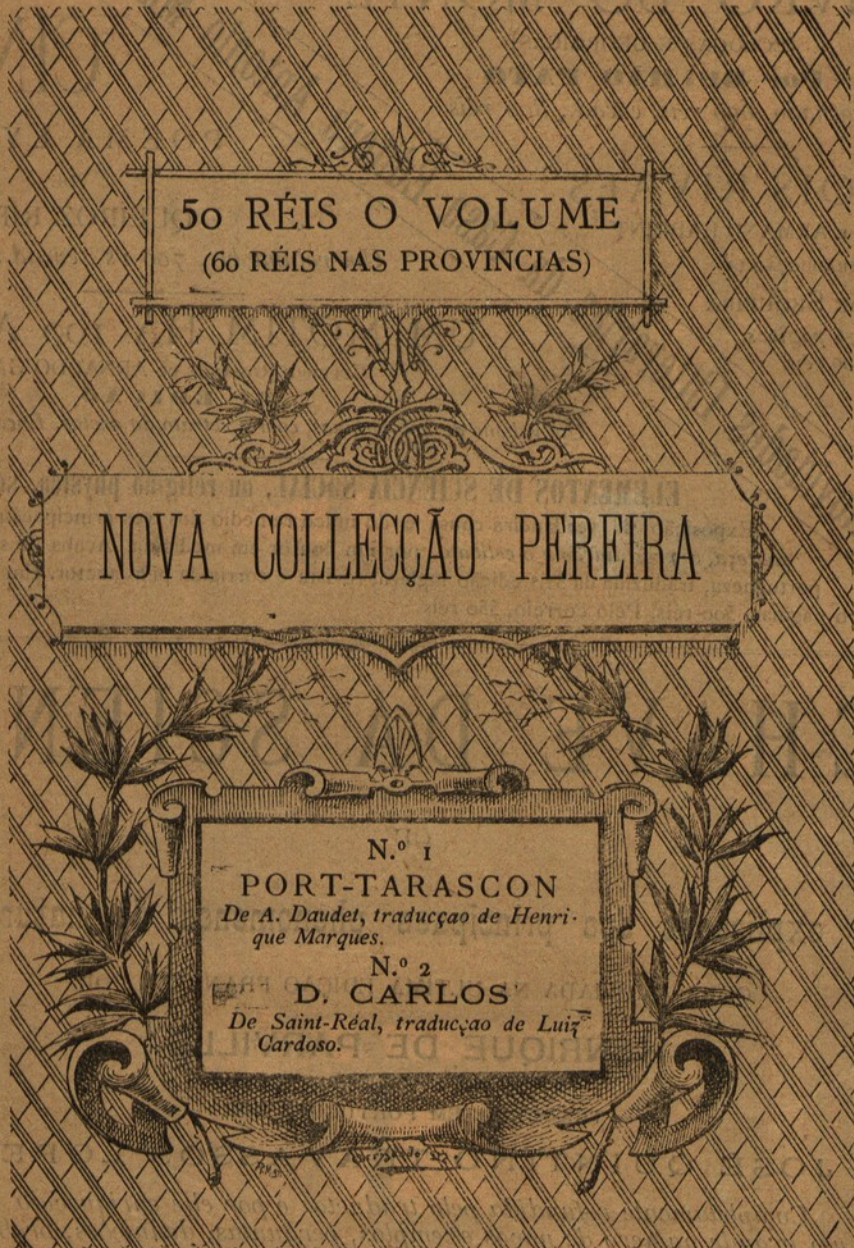
Um bello volume, brochado, 1\$500 réis. Com uma linda encadernação especial a preto e ouro fino, 2\$000 réis.

Livraria do editor ANTONIO MARIA PEREIRA — Rua Augusta, 50, a 54 — LISBOA

SÃO DOIS VOLUMES POR MEZ

50 RÉIS O VOLUME

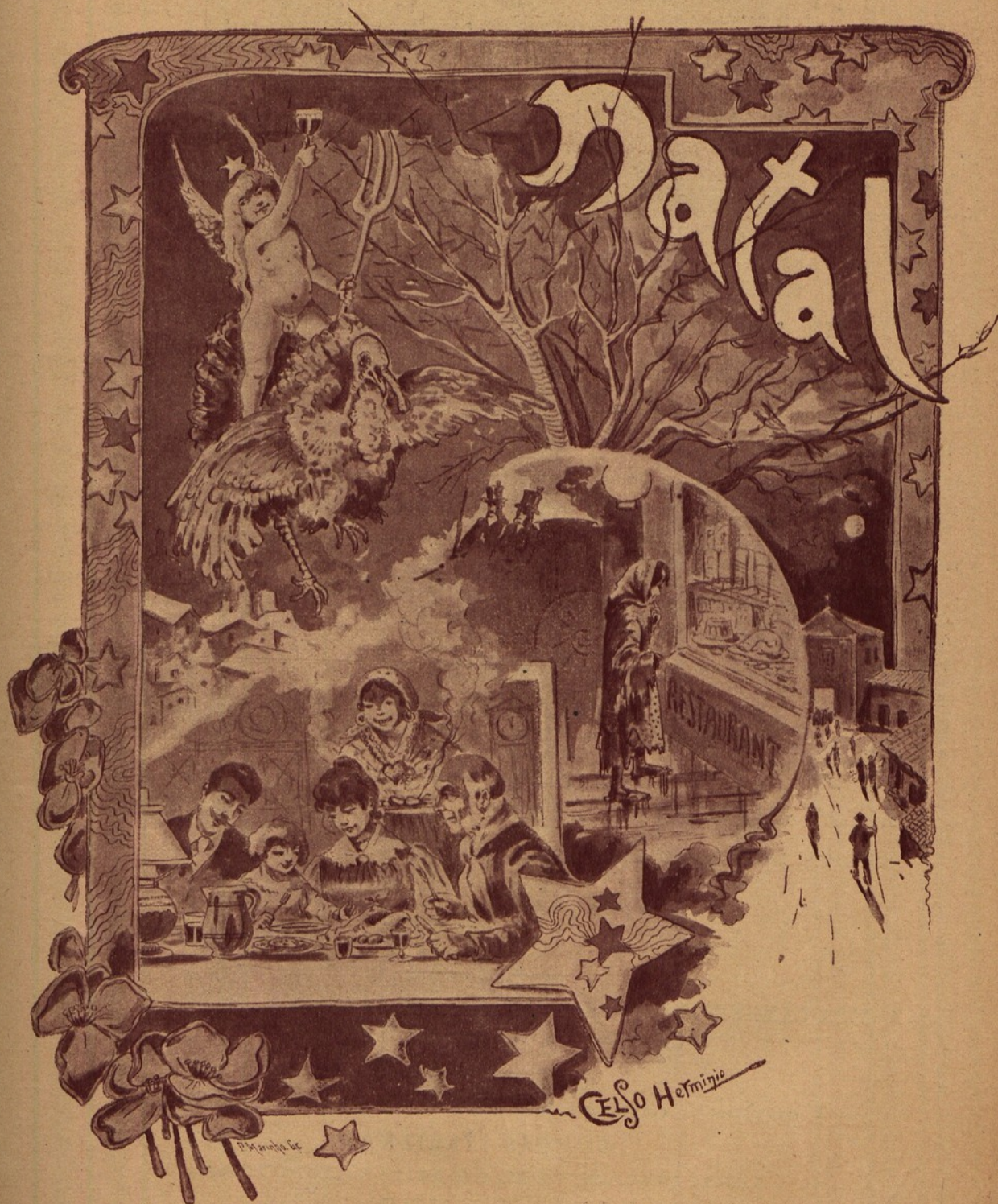
NOS DIAS 10 E 25



A MAIS BARATA DE TODAS AS PUBLICAÇÕES

Typographia e Stereotypia MODERNA – Apostolos, 11, 1.º, BOALIS

BRANCO E NEGRO



Dezenho de CELSO HERMINIO

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas.
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Leseinhos á penna,
e á carvão.
Quadros a oleo,
aguarella, etc.
Illustrações de todas
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
anuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromatypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; e em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

CASA LAMBERTINI

FORNECEDORA DA CASA REAL

PIANOS, HARMONIUMS, REBCAS, FLAUTAS, BANDOLINS, ETC.

Grande sortimento de Musica

EDIÇÕES PETERS

e outras edições economicas

A CASA LAMBERTINI acaba de receber um variado sortimento de Bandolins napolitanos (legitimos) que vende por preços moderados.

Estojos e outros accessorios para Bandolim

CORDAS ITALIANAS

LEGITIMAS VIOLAS HESPAÑHOLAS

PAPEL DE MUSICA

E todos os artigos referentes á arte musical

DÃO-SE CATALOGOS

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 39

LISBOA, 25 DE DEZEMBRO DE 1896

1.º ANNO

PERÚS! PERÚS!



Am andam'elles pela cidade, aos rebanhos, tangidos pela vara dos vendedores.
São as nossas victimas d'hoje... *Glu! Glu! Glu!* Não ha meza que não tenha um pedaço da sua carne loira e tostada pelo forno, o seu arroz apetitoso e amarello.
Estendendo o pescoço com o longo monco pendente e cõr de sangue, atravessa ruas e praças, com a melopeia triste do seu canto arrastado e plangente.
Glu! glu! glu! o canto da sua morte e a alegria do nosso jantar estivo e familiar!



NATAL

O Natal que eu sonhei tinha canduras suaves,
Ingenuidades christãs, legendarios Amores.
Poisavam-lhe, cantando, umas divinas aves,
Cahiam-lhe do céu umas divinas flores.
O Natal que eu sonhei, relumbrante de luzes,
De almas immemoriaes pela casa a passar,
Encobriendo no manto as minhas negras cruces
Para que a Paz e o Amor viessem ao meu lar!...
Magica evocação d'um mundo branco e loiro,
Infancia toda envolta em neveiros dispersos,
Onde o sol de dezembro entorna um raio d'óiro,
E em cuja Arvore de luz poisam meus versos!...

Tudo passou! O monte é coberto de gelos,
E as minhas arvores murcharam-se de dôr!
O' Visão d'alabastro e compridos cabellos,
Segurando na mão uma açucena em flor,
— Ergue te e vem, como dum tumulto uma Santa,
Um aro d'óiro aureolando-te de gloria,
E do mysterio, mulher pallida! levanta
Suave de alegria, a tua linda historia...

Quero ouvir-te chorar, fallar ethereamente,
Para que possa ver, olhando o céu profundo,
Na Aurora loira das estrellas do Occidente,
Mais um rosto que amei, a fitar-me no mundo...

.....
O' esqualida terra emmaranhada e triste,
Como ao passar, cabeça curva e olhar absorto,
Eu vejo a podridão de tudo quanto existe,
E sinto a suggestão de tudo quanto é morto!...

JULIO BRANDÃO.

DIA DE NEVE

FLOCCOS brancos, minha amiga, como os nossos cabelos. Vae já longe esse tempo das alegrias sãs, em que o coração andava cheio de fogo e a cabeça dava volta como uma ventoinha. Vêde-a cahir, cobrindo tudo. Tal qual o nosso inverno, — este da natureza gela tudo. Como é bom, agora, estar ao canto do fogo a lêr bons livros, velhos avós que somos, e a remorder passadas coisas !



Ha lá por fóra uma toalha branca, uma mortalha. Aquella que nós vestimos, ó minha cariciosa amiga, é cem vezes mais gelada que a que veste os galhos nús das arvores e os telhados da nossa aldeia. Falemos d'outro tempo... A neve cae, cae sempre e o nosso fogo crepita com uma chamma rútila. Eu era ha seculos — pois não decorreram já alguns desde hontem ? — um garboso cavalleiro, confessae. Estou d'aqui a vêr os vossos olhos ainda com um reflexo do que foram, sorrir de malicia, acariciando os loiros caracos dos vossos netos. Deixae, no emtanto, rabujar um pobre velho já sem dentes a quem as creanças babujam de pasteis.

Fecha os olhos, doce amiga e recolhei-vos um pouco. Como os nossos destinos foram tão diferentes! Ha sempre uma lei que nos domina, — e a ella não podemos fugir. Olhae, olhae a neve como cobre tudo, parecendo querer enterrar velhas illusões que se perderam... Como somos fracos e como somos creanças! E eu que suppunha ter-vos aqui, ao meu lado, n'este dia côr de cinza que me cae na alma! Vêde a minha philaucia, e chegae a vossa branca ca-

beça aos vidros da janella. A neve cae, cae sempre, lenta, esfarrapando se como quem peneira alva farinha. Dir-se-hia um esfarellar de corações gastos em muito amor. Não ha nada que a faça revoltear no ar, como uma suprema fuga a todas as coisas inertes. Cae com uma melancholia desolante; perdeu todas as energias, pois não ha um raio de sol que a venha fundir, n'uma alegria d'oiro. E' como as nupcias n'um sepulchro: — os beijos quentes voaram, só se sente o gelo dos labios; e os extasis converteram-se em arrepfos.

Nem chorar já se póde !

Ainda se as lagrimas viessem quentes ! Mas que calor podem ellas ter, ellas que partem do coração, quando o coração está de gelo ? Ah ! minha amiga, como tudo que é bom desaparece !

A neve, agora, crystallizou nos galhos e nas terras. Assim nós crystallisámos no amor...

Beijo-vos as mãos.

BOB.

(Conto mudo)



À VISTA DE MEMPHIS

(Excerpto do livro em preparação «Abhrâm, patriarcha biblico»)

(Noite escura de nevoa. A tribu vae subindo uma encosta por traz da qual um clarão baço se levanta).

Sopti, Sirius, o astro consagrado a Isis, tinha anunciado com o seu nascimento o começo da inundaçào fecunda do Nilo.

Mais uma vez á alma dos crentes acudia a lenda de Typhon conspirando contra Osiris, lançando-o ao rio ságrado que nas suas aguas o levava para os lados do grande mar. E a inundaçào eram as lagrimas do Isis, a deusa de Sais com hastes de vacca e entre ellas um disco lunar argenteo, que chorava a morte do divino esposo que ia na corrente até aos muros de Byblos. No seu templo ardiam as lampadas e os fieis vinham de longe queimar incenso para consolar a deusa na sua dôr.

As aguas do Nilo iam entumecendo com as lagrimas d'Isis, e d'ahi lhes vinha a sua virtude divina, alma e fecundante, preparando os campos para receber as sementes que iam germinar regadas de lagrimas.

As graças de Osiris começavam a descer dos desertos do coraçào da Africa, guardas avançadas da inundaçào galgando a areia secca, que o khamsim, o vento dos quarenta dias, trouxera nas suas aguas quentes.

Vinham descendo as garças molhando nas aguas do rio a ponta das azas abertas, os longos colos estendidos, voando serenamente como se por um fio invisivel andassem suspensas do Infinito.

D'onde vinham ellas, as aves de Osiris?

E os crentes diziam: ao Zorti, dos golphos insondaveis por onde o Nilo desce do ceu, para além das cataractas de Syena.

Na noite escura e nevoenta avançava a tribu semita.

As planicies desoladas do deserto de Pharan, succedera-se a paysagem egypcia a que a brisa refrigerante do norte ia limpando a poeira.

O Nilo ia crescendo, regando as tamargueiras sempre vivas, simbolicas de Osiris, e os troncos das acacias e mimosas bordando os canaes que as lagrimas d'Osiris enchiam a trasbordar. Grupos de palmeiras e tamarindos surgiam a cada momento como se tivessem vindo, sedentas, em busca das aguas do rio ságrado, e as suas folhas no alto dos troncos esguios, abriam se como enormes flores de lotus, vistas na noite enevoada.

A tribu chegava ao alto da encosta arenosa por traz da qual um clarão pallido se erguia como se o crepusculo da aurora rodasse para o Occidente.

Eram as fogueiras que ardiam nas muralhas de Memphis, guiando os romeiros que, pela noite escura, vinham descendo o Nilo para as festas no templo de Ptah.

Abhrâm prostrou se.

A cidade ao longe surgia como uma appareição phantastica, rasgando o veu da noite. As aguas do Nilo trasbordando iam beijar-lhe os muros e a luz vermelha das fogueiras reflectia-se intensamente no rio como se ouro liquido andasse dissolvido nas aguas. A cidade todavia mergulhava na penumbra onde raro luziam as lampadas dos templos e os miranetes mais altos, similhando fogos fatuos, ao reflexo vermelho das fogueiras.

Barcos illuminados vinham na corrente do Nilo descendo mansamente, e o cantico dos romeiros ouvia-se por vezes com o acompanhamento das pandeiretas sagradas, que o marulhar da remagem cortava.

«Vem a mim Horus, falcão de Râ.

«Vem para guiares a barca sagrada.

«Vem repellir para o deserto, os leões da terra do Egypto e os crocodilos para o fundo do Nilo.

«Louvores ao filho de Osiris!

E o cantico perdia-se ao longe, levado nas azas do norte, para as bandas do deserto enquanto os remos, a compasso, iam espadanando as aguas.

Salvè, ó Nilo! Vem em paz dar a vida ao Egypto. Deus occulto! Irrigador das campinas, creador do Sol. Vem saciar a Terra sedenta, ó Tu que desces do Ceu!

E os barcos iam descendo illuminados na corrente do rio ságrado, intumescendo, alargando-se pelos desertos fóra a semear a vida, a semear a alegria. As luzes multiplicavam-se nas ondulações, á prôa dos barcos, que iam deixando na corrente uma esteira luarenta.

Dissipava-se a nevoa lentamente. As estrellas começavam a abrir no ceu escuro os olhitos vivos e reflectiam-se nas aguas do Nilo como flores de lotus a arder lá no fundo.

Ao Occidente a lua plena rompia a nevoa, como se se viesse aproximando da terra.

E do alto da encosta Abhrâm prostrado via-se ao longe, entre os triangulos escuros das pyramides, formando uma aureola argentina á Sphinx que a recortava como a um Crescente.

Salvè, ó Sin, poderoso deus da terra de nossos paas, que atraves dos desertos nos condustes ás terras ferteis do Nilo!

O HOMEM DOS PERÚS

(Versos de Nicolau Tolentino)

Offerecendo um peru em casa onde todos os domingos davam ao auctor este prato

Senhora, tambem um dia
Entrarei co'a fronte erguida;
Não serei na vossa mesa
Dependente toda a vida;

Nem sempre abatido pejo
Dirá n'esta cara feia
Quanto doe a um peito altivo
Matar fome em casa alheia:

Airoso, gordo perum,
E' meu soberbo presente;
Traz inda as pennas molhadas
C'o pranto da minha gente;

No santo dia esperavam,
Quebrando antigo jejum,
Cravar inexpertos dentes
N'este primeiro perum;

A russa magra Josefa, (1)
Ergaeu queixume sentido;
Custou-lhe mais esta ausencia,
Que a do defuncto marido:

O louro, alvar galleguinho
Chegou aos olhos seu trapo;
Tinha vistas sobre a carne,
E muitas mais sobre o papo.

Seu almoço requerendo
Em luzindo a madrugada,
Na esquerda, grossa fatia
D'ambas as partes barrada;

Na dextra, com branda cana
O seu pupillo guiava;
Em tenras, publicas malvas,
Para si o apascentava;

Quando lhe mandei trazer-vos
O bom companheiro seu,
Pedindo-me coxos mezes,
Me disse, que o trouxesse eu.

Eu o trago; a offerta é pura,
Mas a tenção a envenera:
Traz escondida uma usura,
Maior, que a da meia sena. (1)

Com um sorriso accetae
O atraídoado convite;
Vem a morrer uma vez,
Porque muitas resuscite.



Curae todos os domingos
A minha doença interna;
Sobre a mesa milagrosa
Seja esta ave, uma ave eterna:

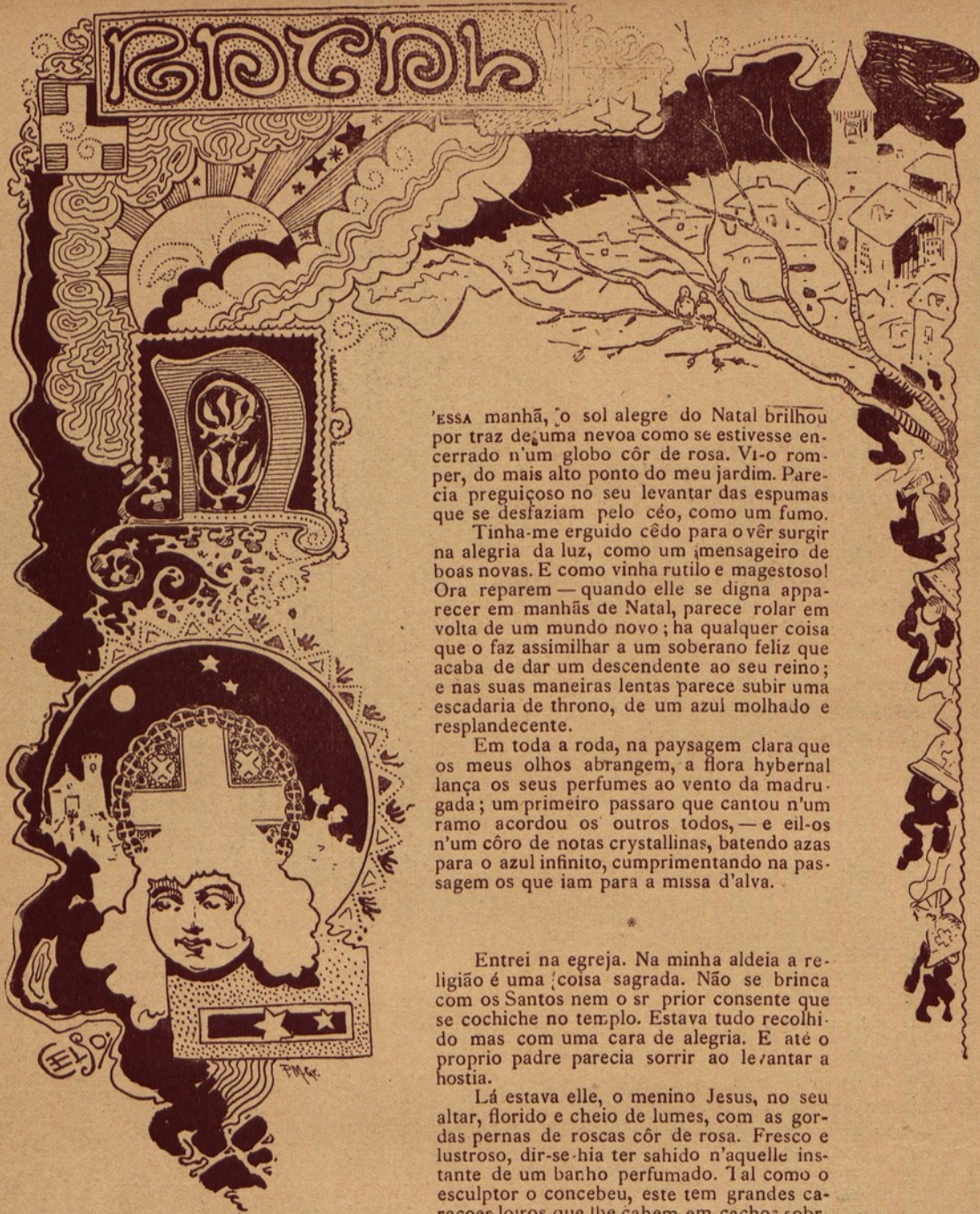
De cutra que finge a poesia,
Trocae em verdade a peta;
E seja um negro perum
A phenix d'este poeta:

Na ondada, pia toalha,
Co'a benção da vossa mão
Seus frios, despidos ossos,
De carne se cobrirão:

Consenti, que este ôco peito
Ao prodigio se consagre;
E que dentro em mim colloque
A mór parte do milagre;

Quanto ao padre prégador,
Meu voto é não convidal-o;
Porque ha de comer o assumpto,
Muito melhor que prégal o.

(1) Creada.
(2) Partida de jogo



Essa manhã, o sol alegre do Natal brilhou por traz de uma nevoa como se estivesse encerrado n'um globo côr de rosa. Vi-o romper, do mais alto ponto do meu jardim. Parecia preguiçoso no seu levantar das espumas que se desfaziam pelo céu, como um fumo.

Tinha-me erguido cêdo para o vêr surgir na alegria da luz, como um mensageiro de boas novas. E como vinha rutilo e magestoso! Ora reparem — quando elle se digna apparecer em manhãs de Natal, parece rolar em volta de um mundo novo; ha qualquer coisa que o faz assimillar a um soberano feliz que acaba de dar um descendente ao seu reino; e nas suas maneiras lentas parece subir uma escadaria de throno, de um azul molhado e resplandecente.

Em toda a roda, na paisagem clara que os meus olhos abrangem, a flora hybernal lança os seus perfumes ao vento da madrugada; um primeiro passaro que cantou n'um ramo acordou os outros todos, — e eil-os n'um côro de notas crystallinas, batendo azas para o azul infinito, cumprimentando na passagem os que iam para a missa d'alva.

*

Entreí na igreja. Na minha aldeia a religião é uma coisa sagrada. Não se brinca com os Santos nem o sr prior consente que se cochiche no templo. Estava tudo recolhido mas com uma cara de alegria. E até o proprio padre parecia sorrir ao levantar a hostia.

Lá estava elle, o menino Jesus, no seu altar, florido e cheio de lumes, com as gordas pernas de roscas côr de rosa. Fresco e lustroso, dir-se-hia ter sahido n'aquelle instante de um banho perfumado. Tal como o esculptor o concebeu, este tem grandes caracões loiros que lhe cahem em cachos sobre

as faces; o nariz é pequeno e bem talhado; e a testa, já ampla, parece abrigar dentro de sia fulguração d'um genio.

— Nasceu esta noite! diz uma voz por traz de mim.

Não me volto, mas pela intonação em que isto foi dito adivinho a cara de beatitude e de contentamento da pessoa que falla.

Quando o padre se volta e pronuncia gravemente o *Ite* no acto da absolvição, começamos todos a sahir com uma lentidão medida, n'um silencio largo. Diante dos altares lateraes dobramos o joelho e á porta aspergimo-nos d'agua benta e sorrimos uns para os outros, como quem diz:

— Então, cá temos o pimpolho!

*

Como o sol subiu e deixou para traz a nevoa! Agora domina quasi todo o valle, estendendo toalhas brancas sobre as relvas; começa o som do sino a esvoaçar no ar, n'uma sarabanda doida, dizendo as alegrias intimas do bronze que nunca foi tão claro e nitido desde que foi benzido. Anda por toda a parte uma festa de perfumes e de luz, entrelaçando os corações, pondo de bem os inimigos de muitos annos, fazendo chalar as creanças pelos caminhos e susurrar o rio sobre os seus seixos loiros.

Uns noivos d'hontem passam rindo, abraçados, com grandes molhos de flores na mão. E pela estrada onde brilham as escamas dos schistos, tres velhos veem, escarranchados em mulas, somnolentos e em fila, como reis Magos que tivessem perdido essa noite em adoração p'r'ás bandas do Oriente...

José SARMENTO.

Viagens no Paiz

(XV)

TORRES NOVAS



CHRISTINO
1890

TORRES NOVAS — O CASTELLO



TORRES NOVAS — A FABRICA

CHRISTINO
1890



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

(Conclusão)

Aqui fez pausa maior a sr.^a Marianna para tomar a sua pitada. Depois continua :

Quando o principe se levantou foi ao quarto e disse-lhe:—Principe, meu senhor! Eu vou ver se poi acaso encontro a pessoa igual ao retrato que vosso pae deixou.—Sahiu, foi apanhar as taes hervas, cozeu-as e caminhou ao sitio onde estava a princeza feita em pedra marmore. Estava n'uma quinta sentada debaixo d'um chorão e elle foi e lavou-a dos pés até á cabeça. Então deu um ai, dizendo:—Deixe-me! Estou dormindo o meu somno.—O conselheiro deitou-lhe a sua capa por cima e disse-lhe: Princeza, deixae-vos estar aqui, que eu vou buscar o principe e a carroagem para a levar.

E foi-se embora. Chegou á estalagem onde o principe o esperava e disse-lhe: Principe, meu senhor! Vinde já commigo e trazei uma carruagem, que eu já vi a princeza do retrato, já a encontrei. E o principe a olhal-o admirado: Que me dizes?—Respondeu o conselheiro: Venha e traga o retrato.

Metteram-se na carroagem e foram, não lhe contando o que tinha acontecido. Quando chegou ao pé, olhou e viu que era ella, tal qual como o retrato. Ficaram ali n'aquelle dia. O conselheiro á noite não se deitou. Não dormia nem socegava, e foi pôr-se á janella para ouvir as falas da noite.

Então vieram as tres fadas que diziam umas para as outras: Olha, não sabes? O conselheiro já desencantou a princeza. — Responde a segunda: Deixa, que o principe não se ha de gosar d'ella. Ha de passar por uma fonte, ha de pedir agua, ha de beber e ha de morrer.—Acode a terceira: E quem isto ouvir e contar em pedra marmore se ha de tornar.

(Aqui diz em aparte a sr.^a Marianna: Na ultima fala é que ellas deixavam o pobre conselheiro atormentado!—Responde-lhe eu, impaciente de ver como se livrá elle d'esta: E' verdade! O caso não era para menos. E de pois?..)

Depois, diz o bom do conselheiro lá com os seus botões: Ora esta!... O que hei de eu aqui fazer?!... Emfim, alguma cousa se ha de arranjar.—No outro dia almoçaram e foram-se embora. Pararam ao pé d'uma fonte e a princeza pediu agua. O principe puxou d'um copo de prata e deu-o ao seu conselheiro para o ir encher e trazer á princeza. Elle foi, fez que o enchia e veio dizer á menina: Princeza, sustenha a sêde, que a agua está cheia de bichos que mette nojo. Parece muito bonita mas não é!—Respondeu ella: Sendo assim, fizeste bem em a não trazer. E o conselheiro muito contente: Bem! d'esta escapei eu tambem.

Como o palacio era muito longe ainda essa noite ficaram n'outra hospedaria. O conselheiro sempre á escuta, não dormiu.

Alta noite ouviu outra vez as fadas: Não sabes? Olha que o conselheiro livrou-a da morte. — Respondeu a segunda: Deixa, que o principe não se ha de gozar d'ella. Ha de passar ao pé d'uma macieira, ha de appetecer-lhe uma maçã, ha de comer e ha de morrer. — E a terceira responde: Quem isto ouvir e contar em pedra marmore se ha de tornar.

Diz o pobre conselheiro: D'esta é que eu não sei como me hei de livrar! ..—No outro dia foram-se embora. Passando proximo d'uma macieira, diz a princeza: Ai que maçãs tão lindas! Eu queria uma! — O principe voltou-se para o conselheiro: Vae e compra uma ou duas, seja por que dinheiro fôr.—Elle entrou dentro da quinta e quando lhe pareceu sahio e disse: Principe, meu senhor! O quinteiro não m'as vendia, dava-me quantas eu quizesse, mas as maçãs é só a vista, aquella pelle por fóra, o mais não presta para nada.

Bem, a princeza calou-se e continuaram o seu caminho até ao palacio. Muita festa, muita alegria do principe ter apparecido e trazer a princeza e determinou-se o casamento.

(Aqui pára a sr.^a Marianna e estendendo a mão direita, diz:)

Mas o conselheiro não socegava! N'essa noite não se deitou e foi para a janella. Ouviu as fadas: Olha, não sabes? O conselheiro livrou-a da morte.—Responde a outra: Deixa que não ha de escapar. Na noite do casamento quando estiverem a dormir ha de vir uma fera e ha de engulir-a, que o principe não se ha de gosar d'ella.—E a terceira: E quem isto ouvir e contar em pedra marmore se ha de tornar.

Diz o conselheiro: Agora é que eu não sei como hei de fazer isto!... Vae estar uma partida boa! Emfim, sempre se ha de arranjar alguma coisa.—Casaram, houve uma grande funcção, repiques de sinos em todas as egrejas (para a sr.^a Marianna não pode haver festa sem toque de sinos), tudo muito contente até que chegou a noite. Então foi o conselheiro pedir licença para se recolher e meteu-se debaixo da cama da princeza. Depois, quando se acabou a festa foram os noivos e deitaram-se.

O conselheiro debaixo da cama tinha uma espada comsigo. Lá pela noite velha sente elle um grande barulho pelo quarto.

(A sr.^a Marianna conta isto tão bem que a gente estremece de pavor e de penal)

O principe e a princeza estavam a dormir, mas o conselheiro vê vir aquella grande fera a rojar-se pelo chão e já de bocca aberta para engulir a princeza. Diz elle: Senhor, dae-me valor! Vem a fera direita á cama e elle vae com a espada e zás! matou a logo, mas o sangue saltou ao principe, que, acordando, mandou accender as luzes e

vendo o conselheiro de espada na mão, e elle proprio cheio de sangue, disse muito zangado : Ah! ingrato! Tu querias matar-me para casar com a princeza! Já para o oratorio, que no fim de tres dias has de ir a enforcar. — A fera como era encanto tinha se sumido logo.

Ao fim de tres dias estava o conselheiro prompto para morrer e disse ao principe : Real senhor, vou morrer e desejava que me concedesse o favor, que lhe peço.

O principe consentiu em que dissesse o que queria.—Quero dizer uma cousa diante de todo o povo.—O principe, que já então era rei, respondeu: Sim, conta. Dize o que te parecer.—O conselheiro disse: Já que vou morrer, quero contar o que me aconteceu. Lembra-se quando eu lhe disse que a princeza estava em tal sitio e eu fui com o principe buscal-a? — Sim, lembro-me! —Pois ouvi tres fadas que disseram que quem isto ouvisse e contasse em pedra marmore se tornasse. Fizeram lhe-se os pés de pedra marmore. Depois continuou: Lembra-se quando a princeza pediu agua?... Ella era bôa, mas as fadas disseram que se d'ella bebesse d'ella morreria. E quem isto ouvisse e contasse em pedra marmore se tornasse. Ao dizer isto ficou em pedra até aos joelhos. Já o principe não queria que elle contasse: — Bom, bom, não contes mais!

— Não senhor! Agora hei de contar até ao fim. Lembra-se quando passámos pelas maçãs?... Ellas eram bôas mas as fadas tinham dito que a princeza morreria se d'ellas comesse. E quem isto ouvisse e contasse em pedra marmore se tornasse. Ficou em pedra até á cintura (diz a sr.^a Marianna gravemente.) Depois continuou e conselheiro: Lembra-se do dia do casamento? Eu não dormi e ouvi as fadas dizerem, que o principe não se gosaria da princeza, que viria uma fera que a enguliria. Foi então que eu me escondi debaixo da cama e quando a fera appareceu matei a com a minha espada; ella sumiu-se e o sangue saltou á cara de vossa mgestade. E quem isto ouvisse e contasse em pedra marmore se tornasse.

Ao acabar de dizer ficou todo em pedra.

Ficaram muito tristes, a princeza e o principe, porque não tinham outro amigo como aquelle, que fizesse o que elle tinha feito.

Requereu a princeza a pedra marmore para o seu quarto. Um dia disse ella ao marido:

— Principe, meu senhor. Eu tive um sonho tres noites a fio, e n'elle soube que hei de ter um filho e dego-lal-o á nascença e, aparando o sangue n'uma bacia, com elle lavarei a pedra marmore dos pés até á cabeça. Emquanto a filhos, real senhor, ainda posso ter mais, amigos como aquelle, não. Elle me cobrou o meu encanto, pois á nascença eu fui encantada por tres fadas e aquella fera me entregaram e em pedra marmore me tornaram. Eu sou filha do rei assim, assim (a velhinha não se lembra de nomes e eu não quero inventar). Meu pae depois saberá onde eu estou.

Nasceu um menino muito bonito e a mãe foi com um alfange e cortou-lhe a cabeça, guardando o sangue n'uma bacia e juntando o corpo e a cabeça do filho, embrulhou-os n'um lençol. (Quando a sr. Marianna me contou isto assim, fiquei um tanto arripiada e disse-lhe: Olhe que isso não podia ella fazer! Quem é que mata um filho?... E não queria continuar a escrever. Respondeu-me logo: Olhe menina, aquillo era tudo encanto. Escreva que o conto acaba em bem.—Em vista d'isto continuei.) Depois foi a princeza á pedra marmore e untou-a com o sangue do menino, dos pés para a cabeça e quando acabou deu o conselheiro um ai, e disse : Em que somno eu estou, não me deixam dormir. — E logo ficou bom como era antes do encanto. Depois foram ver o menino e encontraram-n'o vivo, tal qual tinha nascido.

Palavras não eram ditas, os sinos que repicavam, criados que entravam e em palacio de seu pae que a princeza se encontrava acompanhada de seu marido, do seu menino e de todo o seu estado.

O pae ficou muito contente, deram muitas honras e bens ao conselheiro, houve muita festa para a festa, muita alegria e então é que de vez acabou o encanto, ficando todos muito felizes. (Terminou a sr.^a Marianna : Houve uma grande festa e eu fui lá e não me deram nada.)

Setubal

ANNA DE CASTRO OSORIO

DR. ALFREDO DA SILVA SAMPAIO



O illustre medico de quem damos hoje o retrato foi nomeado ha pouco guarda-mór de saude da cidade do Fayal, onde conta innumeradas sympathias. A'chegada do vapor Açor que levava a sua nomeação para aquelle importante cargo, houve regosijo geral que mais uma vez veio provar quanto o doutor Sampaio ali é estimado e querido.

Do nosso collega a *União*, de Angra transcrevemos os seguintes dados biographicos do doutor Alfredo da Silva Sampaio : O sr. Alfredo da Silva Sampaio é filho do distinctissimo medico sr. dr. José Augusto Nogueira Sampaio, que tem sempre entre os seus collegas occupado n'esta ilha o primeiro lugar, e de sua esposa ex.^{ma} sr.^a D. Emilia da Silva Sampaio.

Nasceu a 19 de setembro de 1862. Tendo cursado com distincção o Lyceu d'esta cidade, foi para a Universidade de Coimbra em 1880, completando a sua formatura em medicina em 30 de julho, de 1888, tendo obtido distincções nos 1.^o, 3.^o e 4.^o annos.

Vindo para esta cidade gosar dos carinhos dos extremos paes, foi nomeado cirurgião do *Hospital do Espirito Santo*, que então n'esse tempo tinha enfermaria especial, effectuando com proficiencia inexcédivel operações de alta cirurgia, taes como de cataracta, resecções e abertura de ventre, e tantissimas outras.

Durante dois annos e meio, e ainda por outras vezes em menores periodos, exerceu o sr. dr. Alfredo da Silva Sampaio o cargo de cirurgião militar de Caçadores 10, sendo os seus serviços recebidos com geral aprazimento pela guarnição, pela pontualidade e cuidado que lhe mereceu o desempenho d'esse cargo. Por vezes tem s. ex.^a regido interinamente no Lyceu d'esta cidade as cadeiras de phisica e mathematica, e os alumnos

são unanimes em fazerem elogio do excellente methodo que segue no ensino, com sensivel aproveitamento de seus discipulos, que o encaram mais como amigo do que como mestre.

S. ex.^a que ha pouco mais d'um anno constituiu familia ligando-se a uma distinctissima dama que lhe faz a felicidade pelos elevados dotes de coração que a exornam, tem d'esse feliz enlace uma adoravel creança em que ambos põem toda a sua adoração e enlevo.

LIVRO DE HORAS

(EXCERPTO INEDITO)

XI

Eu lia o *Primeiro de Janeiro* á mesa do almoço, n'um domingo claro, de sol, com sinos longínquos de missa.

A parte mais interessante do jornal são os annuncios:

«(15:47). Quem quizer tomar conta de uma creança de 11 annos, dá-se, por seu pae ter embarcado. Guindaes 73.—»

Ora aqui está! dá-se uma creança!

E morava na minha rua.

O meu visinho sapateiro, cheio de filhos e scenas dolorosas de miseria, mas encarando estas coisas da vida com a resignada philosophia dos pobres, não a conhecia; no entanto, percebendo que eu desejava dar-lhe alguma cousa, logo se me offereceu para a ir buscar.

Indeciso, deixei-o ir, mas, já a meio da rua, puz-me a chamal-o — pshiu! angustiosamente, a fazer-lhe signaes, a gritar-lhe — que não m'a trouxesse, eu não a queria vêr.

O homem, porém, não fez caso e, dizendo-me de lá com a mão que vinha já, desapareceu na esquina Nervosa, excitado, inquieto, arrependido já de tão triste curiosidade, fiquei-me á porta, ansioso, com os olhos no fundo da rua.

Demorou-se, demorou-se... enfim appareceu ao fundo com uma creancita pela mão.

Era uma rapariguinha suja, enfezada e magrita, despenteada, descalça, queimada pelo sol e chupada até aos ossitos pela miseria e pela fome.

— Ella cá está, senhor.

Fiquei-me callado, envergonhado, olhando-a, sem saber que havia de dizer lhe Ella olhava-me mámente do fundo dos redondos olhitos muito vivos, como um pequeno animal bravo e assustado. Ao mesmo tempo infundia-me intensa piedade e intenso horror!

— Como te chamas? pequena — perguntei-lhe.

Não respondeu.

O meu visinho, que a tinha presa pelo braço, sacudiu-a:

— Dize a este ar, como te chamas, lórpa.

Fez um brusco movimento para se lhe soltar da mão, para fugir.

— Está bem, pequenita, pega lá.

O meu visinho estendeu logo a mão; e, agradecendo, lá se foi embora com ella a entregal-a, muito contente de lhe ter arranjado aquella esmola.

Lá a levou pela mão... e quando a vi desaparecer ao fundo da nossa rua, senti cobrir-se de melancolia dolorosa e de revolta dór a minha alma.

Triste curiosidade!

Ficarei para sempre com esta sombra infantil a penar na minha consciencia.

XII

O pobre morto contou-me isto:

Maria Luiza, quando lhe declarei o immenso amor que lhe tinha, sorriu-se para mim e disse-me que a esperasse um anno.

De pé defronte de Maria Luiza, sahio do fundo do meu peito um grande solho, enguli em secco duas vezes, não tive palavra que dizer, e puxando rapidamente do meu lenço escondi n'elle uma esbrazada lagrima.

E virando costas, caminhei de vagar pelas esquinas sombras da tarde sob as arvores, tal como um homem fulminado que acaba de morrer, e que, envolto no seu sudario, se recolhe por seu pé ao sepulchro.

Quando já ia longe ouvi como um fio de claras perlas saltando-se.

Era Maria Luiza que se ria.

Um anno depois consumido lentamente de amor, as faces encovadas, os olhos brilhantes de intensa e mortifera febre, disse-lhe outra vez o meu amor, bradei de novo:

— Porque me não amas tu? Maria Luiza.

Sorriu se e respondeu-me que a esperasse outro anno.

Outro anno passou e outro e matei-me.

Deitaram-me então n'esta cova onde procuro esquecer, dormir. E quando ouço passos na rua d' murta alta que passa ao pé do meu tumulo, accordo, estremeço e chamo:

— Maria Luiza! és tu? Maria Luiza?

O passante pára, parece que escuta, mas como me não conhece a voz julga que é folha d'arvore que cahê, suspiro de fiór de outomno desfolhando-se no chão das sepulturas e... passa.

XIV

Muito cedo, de manhã (estava a desmaiar no azul uma estrella branca) empurrei o portão da quinta e sahi para os montes, em passeio largo com o meu cão.

Subi, desci, bebi haustos de ar purissimo, ouvi a cotovia, vi sahir o gado, nascer o sol, principiemos os trabalhos nos campos, e por fim sentei-me a descansar n'um souteirno, á beira de uma humilde fonte musgosa que cantava na sombra, debaixo d'um castanheiro.

— Ora muito bons dias, menina.

Eu salvava assim uma fresca e bonita moça que junto á fonte, as mãos nas ilhargas, esperava, n'aquella doce solidão, que o seu cantaro se enchesse.

Ella salvou-me tambem, cheia de graça:

— Muito bons dias, meu senhor.

Que interessante! Que bem feita! que appetitosa rapariga! A sua casa devia de ser aquella cujo telhado, fumando, d'alli se via por entre as arvores floridas d'um pomar.

Pedi-lhe então que me desse de beber que estava a morrer de sede.

Tirou o cantaro da boca, que já deitava por fóra, pousou-o na bsira tosca do tanque, inclinou-o e sorriu-se para mim, offerecendo-m'o.

Bebi, bebi — era um nectar delicioso dado com tão graciosa vontade — bebi:

— Ah!... o Senhor lh'o pague.

— Nanja por isso.

E enchendo uma pequena cova do chão deu de beber tambem ao meu cão que estava com a lingua de fóra.

— O Senhor Deus de Abrahão lh'o pague, disse, de novo, agradecido, ajudando-a a erguer o cantaro.

E disse assim porque com elle á cabeça, os braços levantados segurando-o, esguia e morena, trança negra, olhos negros, era exactamente uma moça hebraica, Rebecca por exemplo, voltando da fonte depois de ter dado de beber a Eleazar e aos seus camellos.

Porto

GUILHERME GAMA

G. FRANK

Gillot & Co.

CURIOSIDADES CIENTIFICAS

O BARCO DESINFECTANTE
DO SERVIÇO SANITARIO DE NEW-YORK



O «JAMES W. WADSWORTH» encostando a um vapor

umas escotilhas que communicam com a parte superior, de tal modo que os objectos que estão para desinfectar são descidos pela de traz, são recebidos directamente na gaiola, passam com ella para a estufa, e sahem pela outra extremidade depois da desinfecção, sendo trazidos para a ponte pela escotilha da prôa. A' direita e á esquerda ha duas salas de duches distinctas communicando de uma banda com uma antecâmara onde os viajantes se despem, e d'outra banda com uma sala onde se vestem. Estes, chegando á ponte do *Wadsworth*, dirigem-se para a entreponte onde se dividem em dois grupos, passando as mulheres para a direita e os homens para a esquerda. Penetram assim nas antecamaras onde se despem e dirigem-se depois para as salas dos duches; alli, enquanto são lavados dos pés á cabeça ou simplesmente em agua pura ou em agua misturada com um antiseptico, os seus fatos são transportados para a estufa e sahem d'alli para serem postos outra vez nos quartos de vestir. Tudo isto está disposto de tal modo que é impossivel passar da pôpa para a prôa do barco, sem atravessar a estufa ou as salas de duche.

Não é senão depois d'esta operação preliminar, a que são principalmente submettidos os immigrants, que se permite aos viajantes desembarcar.

Para a desinfecção dos navios, o barco é munido de um forno d'acido sulphuroso, collocado á prôa e contendo quatro grandes caldeiras em que se queima enxofre. Um ventilador recebe os vapores d'acido sulphuroso produzido nos tubos de distribuição que terminam na parte superior e d'onde, por meio de azelhas de panno, podem ser dirigidos para as diversas partes do navio a desinfectar. Em poucos minutos obtem-se assim um volume sufficiente de vapores sulphurosos para encher os menores recantos do navio. Além d'isto, o *Wadsworth* tem um reservatorio contendo uma solução bi-chlorureto de mercurio que se pôde projectar com o auxilio de uma pequena bomba sobre as paredes do navio, por toda a parte onde se suspeita a presença de generos infectuosos.

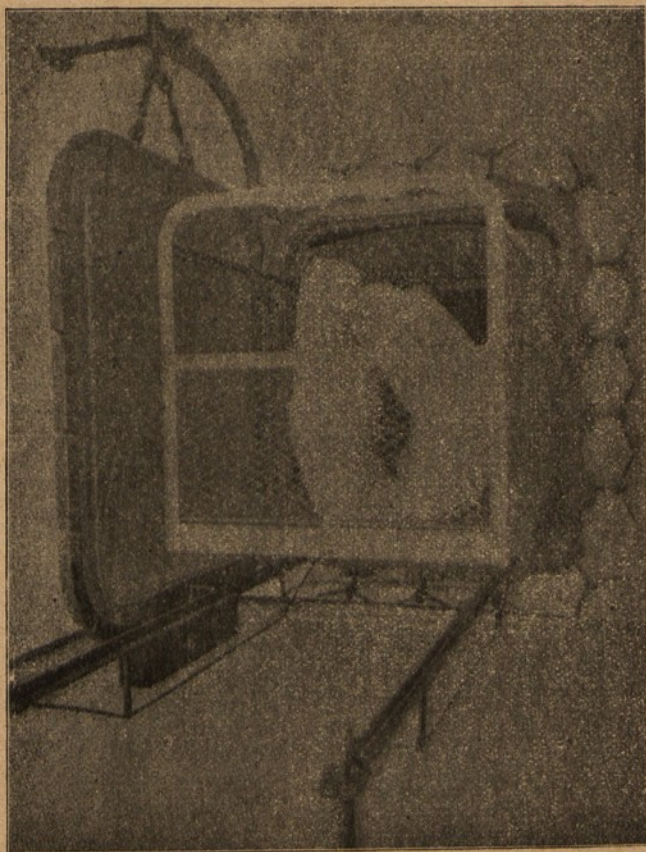
Como se vê d'estas indicações acham-se

O lazareto de New York, construido nas margens de Staten Island, perto do forte Wadsworth, possui, além das instalações habituaes dos estabelecimentos d'este genero, uma flotilha de barcos, dos quaes o mais interessante é o *James W. Wadsworth*, que damos em photographura.

Este barco é munido de uma installação completa de desinfecção para o tratamento dos viajantes suspeitos, dos seus fatos, bagagens, colções, etc., e ao mesmo tempo para a desinfecção dos navios que a tenham transportado.

A estufa de desinfecção representada na nossa 2.ª photographura está collocada á pôpa do barco. Tem o aspecto de uma caldeira de paredes duplas, em que os dois fundos fossem moveis, e é atravessada por uma gaiola de ferro que gyra sobre *rails*. Quando está em serviço, é fechada por duas portas presas por cavilhas de autoclaves, de modo a conservar-a hermeticamente cerrada. E' aquecida pelo vapor que vem das duas caldeiras do barco e que circula entre as paredes quando se quer obter na estufa um calor secco, ou injectada directamente no apparelho quando se quer produzir calor humido.

Nas duas extremidades da estufa ha



Estufa de desinfecção do «JAMES W. WADSWORTH»

reunidos no *Wadsworth* todos os mais aperfeiçoados aparelhos e processos para uma desinfecção rápida e perfeita de um navio, com os seus viajantes e as suas mercadorias. Esta instalação, que faz a maior honra ao seu auctor, o dr. A. H. Doty, chefe de serviço de saude em New-York, poderia servir de modelo aos nossos paizes da Europa, onde os serviços sanitarios nos portos de mar tanto deixam a-desejar, principalmente em Portugal.

NATAL



A VENDEDORA DE PERUS

CONTO DO NATAL

A MOIRA ENCANTADA



EMQUANTO na lareira estalava o magusto e o vinho verde fervia nas canecas, a avósinha, uma velha muito velha e tam branquinha como as teias de linho a corár ao sol, toda crente em bruxas e duendes, cheia d'uma luminosa e candida fé sem nevoas de impiedade, falou assim á pequenada, que esperava, anciosa, a Missa do Galo :

— Ora contava minha mãe que Deus tenha em seu santo reino, e que era do tempo dos francezes, que por uma noite de Natal, clarinha de luar, foi encontrado ali no cimo da serra, nas escadas da capellinha das Almas, um menino de tenra idade, tam branco de côres, que era uma graça do ceu vê-lo, embrulhado n'umas faixas de sêda, pelos modos, de grande riqueza. Ora esse menino, foi recolhido por um casal de lavradores de grandes haveres, e tratado com grandes mimos, porque tudo é obra de Deus e os lavradores eram podres de ricos e não tinham filhos. Queriam elles ao menino de dentro do coração e elle crescia que era um louvar a Deus e era o palmo de cara mais lindo, que a Rosa Divina cobria em todo o mundo. Minha mãe que ainda o viu, partia-se-lhe o coração só de pensar que ha mães de tam más entranhas que podem assim tratar os filhos da sua alma. Andava o menino pelas quebradas dos montes atrás da manada, por gosto, que não por vontade dos lavradores, porque elle era o ai Jesus da casa e tam franzininho como um Sant'antoninho onde te porei.

Quando mais crescia, mais lindo era e quando um dia o mandaram á escola, isso, o professor ficou estarecido daquella da creança. Pelos modos, o piqueno, adivinhava as coisas, e tanto que d'ahi a um anno, já elle sabia mais do que o professor. Vae se não quando, um dia, o menino, saiu ao luzir da estrella d'alva a mais a manada e por lá se ficou todo o dia até horas velhas, porque deu em adormecer perto d'uma fonte, muito atreita a coisas más. Quando o meu Manoel andava de namoro comigo, contou-me elle que uma vez, altas horas da noite, lhe saiu d'essa fonte um medo, d'arripiar, e logo lhe tomou a fala. Crédo, eu t'arrenego, inimigo tentador ! Mas como eu ia dizendo estava o menino a dormir socegado como um anjo, quando appareceu uma moira encantada e logo deu com os olhos n'elle e o acordou. Vinha para se penteiar ao luar, e trazia na mão um pente d'estrellas. Acordou o menino e ficou-se a olhar a moira — má mez p'ra ella ! — sem poder falar, como aconteceu ao vosso avô. Vae ella, passa-lhe a mão pela face, e disse lhe assim :

— Como te chamas tu, meu anjinho ?

A creança, já com o uso da fala, respondeu :

— José.

— E ainda tens mãe ?

— Nunca vi a mãe.

— Não, meu menino, não, que se a tivesses, não te trazia ella até tão tarde por aqui. Olha, queres ir para o ceu, que está lá tua mãe ?

— Quero, quero . . .

— Pois então pede a Deus que te leve, meu anjinho.

A moira então, deu um beijo na creança, que era o beijo da Morte, e escondeu-se no seio das aguas.

Veio o menino para casa, começou a andar muito triste e os lavradores muito afflictos, porque lhe queriam como á menina dos olhos.

Um dia, caiu de cama e morreu ao dar a meia noite, que é a hora dos medos. Mas o mais bonito, é que quando elle morreu, encheu-se o quarto d'anjos d'azas abertas, todos com ramos d'assucenas e cirios acezos. No meio d'elles, estava Nossa Senhora a rir-se muito magoada, toda vestida de prata, com estrellas d'oiro nos cabelos. Ora Nossa Senhora e os anjos vieram, sabeis vós para que ? . . .

— P'ra que foi, avósinha.

— P'ra levar o menino direitinho ao ceu. Vá agora lá a gente escarnecer de medos e de moiras ! . . . Porque isto foi um caso acontecido ! . . .

João GRAVE.

6 Perú fugido



SANTA ANGELIA

(CONTO PARA O NATAL)

1

N'um monte pedregoso e deserto, junto de um grande castello em ruina, um moço triste deixa fluctuar pelo espaço o seu olhar maguado e absorto. Um clarão expirante de crepusculo penetra a pay-sagem de sonhadoras melancolias. Subito, um vulto feminino, todo illuminado pela graça espiritual de dois grandes olhos virgens, apparece, como trazido sobrenaturalmente pelos ultimos raios da luz. E' *Santa Angelia*. Vem disfarçada em pastora. O seu cajado, florido como o de S. José, é feito d'uma vara de aquella oliveira que deu a pomba da Arca, o ramo da Paz; e quando falla, todos os ecos repetem a sua voz, como se legiões de anjos adolescentes estivessem a saudal-a do céu, em festivas hosannas de triumpho.

SANTA ANGELIA :

Castellão das serras, Castellão das serras,
Que estás tu a olhar ?
Olha as tuas terras...

O CASTELLÃO :

Que me importa as terras !...

SANTA ANGELIA :

Talaram-nas guerras...

O CASTELLÃO :

Venham outras guerras

Para me matar !...

SANTA ANGELIA :

Castellão das serras, com esse abandono,
Ficas pobre e só !...

O CASTELLÃO :

Que me importa o Mundo ? — vem ahi o outomno,
Vou cultivar rosas, n'um ultimo somno,
Debaixo do pó !

SANTA ANGELIA :

Castellão das serras, olha os teus castellos
A ruir, além...
Ali tu nasceste, mais teus sonhos bellos...

O CASTELLÃO :

Naða resta d'elles... São ultimos élos :
Que caíam tambem !

SANTA ANGELIA :

Recordas-te agora de alguém que ia, outrora,
Moço castellão,
Implorar á Virgem uma luz guiadora
N'este val de máguas ?..

O CASTELLÃO :

Era eu, Senhora,

Que resava então...

SANTA ANGELIA :

E não resas hoje ? Nem lembras os idos
Dias do teu lar ?...
Orações de berço, príncipes fugidos...

O CASTELLÃO :

Ah, sim ! esses vejo-os, — phantasmas queridos ! —
Vejo-os a chorar !...
Como quem, de longe, á sua patria vindo,
Encontra, meu Deus !
Velhas, as creanças que beijara rindo,
Mortos, os velhinhos que abraçara, ouvindo
Gemer um adeus !...
— Que doce tristeza, nas horas suaves
De esse recordar !...

SANTA ANGELIA :

Regressa ao Passado, reedifica naves...

O CASTELLÃO :

Sou como os cyprestes, onde nem as aves
Querem habitar !

SANTA ANGELIA :

O Amor puro é como promessa cumprida,
Que esconjura a Dór...

O CASTELLÃO :

Amor ? !... E quem ama, no Mundo homicida ?...

SANTA ANGELIA :

Tudo, tudo, acorda ; tudo sente vida,
Quando é grande o amor !

O CASTELLÃO :

Mas quem és, Senhora de voz que acarinha,
Quem és, afinal ?...

E's alguma Santa, que desceu, sósinha,
Do altar doirado de uma capellinha,
P'ra afastar o Mal ?

A' fé, que és mais bella que as flores do monte
Que vês acolá ;

Tua voz, se fallas, é agua de fonte :
Tem echos perdidos n'algum horisonte
Sem memoria já !..

— Quem és tu, Senhora ? — que ao ouvir-te, sinto
No meu coração,
Vozes apagadas n'um echo indistincto,
Vozes que me fallam de um Passado extincto,
Vozes de illusão ?...

SANTA ANGELIA :

Olha os teus castellos, torres de menagem,
Além, a cahir...

O CASTELLÃO :

Que me importa o Mundo, se assim tua imagem
Fôr sempre formosa, e me déres coragem
Para te seguir ?...

SANTA ANGELIA :

Olha os teus castellos, Castellão creança,
N'uma ruina vã...

O CASTELLÃO :

Mas como hei-de erguel os, sem uma esperança ?...
— Ah ! vem tu, Senhora, dar-me confiança,
Vem ser Castellã !...

SANTA ANGELIA :

Castellã, mas, como ?... — Vê que sou pastora...
Meu cajado o diz..

O CASTELLÃO :

Tu és Santa Angelia, conheço-te agora !
E's uma enviada de Nossa Senhora,
Que me quer feliz !

II

Dias volvidos, uma Primavera excepcional dá á natureza uma alegria de noivado: flôres e aves, perfumes e cantos. Junto do seu castello remozado, o Castellão das serras deixa impregnar os olhos extasiados, na festiva alleluia da pay-sagem. Um velho Peregrino perpassa ; e na inquietação receiosa dos seus gestos, trahe-se a commoção de uma grande surpresa.

O PEREGRINO :

Castellão das serras, Castellão das serras,
Que estás tu a olhar ?...
Vês as tuas terras ?...

O CASTELLÃO :

Já dão flôr, as terras !...

O PEREGRINO :

Andam por lá guerras...

O CASTELLÃO :

Que festivas guerras :
Pombas a brigar !...

O PEREGRINO :

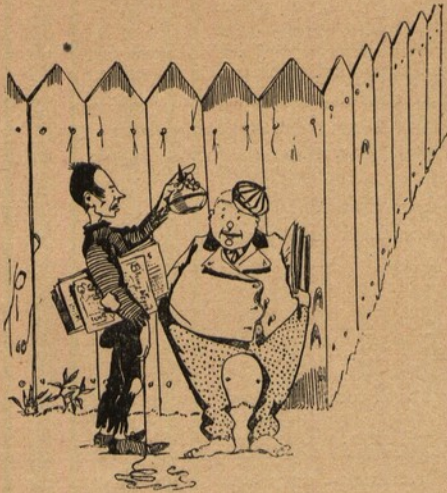
Olha os teus castellos erguidos, no espaço !...
Quem foi que os ergueu ?...
Gigantes, guerreiros couraçados de aço ?..

O CASTELLÃO :

Um anjo que a Virgem tinha no regaço
E me enviou do céu !

D. JOÃO DE CASTRO.

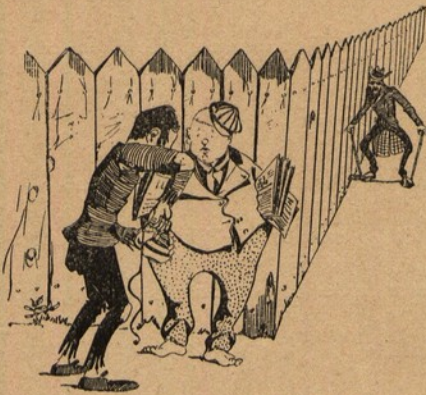
O FIÃO NOVO



1 — Olha! comprei um pão novo,



2 — Ora vamos lá a ver se furas esta chapa



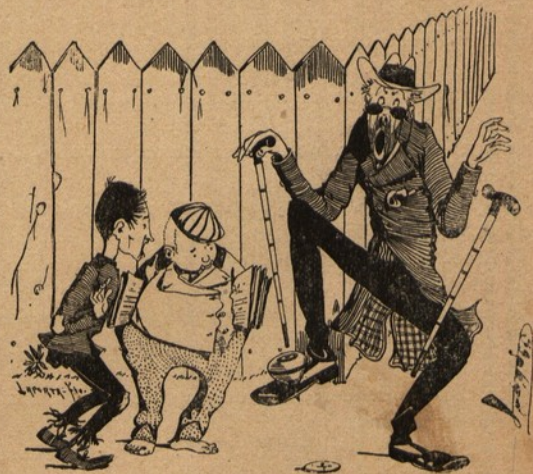
3 — Ai não, não furo...



4 — Uma! duas!...



5 — Tres)



6 — Uil... i... i...!

CANTARES MONTENEGRINOS

A proposito do recente casamento da princeza de Montenegro, recordemos que o principe Nicolau I, Pétróvitch Niégoch, tem continuado as tradições poeticas dos antigos soberanos montenegrinos.

Cantando todos os acontecimentos importantes do seu reinado, recordando as tradições, a historia da sua raça, dizendo as suas esperanças, as aspirações da nação servia, o principe actual do Montenegro tem creado novos archivos populares accessiveis a todos e que o *gouzlar* revela, durante as compridas noites de inverno, aos rudes montanhezes reunidos em volta d'elle.

As obras poeticas publicadas até hoje por Nicolau I acham-se condensadas em tres volumes: a *Balkanska Tsaritsa* (a imperatriz dos Balkans), tragedia, *Piémé* (cantares), e *Piësnik i Vila* (o poeta e a Vila — Nympha da mythologia servia).

Damos, como curiosidade, alguns extractos dos *Piémés* :

A' SOMBRA DE MEU PAE

«Durante o meu reinado, as horas que tenho podido roubar aos negocios, consagrei-as a compôr cantares para celebrar a sombra de meu pae.

Foi elle o primeiro que me ensinou o A e o B; tudo o que eu sei, tudo o que eu possuo, devo-o á sua mão.

Com as lagrimas nos olhos, elle contava-me o que outr'ora succedeu; e eu promettia servir de todo o meu coração, a causa servia.

Foi um depósito sagrado que elle me confiou, para que o transmitta imperecível, ordenando-me que sacrifique tudo por elle e que nunca desespere :

«Sê valente e os bravos seguir-te-hão sempre; se succumbires, as *Vilas* tecerão coroas funerarias ao teu heroismo. A vida é curta e illude-nos com esperanças vãs; honra, lealdade, eis o que nos dá accesso a um mundo melhor.»

Assim meu pae querido me falou na sua agonia, quando a sua alma deixou este mundo e o seu filho.

O' sombra bemdita e querida, repousa em paz!... Sempre me inspirarei na tua vontade e nos teus conselhos.

O SINO DO MOSTEIRO DE TSÉTIMÉ

No meio dos campos como na montanha, quando ouve a tua voz, o homem ergue os olhos para o céu e implora o perdão dos seus peccados.

De joelhos em terra, elle reza: «Vem em meu auxilio, ó Senhor, ó meu Deus!» Põe as mãos e accrescenta : «Meu creador, tem piedade de nós!»

Sôa, sôa, sôa os teus accordes harmoniosos; é ali que está o altar da Servia; por ti ondas de sangue teem corrido; tu és o dom do Christo Deus.

Fendendo o ar e as nuvens, que os teus sons penetrem até á aguia; que elles saúdem todos os heroes, a gloria do nosso seculo :

Kurageorges e Danilo... e dize lhes, ó sino, que por maior que ella seja, o meu povo quebrará o poder turco (1850).

A MINHA PATRIA

Tenho te cantado, patria, sobre o cume das tuas montanhas; tenho-te cantado nos valles; tenho te cantado no fundo dos precipicios.

Tenho-te cantado nos templos e sob a abobada azulada do teu céu; em toda a parte o meu coração é um altar a ti consagrado.

Tenho-te cantado de longe; o desejo de te tornar a vêr faz-me chorar; por ti me tenho consumido; de ti me tenho orgulhado.

Cantei-no Hofluy, no Palacio de inverno e no Kremlin; lá longe implorei Deus para a tua prosperidade e a tua grandeza.

Comparei a tua pobreza ás riquezas que resplandecem lá fóra; e sinto-me mais feliz sobre os teus rochedos do que o seria no proprio Paraiso.

Tenho visto as riquezas d'outrem, onde o mundo vive na opulencia, e recordei-me da penuria dos teus heroicos filhos;

E então cantei-te, cheio de orgulho, ó minha patria. Rara é a nossa abundancia, extrema a tua pobreza!

Porque o ouro de Veneza te foi offerecido mais de cem vezes; mas com altivez e desdem a tua rude mão o repelliu.

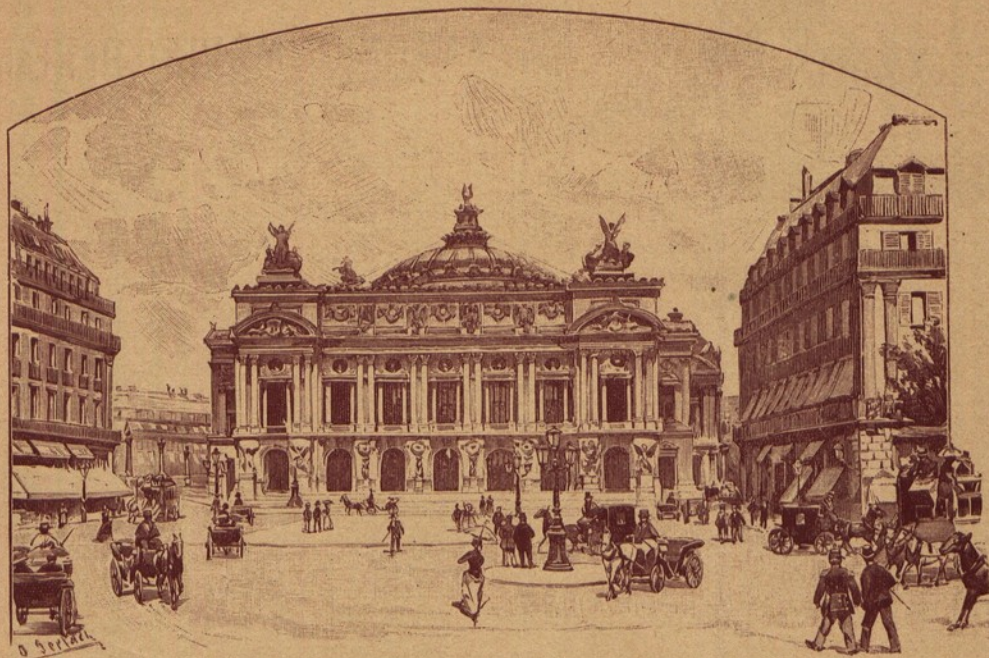
Em breve tu terás sobrevivido ao poder de Stambul e do Sultão; e esse poder selvagem, ó minha patria, foste tu que o despedaçaste.

De colera e de raiva o lyão de S. Marcos rugiu contra ti e voltou a atacar-te, mas retirou-se de orelha cahida.

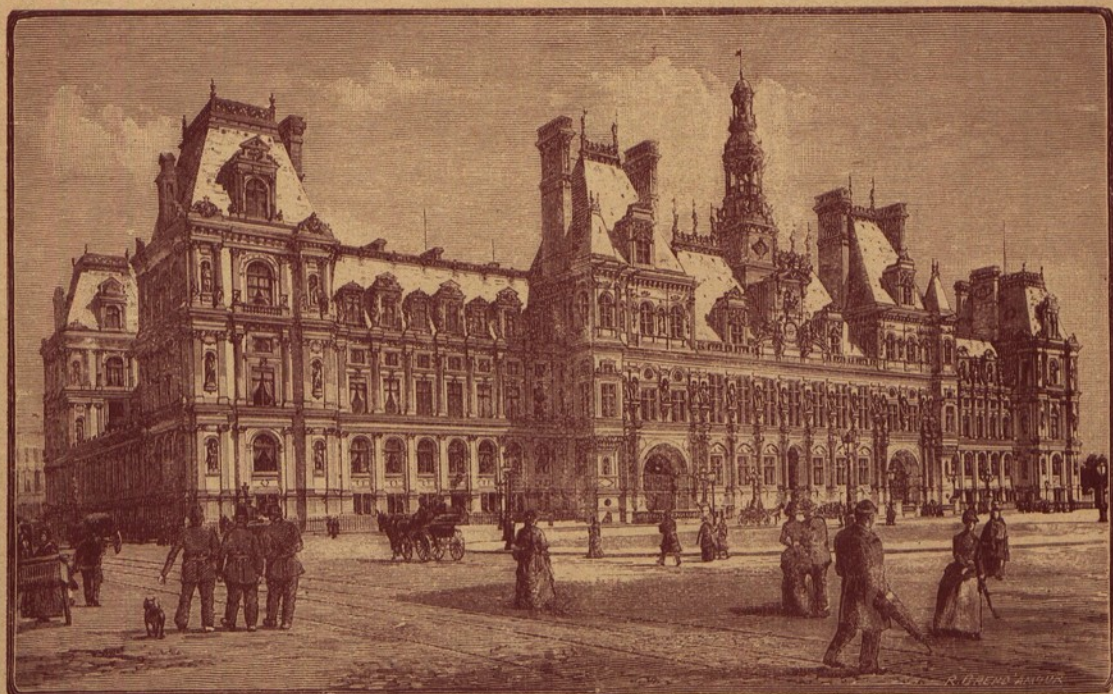
Como não havia eu de te cantar do ponto mais affastado da terra? Tu és para mim mais bella e mais querida que o proprio Paraiso de Deus.

VIAGENS NO EXTRANGEIRO

(PARIS)



A GRANDE OPERA DE PARIS



O HOTEL DE VILLE DE PARIS

LIVRARIA

DE

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52—Rua Augusta—52, 54

LISBOA

(Casa fundada em 1848)



EDIÇÕES DE 1895-96

Alarcão (D. Miguel de) — Manual de Gymnastica, 1 vol. com muitas grav., desenhos de Bordallo Pinheiro, br. 800 rs. Enc. 1.7000 rs.

— Velocipedia pratica, 1 vol. com grav., br. 300 rs. Enc. 500 rs.

Alves Mendes — Santo Antonio, celebre discurso, 1 vol. br. 300 rs.

Azevedo (Domingos de) — Primeiras licções de traducção da lingua franceza, 1 vol. br. 380 rs., 2.ª edição (no prelo).

— Significados das «Primeiras licções de traducção da lingua franceza», 1 vol. cart. 250 rs.

Baltzer (E.) — A alimentação segundo a natureza ou tratado completo theorico e pratico da cosinha vegetariana, trad. de Luiz Cardoso; 1 vol. br. 400 rs.

Barros Gomes (H de) — Convicções, estudos e leituras sobre litteratura, arte, philosophia, etc. 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

Barbosa de Magalhães (Dr. J. M.) — Codigo completo do Codigo Commercial. Esta publicado o 1.º vol., com 345 pag., 1.7500 rs. O 2.º sae em Janeiro.

Bentes (J. A.) — O novo systema de curar de L. Kuhne, 1 vol. br. 400 rs.

Bombarda (Dr. M. A.) — A epilepsia e as pseudo-epilepsias, 1 vol. com grav., br. 1.7000 rs. Enc. 1.7200 rs.

Bramão (Alberto) — A rir e a serio... livro de prosas, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Brandão (Raul) — Historia d'um palhaço (A vida e o diario de K. Mauricio) 1 vol. br. 400 rs. enc. 600 rs.

Bulhão Pato — O Livro do Monte, 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

Collecção economica — Romances dos melhores auctores, a 100 réis o volume. Volumes in-16.º de 240 a 360 paginas. Ha 17 volumes publicados. Sae um volume por mez.

Cornelius Nepos — Vida dos varões illustres, traducção litteral, auxiliar indispensavel aos estudantes de latim; 1.º folheto (abrangendo as primeiras seis vidas), 120 rs.; 2.º folheto (abrangendo

mais sete vidas, desde a de Trasybulo até á de Epaminondas), 120 rs.

Dantas (Julio) — Nada, 2.ª edição, com o retrato do auctor, 1 vol. br. 800 rs. E. c. 1.7000 rs.

Elementos de instrucção militar, por 2 officiaes do exercito; 1 volume, tratando dos seguintes assumptos: Equipamento, correame, armamento. Instrucção do tiro. Tactica elementar. Tactica de estacionamento, de marcha e de combate. Serviço interno e de guarnição. Destacamentos e diligencias. Marchas pela via ordinaria, pela via ferrea e pela via fluvial. Leitura de cartas topographicas, orientação e avaliação de distancias. Principios de fortificação. Vias de communicacão militar: linhas telegraphicas, vias ferreas, estradas e pontes, sua inutilisação e reconstrucção; inutilisação das vias fluviaes; correspondencia por meio de signaes homographicos, de heliographos e lanternas. Principios de hygiene. Escripuração e administacão militar, etc., etc. 1 vol. com muitas gravuras, br. 500 rs.

Figueiredo (Anthero de) — Além .. 1 vol., edição de luxo, br. 400 rs.

Gama (Arnaldo) — Um motim ha 100 annos, nova ed., com o retrato do auctor, 1 vol. enc. 1.7000 rs.

Kuhne (Luiz) — Educação das creanças ou conselhos aos paes, ás mães e aos educadores, 1 vol. br. 200 rs.

Lopes Vieira (Dr. A. X.) — Hygiene das familias 1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.

Magalhães Lima (S. de) — A Obra Internacio-
nal, 1 vol. br. 400 réis.

Machado (C. de Pina) — Versos, 1 vol. com o retrato do auctor, br. 600 rs.

Magalhães (Valentim de) — A Litteratura brasileira; ensaio critico, seguido d'uma distincta anthologia, em prosa e verso, dos mais notaveis escriptores do Brazil, 1 vol. com muitos retratos, br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Mesquita (Marcellino) — Na azenha, (contos) 1
br. 500 rs.

— O velho thema, drama, 1 vol. br. 400 rs.

— Dôr suprema, tragedia burgueza, 1 vol. (2.ª edição, no prelo).

Moraes (Paulo de) — Manual d'Agricultura pratica, 1 vol. de 820 pags. formato grande, com 222 gravuras, enc. 4\$000 rs.

Moraes (Wenceslau de) — Traços do Extremo Oriente, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Nova Collecção Pereira — Volumes a 50 réis, de 140 a 176 paginas, das obras mais notaveis das diversas litteraturas, traduzidas em portuguez. Ha 3 volumes publicados, a sáber: *Port-Tarascon*, de Daudet; *D. Carlos*, de Saint-Réal; *Madame Chrysanthème*, de Pierre Loti. Saem 2 volumes por mez.

Oliveira Martins (J. P.) — O Principe Perfeito, 1 vol. precedido d'um desenvo vido prefacio, por H. de Barros Gomes. Edição de luxo, illustrada. Br. 2\$000 rs. Enc. 3\$200 rs

— Systema dos Mythos, 2.^a ed. 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

— Historia da Civilização Iberica, 3.^a ed. (posthuma), 1 vol. br. 700 rs. Enc. 900 rs.

— Elementos d'Antropologia, 4.^a ed. (posthuma). 1 vol. br. 700 rs. Enc. 900 rs.

— Cartas Peninsulares, 1 vol. prefaciado por seu irmão. Br. 600 rs. Enc. 800 rs.

— Portugal Contemporaneo, 3.^a ed. (posthuma), 2\$000 rs. Enc. 2\$400 rs.

Oliveira Mascarenhas (J.) — Crimes celebres: I, O piloto do brigue Santo Antonio; II, A familia Silveira. Cada volume, 100 rs. br., ou 200 rs. enc

Pimentel (Alberto) — A Guerrilha de Frei Simão romance historico, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Pinto Martins (A. D.) — Manual de esgrima, 1 vol. com muitas grav., desenhos de Bordallo P. nheiro, br. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

Queiroz (Eça de) — Almanach Encyclopedico para 1897, (2.^o anno), 1 vol. illustrado, br. 500 rs. Cart. 600 rs.

Queiroz (Teixeira de) — Morte de D. Agostinho, 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

— Os noivos, 2.^a ed. refundida, 2 vols. br. 1\$200 rs. Enc. 1\$600 rs.

— Arvoredos, contos escolhidos, 1 vol. illustrado por Casanova, br. 800 rs. Enc. 1\$100 rs.

— Amores, amores... romance (no préio) 1 vol.

Queiroz Ribeiro (A. de) — Cinzas, poema lyrico, 1 vol. br. 700 rs. Enc. 1\$000 rs.

Raposo Botelho (J. N.) — Dicionario de moedas, pesos e medidas de todas as nações do mundo, com todas as indicações geographicas, commerciaes e estatisticas proprias d'um dicionario de commercio, 1 vol. enc. 800 rs.

Ramalho Ortigão — O culto da arte em Portugal, 1 vol. br. 600 rs.

Sanches de Baêna (Visconde de) — Bernardim Ribeiro, estudo biographico e genealogico sobre

este illustre poeta, e esclarecimento do mysterio em que até aqui a sua historia se achava envolvida; com um prefacio de Theophilo Braga. 1 vol. br. 400 rs.

Salgado (João) — Tragedias da vida, romance, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Serpa Pimentel (Antonio de) — Portugal moderno, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Silva Pinto — Philosophia de João Braz, 1 vol. com o retrato de Silva Pinto, br. 500 rs. Enc. 700. — N'este valle de lagrimas, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

— A queimar cartuchos, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700.

— Santos portuguezes, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700.

Sousa (José de) — O mysticismo (2.^o volume da *Bibliotheca scientifico-philosophica*), 1 vol. br. 600, enc. 800 rs.

Torrezão (Guimar) — Almanach das Senhoras, para 1896 (26.^o anno) 1 vol. br. 240 rs. Cart. 320 rs.

— Almanach das senhoras, para 1897 (27.^o anno) 1 vol. br. 240 rs. Cart. 320 rs.

— A Estação de Paris, o melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora. Sáo duas vezes por mez. Cada numero com figurinos coloridos 200 rs.; com os figurinos só a preto, 150 rs. (Por assignatura sáo muito mais barato).

— A Chronica, publicação illustrada; 21 numeros publicados com retratos e biographias de personalidades em evidencia na sociedade portugueza; cada n.^o 100 rs.

Travassós Lopes (J. Q.) — Historia dos animaes, noções amenas de zoologia para creanças, com grande numero de anedotas, episodios, historietas, etc. Illustradas com muitas gravuras, 2 vol. br. 400 rs. Enc. 800 rs. (Vendem-se separadamente).

— Os contos da avósinha, historias para creanças, 2 vol. com gravuras, br. 320 rs. Enc. 720 rs. (Vendem-se separadamente).

— A Chave da Sciencia, por Brewer e Moigno. Nova traducção, extraordinariamente desenvolvida e ampliada pelo traductor, e embelezada com centenares de gravuras, 1 vol. br. 1\$500 rs. Enc. 2\$000 rs.

Vaz de Carvalho (Maria Amalia) — Pelo mundo fóra, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs

— A arte de viver na sociedade, nova ed., 1 vol. br. 1\$000 rs. Enc. 1\$400 rs.

Vignerón (Ch.) — O distillador pratico, o livro mais claro, mais pratico e mais completo que existe sobre este assumpto, 1 vol. enc. \$500 rs.

Zé Jaleco (A. R. Duro) — Tauromachia, 1 vol. br. 400 rs.

Qualquer d'estas obras se envia pelo correio. com o augmento de 10 p. c. sobre estes preços para porte do correio, ou 20 p. c., sendo para o Brazil.

Não nos responsabilizamos pelas remessas que não forem registradas, mas só registramos aquellas para as quaes nos seja enviada a respectiva importancia de registro. Cada pacote de 2 kilos paga apenas 50 réis pelo registro, além do porte.

Não se attendem pedidos que não venham acompanhados da importancia.

PORTUGAL MODERNO

A QUÉDA (DO ANTIGO REGIMEN)

Por **ANTONIO DE SERPA PIMENTEL**

UM VOL. BR., 500 RS., ENCAD., 700 RS.

O LIVRO DO MONTE

(ECLOGAS E GEORGICAS)

Por **BULHÃO PATO**

1 Volume brochado, 600 réis, encad., 800 réis

OS DOIS RIVAES

ROMANCE DE ARMAND LAPOINT

TRADUÇÃO DE

JOAQUIM DE SEQUEIRA

1 Volume de 176 paginas,
brochado, 100 réis.



Novidades Literarias da Casa Editora Antonio Maria Pereira



CINZAS

POEMA LYRICO

DE

QUEIROZ RIBEIRO

Um volume br., 700 rs., encad., 1:000 rs.

UM MOTIM HA 100 ANNOS

CELEBRE ROMANCE DE ARNALDO GAMA

3.ª EDIÇÃO

Um volume de 400 paginas, com o retrato do auctor. Encad., 1:000 rs.

ELEMENTOS DE SCIENCIA SOCIAL, ou religião physica, sexual e natural

Exposição da verdadeira causa e do unico remedio dos tres principaes males sociaes : *A pobreza, a prostituição e o celibato*, por um doutor em medicina. Acaba de sahir a 2.ª edição portugueza, traduzida da 31.ª edição ingleza, revista e corrigida pelo auctor. Um bello volume de 550 paginas, 500 réis. Pelo correio, 550 réis.

A CHAVE DA SCIENCIA

OU

A explicação dos principaes phenomenos da natureza

OBRA AMPLIADA NA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA POR

HENRIQUE DE PARVILLE

TRADUZIDA EM PORTUGUEZ POR

JOSÉ QUINTINO TRAVASSOS LOPES

Completamente refundida pelo traductor e por elle enriquecida com um grande numero de novos exemplos, perguntas, definições, problemas, biographias dos benemeritos da sciencia, interessantes experiencias de physica recreativa, novos inventos, descobertas e applicações das sciencias, artes e industrias, etc., etc.

Embellizada com mais de 400 gravuras

Um bello volume, brochado, 1\$500 réis. Com uma linda encadernação especial a preto e ouro fino, 2\$000 réis.

Livraria do editor **ANTONIO MARIA PEREIRA** — Rua Augusta, 50, a 54 — LISBOA